

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**DA ALTA IDADE MÉDIA À ÉPOCA CONTEMPORÂNEA: RESULTADOS
DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO
DE OEIRAS (RUA DAS ALCÁSSIMAS) ENTRE 2000 E 2007***

***FROM THE EARLY MIDDLE AGES TO THE CONTEMPORARY PERIOD:
RESULTS OF ARCHAEOLOGICAL WORKS CARRIED OUT IN THE HISTORIC
CENTER OF OEIRAS (RUA DAS ALCÁSSIMAS) BETWEEN 2000 AND 2007***

João Luís Cardoso¹, Luísa Batalha², Guilherme Cardoso² & Maria da Conceição André³

Abstract

We present the study of post-Roman remains exhumed in excavations carried out between 2000 and 2007 in the Historic Center of Oeiras, in the space previously occupied by a Roman *villa* famous, for the mosaic found there in 1903 and attributable to the 3rd century AD. The most important conclusion to highlight from this contribution, which follows the publication in 2020 of another archaeological set collected in a nearby location, was the confirmation of the continuous presence of successive communities in that same space until the present day. In fact, remains from the High Middle Ages, the Islamic period, the Christian medieval period, the Modern Period and the Contemporary Period were identified. In this way, the continuity of the urban occupation of the town of Oeiras was demonstrated since the fall of the Roman Empire, a reality now proven through the archaeological works carried out by the Center for Archaeological Studies of the Municipality of Oeiras.

Keywords: Oeiras; Early Middle Ages; Islamic period; Christian medieval period; Modern Period; Contemporary Period

1 – ANTECEDENTES

O estabelecimento rural romano conhecido na literatura arqueológica como *villa* romana de Oeiras é conhecido desde 1903, altura em que José Leite de Vasconcelos publicou a existência de mosaico posto ocasionalmente a decoberto aquando do rebaixamento do terreno da casa setecentista ali existente (VASCONCELOS,

* Trabalho coordenado pelo primeiro autor, com base nos espólios das escavações por este dirigidas entre 2000 e 2007, com o apoio do último signatário. O segundo e terceiro signatários ocuparam-se da classificação dos espólios arqueológicos recolhidos. Os desenhos são da responsabilidade do segundo autor, de Bernardo Ferreira e de Filipe Martins, ambos do CEACO/CMO, e as fotografias são dos autores assinalados. Na discussão dos resultados e nas conclusões participaram os três primeiros signatários.

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador integrado do ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

² Associação Cultural de Cascais. gjpcardoso@gmail.com; batalhaluisa5@gmail.com

³ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). maria.andre@oeiras.pt

1903). Este mosaico passou desde logo a ser valorizado como peça musiva de assinalável importância no panorama das ocorrências conhecidas do território português, até que, em 1996, foi estudado em detalhe, após o levantamento gráfico de precisão anteriormente realizado (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996). A realização deste trabalho só foi possível em virtude de a Câmara Municipal de Oeiras ter adquirido o imóvel e terrenos anexos em 1990, tendo em vista a requalificação do conjunto no âmbito do programa “Habitação Jovem”.

Depois de concluído o levantamento gráfico do mosaico e tendo presente que a recuperação do imóvel obrigaria à remoção do mosaico, por forma a garantir a sua protecção e ulterior consolidação e também a viabilização de um programa de escavações susceptível de lhe conferir contexto arqueológico, identificando outras eventuais pré-existências conservadas no local, foi assumida a necessidade de remoção do mesmo do terreno, trabalho realizado em 1999.

A remoção do mosaico do espaço onde se encontrava implantado, realizado com a supervisão do primeiro signatário deste estudo (J.L.C.) antecedeu uma intervenção preliminar no local, realizada no ano de 2000. Foi assim possível verificar que existiam espólios e estruturas arqueológicas sob o mosaico, configurando pré-existências cuja cronologia importava caracterizar. Para o efeito, organizou-se um plano plurianual de escavações arqueológicas, dirigido pelo primeiro signatário deste trabalho, ao abrigo do Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia intitulado “Arqueologia do concelho de Oeiras”, coordenado pelo mesmo. As escavações realizaram-se sucessivamente nos anos de 2000, 2004, 2006 e 2007, com o objectivo de verificar o interesse arqueológico de toda a área de implantação do imóvel de fundação setecentista, e não apenas da área correspondente ao mosaico romano, tendo contado para o efeito com o apoio do Departamento de Projectos Especiais da Câmara Municipal de Oeiras, entidade responsável pelo processo de requalificação do respectivo imóvel.

2 – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS E RESULTADOS OBTIDOS

As escavações realizadas interessaram todas as dependências térreas do edifício de fundação setecentista situado na Rua das Alcássimas, no Centro Histórico de Oeiras, com entrada pelo n.º 36 e pelo n.º 30 da Rua da Costa (Fig. 1). Ao longo dos anos, os trabalhos tiveram o contributo de estudantes de Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa e de jovens integrados em programa de Formação em Arqueologia organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO em articulação com o Gabinete da Juventude/CMO.

As paredes que compartimentaram desde o século XVIII o piso térreo do edifício espaço arqueológico condicionaram a estratégia seguida na intervenções sucessivas e anualmente realizadas, seguindo-se no tempo a sequência da numeração das dependências presentemente existentes conforme se indica na Fig. 2.

A metodologia seguida na intervenção arqueológica consistiu no rebaixamento progressivo dos pisos dos diversos compartimentos, segundo camadas artificiais de 15 cm de potência, até se ter atingido em todos eles o substrato geológico, constituído por margas e calcários margosos do Cretácico (Cenomaniano Inferior). A profundidade dos espólios recolhidos foi invariavelmente registada e procedeu-se à crivagem integral das terras removidas, utilizando malha de 4 mm.

As duas primeiras dependências a serem intervencionadas (Sala 1 e Sala 2) correspondem à implantação do mosaico romano, cuja cronologia se pode centrar no século III ou IV d.C. A cronologia e os materiais recuperados nas épocas que dizem respeito ao presente estudo são muito escassos, conforme se pode observar no Quadro 1 e na Fig. 3. Com efeito a quase totalidade do espaço escavado nestas duas Salas encontrava-se

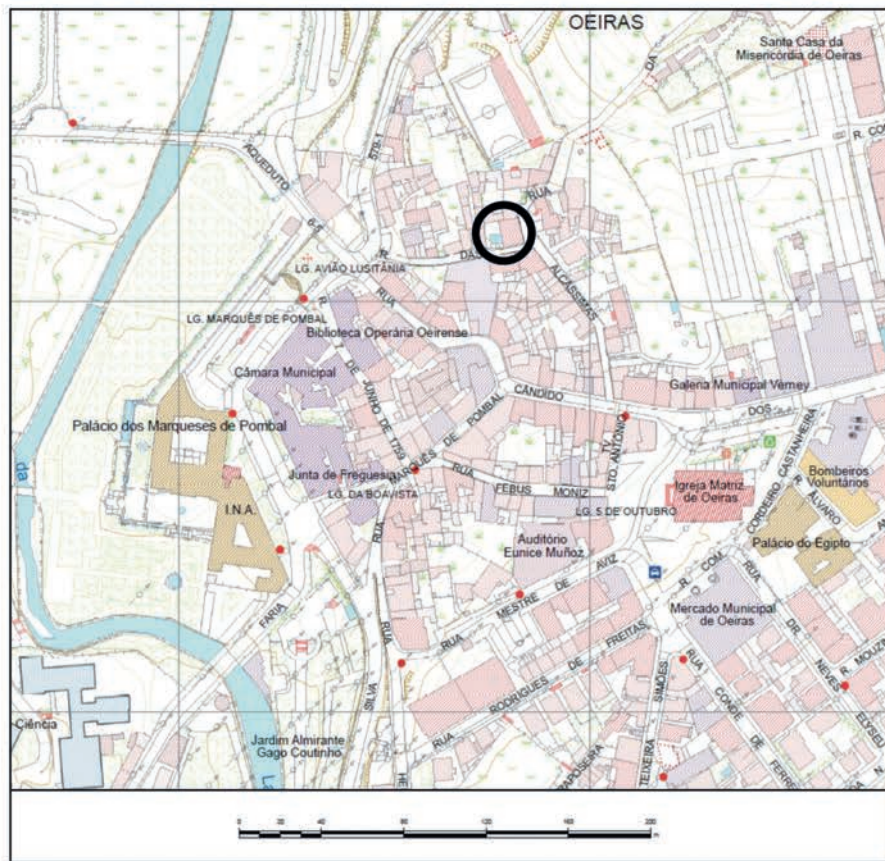


Fig. 1 – Localização do espaço onde se realizaram os trabalhos arqueológicos na malha urbana do Centro Histórico de Oeiras assinalado por círculo negro.

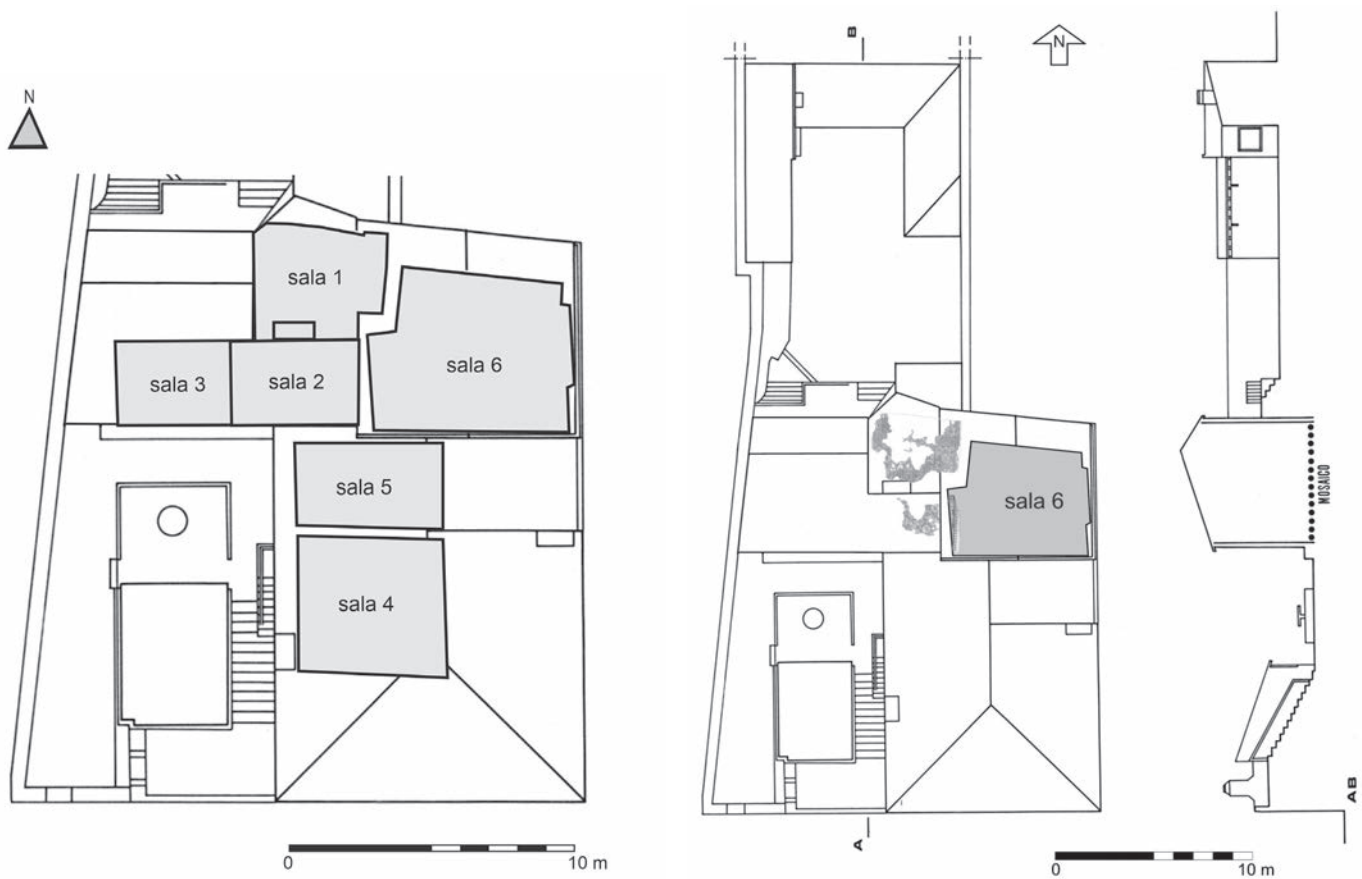


Fig. 2 – À esquerda: distribuição das salas escavadas na planta do piso térreo do prédio urbano do Centro Histórico de Oeiras com acesso pela Rua das Alcássimas n.º 36. À direita: implantação do mosaico romano no piso térreo do referido prédio urbano, com indicação da Sala 6, onde se identificou, em 2007, zona periférica daquele mosaico.

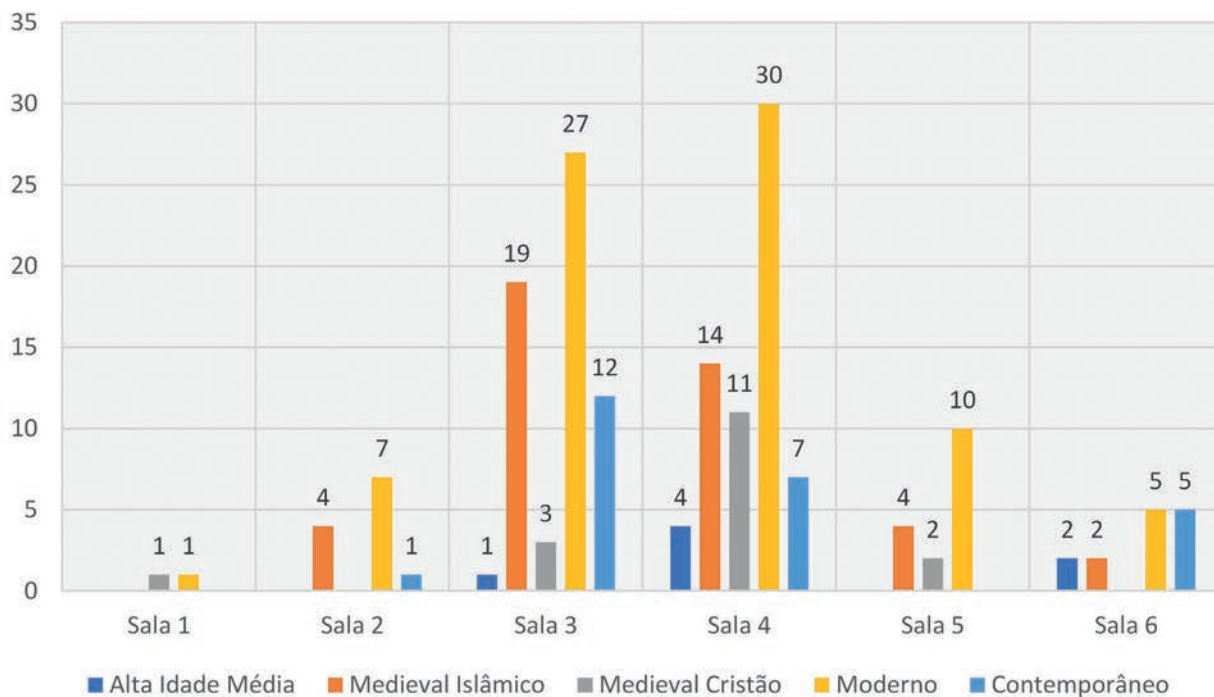


Fig. 3 – Distribuição da frequência das produções classificadas segundo os períodos cronológico-culturais a que pertencem pelas 4 salas escavadas.

Quadro 1 – Distribuição em profundidade dos materiais exumados nas quatro salas escavadas.

	Profundidade em cm	Períodos				
		Alta Idade Média	Medieval Islâmico	Medieval Cristão	Moderno	Contemporâneo
Sala 1	30-45			1	1	
Sala 2	crivo		2		5	1
	15-30				1	
	30-45		2			
	60-75				1	
Sala 3	crivo		5			2
	Sup-15				9	1
	15-30		3		3	3
	20-40				1	
	30-45		1	3	2	
	45-60		2		1	
	60-75		6		3	1
	75-90	1	1		4	
	90-105					
	105-120		1			1
120-135				4	4	
Sala 4	crivo	2	7	4	7	2
	Sup-15			1	11	2
	15-30		4		1	
	30-45		1	1	1	
	45-60	1	1	3	4	2
	60-75	1		2	4	1
	75-90				1	
	90-105		1			
105-120				1		
Sala 5	Sup-15				6	
	15-30		2		1	
	30-45		2	1	2	
	45-60				1	
	S/ ref. ^a			1		
Sala 6	Sup-15	2			2	3
	15-30		2		1	
	S/ ref. ^a				2	2

ocupada por estruturas pré-romanas e romanas, anteriores à implantação do mosaico que corresponderia ao *triclinium* da *pars urbana* da *villa*, possuindo os respectivos enchimentos espólios da mesma época (Fig. 4 e Fig. 5). Selando o nível do mosaico o espaço correspondente ao nível do piso de circulação actual, facilmente se compreende que pouco ou nenhum espólio poderia ser ulterior à sua implantação no terreno. Esta realidade será abordada e caracterizada aquando da publicação de tais estruturas e materiais.

A Sala 3, escavada em 2006, forneceu um copioso conjunto de materiais islâmicos e modernos, embora todos as outras épocas estejam representadas, conforme se indica no Quadro 1. Trata-se de local adjacente à área em que se implantou o mosaico, possuindo as estruturas identificadas, tal como o observado nas Salas 1 e 2, cotas negativas relativamente à cota do mosaico. No entanto, as estruturas aqui identificadas, são de épocas pós-romanas, conforme indica o seu aparelho construtivo e também as cotas de fundação observadas: trata-se de um troço de parede rectilínea possivelmente de cronologia renascentista, cortada de um dos lados pela fundação da habitação do século XVIII (Fig. 6 e Fig. 7) e possuindo uma cota de fundação nitidamente superior à dos muros romanos situados próximo. Deste modo, a ocorrência dos espólios ulteriores à época romana aqui recolhidos devem corresponder a enchimentos de épocas diversas, oriundos de outras partes do espaço habitado, sem excluir a possibilidade de alguns deles provirem desta mesma casa, a qual foi arrasada, provavelmente aquando da construção do edifício do século XVIII.

A Sala 4, com cerca de 5 por 5 metros, foi igualmente explorada em 2006 e forneceu, à semelhança da Sala 3, um importante conjunto de produções cerâmicas de época islâmica e de época moderna. A sequência estratigráfica observada nesta sala ao longo da parede meridional do compartimento foi registada graficamente (Fig. 8) e fotograficamente, no respeitante à sua parede setentrional (Fig. 9). Logo abaixo do piso moderno do compartimento verificou-se a existência da seguinte sucessão de cima para baixo:

Camada 4 – correspondente à fundação da parede de um dos compartimentos do edifício actual, representada por muro de blocos de calcário argamassados com cal e areia, dispostos na horizontal (0,50 m);

Camada 3 – depósito terroso cinzento-acastanhado, rico de matéria orgânica de desenvolvimento horizontal (0,20 m);

Camada 2 – depósito terroso castanho-avermelhado, embalando blocos calcários heterométricos, com ténues indícios de deposições sub-horizontais, evidenciadas por pequenos clastos calcários e lenticulas de moluscos, correspondentes a despejos de diversas épocas (0,20 m);

Camada 1 – depósito terroso, mais compacto e avermelhado que os anteriores, praticamente desprovido de clastos, com alguns espólios romanos e pré-históricos (0,20 a 0,40 m de potência);

Camada 0 – substrato geológico cretácico.

As estruturas arqueológicas positivas postas a descoberto, integram um troço de fundação de parede mestra moderna do edifício de origem setecentista, observada ao longo da parede leste do compartimento, visível na Fig. 9, assente no substrato geológico. Trata-se de construção de blocos calcários de pequenas dimensões, bem ajustados entre si e recorrendo a taliscas de calcário para preenchimento de fendas e vazios, denotando globalmente disposição por camadas horizontais. As suas características assemelham-se às da fundação da parede do edifício observada na Sala 3, igualmente fundada no substrato geológico, sendo igualmente associada à da casa de origem setecentista. As estruturas negativas observadas nesta sala estão representadas por um longo sulco rectilíneo identificado a todo o comprimento da parede meridional do compartimento, escavado no substrato geológico, com orientação Este-Oeste, possuindo fundo regular e com pendente para Oeste (Fig. 10). Este sulco, no seu sector terminal, inflecte para Norte, em ângulo recto antes de terminar abruptamente, conforme se indica na planta desta Sala, tendo-se identificado uma depressão cilíndrica no seu



Fig. 4 – Sala 1. Em segundo plano, observa-se a fundação de muro rectilíneo romano com reforço do embasamento, posto a decoberto no subsolo onde assentou o mosaico romano, atribuível ao século III d.C. (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 5 – Sala 2. Vista geral, observando-se em primeiro plano duas estruturas anteriores ao assentamento do mosaico romano, visto terem sido postas à vista após o levantamento deste, revelando planos arquitectónicos distintos para o espaço depois ocupado por aquele (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 6 – Salas 2 e 3. Vista geral, depois de demolido o muro que as separava. Em último plano, na zona da antiga Sala 3, observa-se troço de muro rectilíneo provavelmente da Idade Moderna, cortado, do lado direito, pelo alicerce da habitação de fundação setecentista. Note-se a fundação do muro, assente em depósitos modernos, de época imediatamente anterior (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 7 – Sala 3. Em 1.º plano, observa-se troço de muro da Idade Moderna, fundado em depósitos da mesma época. Em segundo plano observa-se muro anterior ao século III d. C. dado ter sido coberto pelo mosaico ali então instalado (foto de João Luís Cardoso).

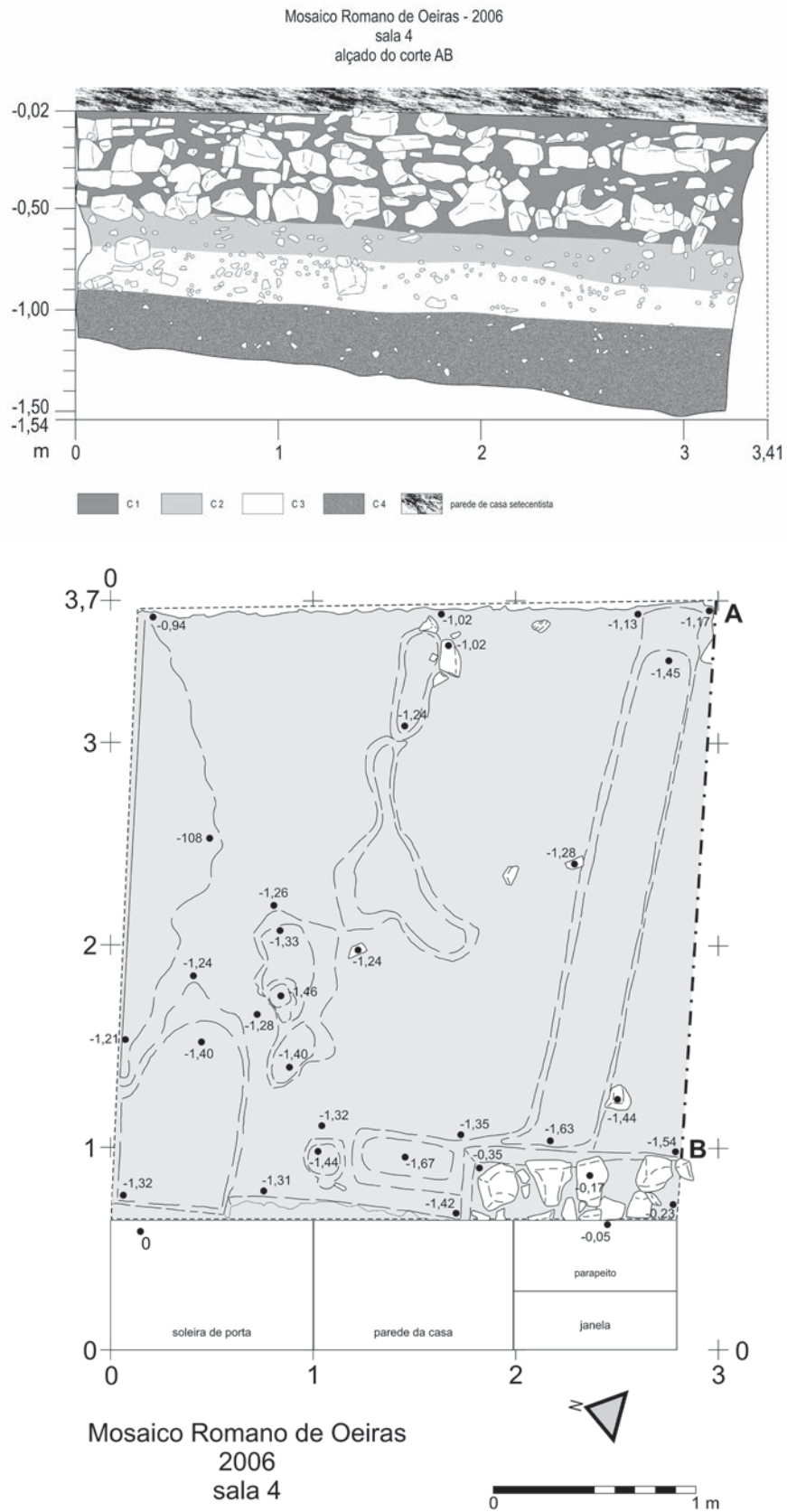


Fig. 8 – Sala 4. Em cima: corte estratigráfico AB executado ao longo da parede meridional da sala. Em baixo: planta ao nível do substrato posto integralmente a descoberto evidenciando sulco nele escavado, com a indicação do corte estratigráfico realizado (levantamento de Bernardo Ferreira).



Fig. 9 – Sala 4. Corte estratigráfico observado ao longo da parede setentrional da sala, observando-se do lado direito o embasamento de parede mestra, fundada no substrato geológico, do edifício de origem setecentista. O enchimento terroso, sobre o qual assenta parede divisória do piso térreo do edifício, marcada por uma régua de madeira correspondente ao antigo rodapé, contém materiais de todas as épocas e é posterior à fundação da parede mestra do edifício, podendo assim ser datado do século XIX. (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 10 – Sala 4. Evidencia-se sulco aberto no substrato geológico acompanhando a parede meridional na sala, podendo corresponder ao embasamento de uma cabana de época pré ou proto-histórica. O sulco, de planta ortogonal, termina por uma depressão circular dele separada. De notar que em contacto com o substrato geológico se recolheram abundantes espólios do Bronze Final, já publicados (CARDOSO, 2018). (foto de João Luís Cardoso).

prolongamento imediato, mas dele separado (Fig. 11).

É possível que esta estrutura negativa, cuja largura é inferior a 0,50 m, não sendo de atribuir a época romana, pela diminuta largura no caso de corresponder à fundação de uma estrutura rectangular de alvenaria, se relacione com um embasamento de cabana pré-histórica de paredes de taipa o de adobes, sendo, assim, atribuível ao Bronze Final. Esta possibilidade é acompanhada pela presença de espólios desta época recolhidos no contacto do substrato geológico com a Camada 1, já publicados (CARDOSO, 2018), embora fosse de esperar que, em tal circunstância, o referido embasamento fosse de planta elipsoidal, como era de uso na época.

No respeitante à distribuição cronológica dos espólios cerâmicos, verifica-se que é a Camada 2 aquela que forneceu a maior quantidade de espólios de Época Moderna que persistiam na Camada 3; já Camada 4 se apresentava isenta de tais restos, ocorrendo, pelo contrário, materiais romanos diversos; na base da mesma, assinalaram-se os já referidos materiais do Bronze Final, com os quais a estrutura negativa descrita poderão estar relacionados.

É interessante referir que esta foi a Sala que forneceu maior quantidade de fragmentos de produções medievais cristãs. Até ao presente quase desconhecidas no subsolo oirense, sucedendo-se a um igualmente assinalável números de materiais islâmicos, embora resultem de deposição de terras oriundas de outros espaços habitados, de localização indeterminada.

Em 2007 escavaram-se as Salas 5 e 6.

A Sala 5 encontra-se separada por parede divisória muito frágil com orientação Este-Oeste da Sala 4, escavada no ano anterior, e evidenciou situação semelhante à observada naquela, com a diferença de a potência estratigráfica aqui observada ser muito menor. No entanto, observou-se embasamento de muro rectilíneo, constituído por alinhamento de blocos assentes no substrato geológico ou em camada avermelhada e argilosa correspondente à alteração deste (“terra rossa”) provavelmente de época romana, devido às dimensões dos blocos serem superiores às dos elementos que integram os muros modernos da construção de raiz setecentista (Fig. 12), mas semelhantes às dimensões dos blocos do muro posto a descoberto na Sala 1, de construção romana. Trata-se, assim, de um muro provavelmente pertencente ao plano arquitectónico original da *villa* romana aqui implantada.



Fig. 11 – Pormenor do sector terminal do sulco aberto no substrato geológico observado no chão primitivo, rematado por depressão circular no seu prolongamento imediato (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 12 – Sala 5. Vista geral do embasamento de troço de muro rectilíneo atribuível à época romana, assente no substrato geológico, acompanhando a fundação da parede meridional da sala actual, pertencente ao edifício de origem setecentista (foto de João Luís Cardoso).

O substrato geológico, posto integralmente à vista na área ocupada por esta sala, corresponde a superfície irregular do afloramento de margas e calcários cretácicos, e evidenciou, localmente, uma estrutura negativa, constituída por um anel circular com contorno bem definido e cerca de 0,80 m de diâmetro externo, cujo centro se encontra igualmente escavado (Fig. 13). Desconhece-se a finalidade desta estrutura, que poderia corresponder ao embasamento de uma construção entretanto desaparecida, talvez de época romana.

Os espólios recuperados nesta sala e relativos às épocas a que este estudo diz respeito são diminutos devendo-se no entanto valorizar alguns materiais islâmicos, e outros de época moderna, via de regra dominantes, correspondentes a despejos realizados para nivelamento do terreno.

A Sala 6, inteiramente explorada em 2007, correspondia outrora a uma oficina, sendo, de todos, o espaço escavado de maiores dimensões, não obstante ser o que forneceu a menor quantidade de espólios respeitantes às épocas em apreço. Esta realidade contrasta com a importância e diversidade das estruturas arqueológicas ali postas a descoberto. As razões são fáceis de perceber. Com efeito, ao longo da parede poente, que a separa da Sala 2, identificou-se a pouca profundidade, sob o embasamento desta parede divisória da habitação moderna, directamente assente no mosaico romano, a bordadura nascente deste, que constitui prolongamento das áreas por este ocupadas nas Salas 1 e 2. A porção posta a descoberto em 2007 fornece a informação da cota do piso desta Sala na época romana, pelo que as estruturas arqueológicas postas a descoberto, todas elas situadas a cotas inferiores à da implantação do mosaico, devem ser globalmente anteriores a este (Fig. 14), assim se justificando a quase ausência de espólios pós-romanos. Tais estruturas não se integram, assim, nos



Fig. 13 – Sala 5. Estrutura negativa, escavada no substrato geológico posto a descoberto na íntegra, de planta circular com uma depressão central, de época possivelmente romana e natureza indeterminada (foto de João Luís Cardoso).

conjuntos arqueológicos agora em apreço, pelo que o seu estudo e caracterização será realizado quando se estudarem os espólios romanos e pré-romanos a que se reportam.

Importa, a terminar a descrição dos resultados dos trabalhos de escavação realizados desenvolver as considerações possíveis sobre a natureza e condições de formação dos depósitos arqueológicos com base na cronologia dos espólios respectivos.

Considerando a informação do Quadro 1, verifica-se que a distribuição dos espólios em profundidade nas diversas salas exploradas não evidencia assinaláveis diferenças, ocorrendo materiais com idênticas cronologias a profundidades muito distintas. Por outro lado, a profundidades idênticas coexistem espólios de cronologias muito distintas. Tal realidade resulta do próprio processo de formação dos depósitos arqueológicos neste local. Assim, a estratificação que se observa em alguns casos nas deposições destes depósitos, resulta da forma como os mesmos foram acumulados: trata-se na verdade de entulhos oriundos de outros locais do espaço urbano, contendo originalmente materiais de diversas cronologias, resultantes de demolições e rearranjos das respectivas construções urbanas pré-existentes. O objectivo de deposição de tais materiais na área escavada explica-se igualmente pela necessidade de produzir o nivelamento do terreno no decurso da época moderna/contemporânea, correspondente originalmente a encosta com pendor para poente, provavelmente aquando da urbanização da Rua das Alcássimas, verificada a partir do século XVI. Tal realidade encontrava-se, ainda há pouco anos corporizada pelo belo portal manuelino observado numa das entradas de uma casa situada próxima e do mesmo lado da rua, presentemente substituído aquando da total remodelação da moradia ali existente.



Fig. 14 – Sala 6. Vista geral da área escavada, que abarcou na íntegra esta sala. Ao fundo observa-se o fragmento de mosaico romano então posto a descoberto, bem como as diversas estruturas habitacionais também então identificadas, em geral anteriores àquele (foto de João Luís Cardoso).

3 – MATERIAIS E MÉTODOS

Dada a assinalável quantidade de espólios arqueológicos recuperados no decurso das escavações, optou-se de momento por dar prioridade à publicação dos conjuntos pós-romanos, englobando um largo lapso temporal desde a Antiguidade Tardia até à Época Contemporânea, por corresponder a informação totalmente inédita e do maior interesse para o conhecimento da evolução da presença humana no casco histórico da vila de Oeiras. O Quadro 2 tem correspondência na Fig. 19, que evidencia graficamente a distribuição dos espólios recolhidos nas diversas Salas em que presentemente se compartimenta o piso térreo do edifício pelas épocas a que pertencem. Dá-se assim continuidade à publicação alguns dos conjuntos arqueológicos de época pré-histórica e histórica dali provenientes: ao Bronze Final reporta-se estudo monográfico que deu a conhecer importante conjunto de produções cerâmicas de ornatos brunidos (CARDOSO, 2017/2018); ao final da Idade do Ferro e à época romana, coeva da construção e ocupação da *villa* reportam-se outras publicações, para além da acima referida (CARDOSO, 1996; CARDOSO, 2011); enfim, ao período islâmico reporta-se contributo que demonstrou, pela primeira vez, e como seria de esperar, tendo presente a informação paras as regiões vizinhas de Lisboa e Sintra, a ocupação do actual espaço oeirense por populações islâmicas ou islamizadas (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009).



Fig. 15 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Alta Idade Média:** 2, 4, 5 e 6 – Panelas; 7 – Pote. **Período Medieval Islâmico:** 17 – Panela; 21 – Tampa; 24 e 27 – Tigelas (*ataifor*); 32 – Cântaro; 36 – Bilha (?); 37 – Jarrinha. Fotos de Bernardo Ferreira.



Fig. 16 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Medieval Cristão:** 53 – Panela; 57 – Taça; 61 – Testo; 63 – Tigela; 64 – Caneca; 67 – Argola de suspensão de frigideira. **Período Moderno:** 76 e 77 – Panelas; 86 – Caçoila; 89 – Tacho/caçoila; 97 e 103 – Pratos. Fotos de Bernardo Ferreira.



Fig. 17 – Materiais cerâmicos exumados e botão de osso. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Moderno:** 104 e 105 – Pratos; 117 – Tigela; 126 – Bordo e gargalo de garrafa; 131 – Bacia; 133 – Botão em cerâmica; 134 – Botão em osso; 140 e 141 – Alguidares. Fotos de Bernardo Ferreira.

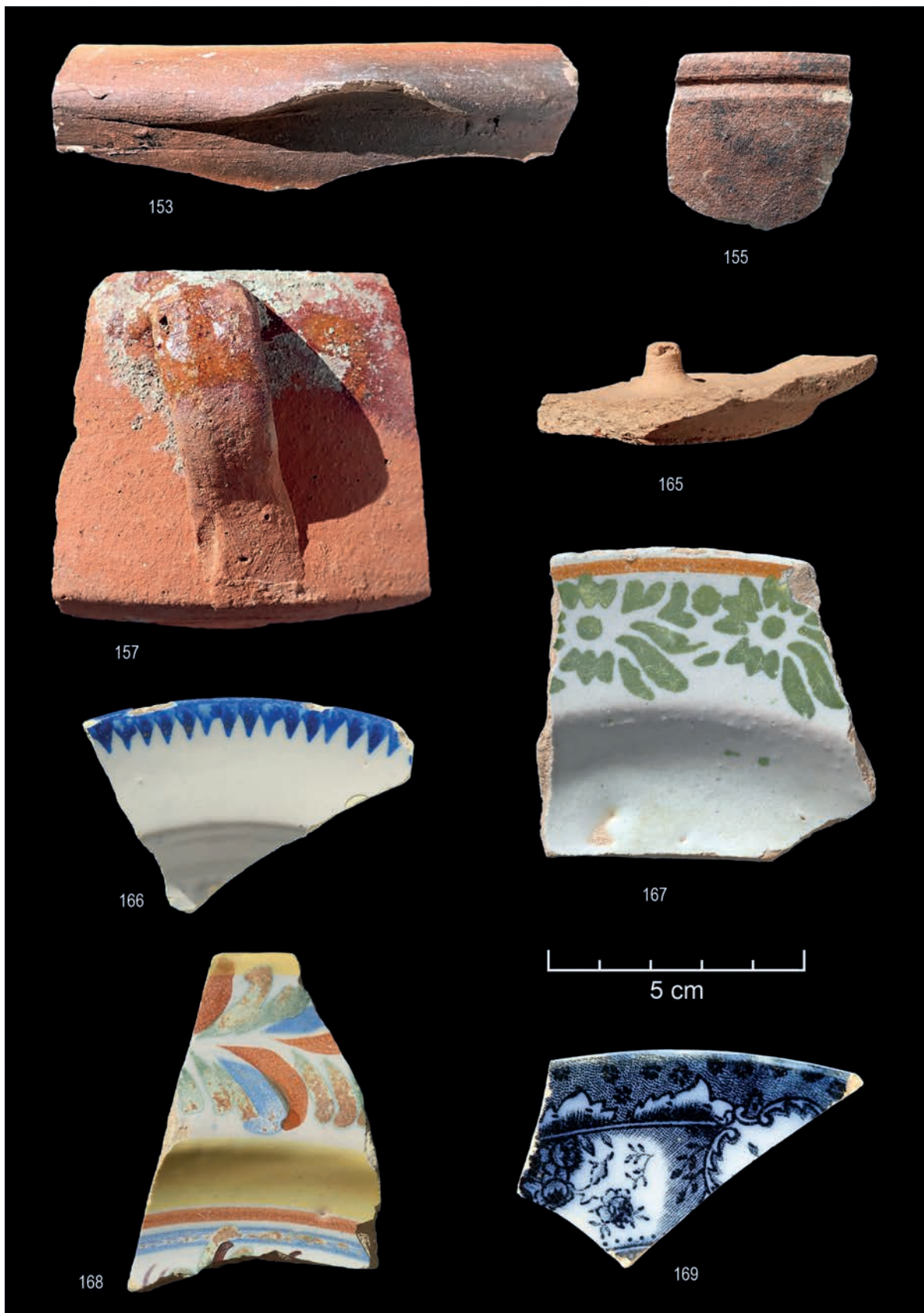


Fig. 18 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Época Contemporânea:** 153 – Caçoila; 155 e 157 – Tachos; 165 – Testo com pitorra; 166, 167 e 168 – Pratos decorados com pintura manual; 169 – Prato com decoração estampilhada. Fotos de Bernardo Ferreira.

Quadro 2 – Distribuição dos materiais exumados por períodos cronológico-culturais nas quatro salas escavadas.

Períodos	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6	Total
Alta Idade Média			1	4		2	7
Medieval Islâmico		4	19	14	4	2	43
Medieval Cristão	1		3	11	2		7
Moderno	1	7	27	30	10	5	80
Contemporâneo		1	12	7		5	25

3.1 – Aspectos metodológicos

O presente trabalho corresponde ao estudo de um conjunto de materiais, exumados durante a intervenção ocorrida no ano de 2000, e, posteriormente, nos anos entre 2004 e 2007.

O resultado destas intervenções permitiu, através da análise da cultura material, definir o tipo de ocupação ocorrida neste local, desde a Pré-história, até à actualidade.

Apesar das características anómalas, resultantes de ocorrências verificáveis, no que respeita às sucessivas ocupações, foi possível elaborar, a partir dos materiais recolhidos, uma análise criteriosa quanto à tipologia e funcionalidade dos mesmos.

A metodologia seguida na análise destes materiais teve por base a classificação tipológica dos mesmos, bem como a sua funcionalidade.

Assim, os materiais estudados foram distribuídos pelas seguintes categorias:

- Cerâmica de cozinha
- Cerâmica de mesa
- Cerâmica de higiene
- Cerâmica de armazenamento
- Cerâmica multifuncional
- Cerâmica de construção
- Cerâmica de carácter lúdico

Este estudo privilegiou igualmente a caracterização macroscópica das pastas. Assim, no sentido de evitar a descrição exaustiva de cada peça, dado o volume de material, foram identificados quatro tipos de pastas:

Tipo A – pasta de grão fino, bem depurada e homogénea, nalguns casos friável.

Tipo B – pasta foliácea, com elementos desengordurantes de calibre médio, tais como micas, quartzo e óxidos de ferro, por vezes com vacúolos.

Tipo C – pasta bem depurada, homogénea, com ENPs finos.

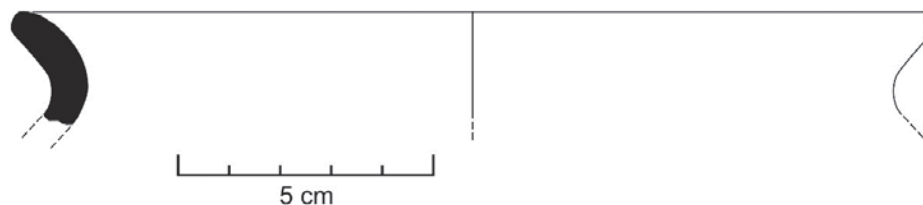
Tipo D – pasta grosseira, normalmente associada às produções de fabrico manual, com elementos quartzosos e micáceos de calibre diverso. Exemplo: materiais correspondentes à Antiguidade tardia.

3.2 – Inventário dos materiais estudados

O inventário dos materiais estudados seguiu, na sua descrição e classificação, a metodologia atrás exposta, sendo acompanhados dos respectivos desenhos, pela melhor compreensão.

3.2.1 – Alta Idade Média (Fig. 15, n.º inv. 2, 4, 5, 6 e 7)

1 – MR/04.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em “S”.

Diâmetro 180mm.

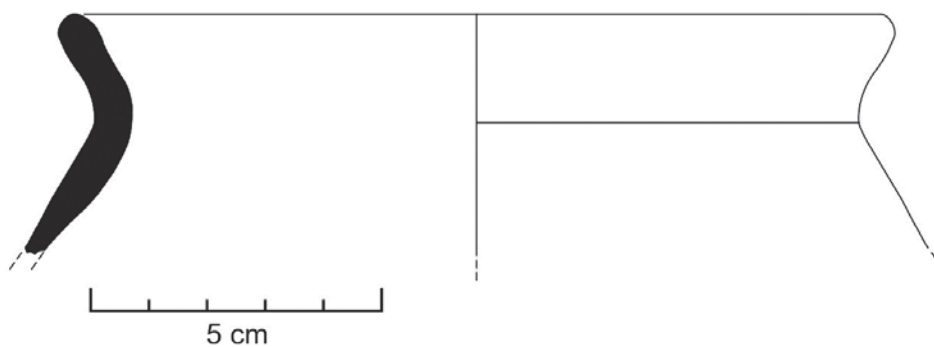
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Cor negro.

Superfícies – alisadas.

2 – MR/06.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em “S”.

Diâmetro – 140mm.

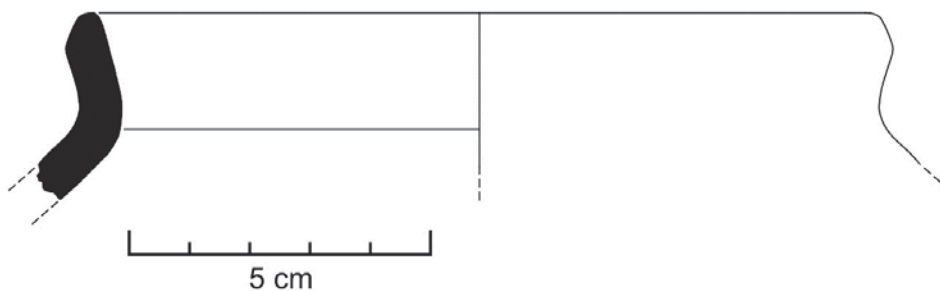
Cozedura – semi-redutora.

Fabrico – manual.

Pasta – tipo B. Cinza.

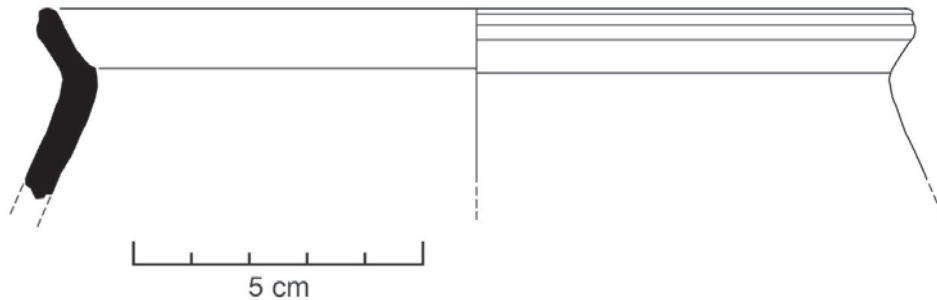
Superfícies – alisadas manualmente, com evidências de exposição ao fogo.

3 – MR/05.45-60.S.4



Panela – fragmento de bordo em “S”.
Diâmetro – 130mm.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Castanha clara.
Superfícies – mau acabamento, rugosas.

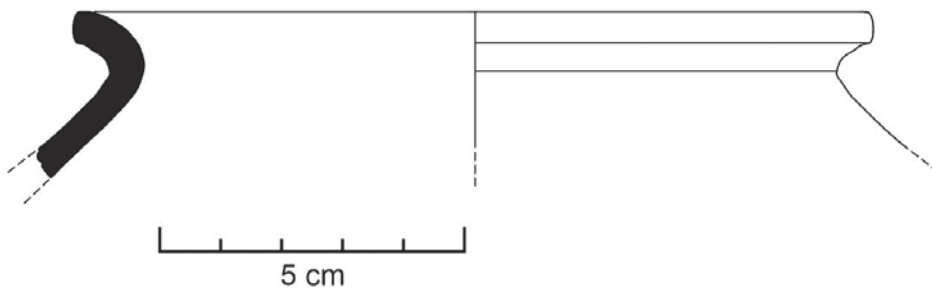
4 – MR/07.sup-15.S.6



Panela – fragmento de bordo, ligeiramente inclinado para o exterior. Ressalto interno para colocação de tampa, a partir do qual sofre estrangulamento e evolui para corpo de perfil indeterminado.

Diâmetro – 115mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Negra.
Superfícies alisadas.

5 – MR/07. Sup-15.S.6

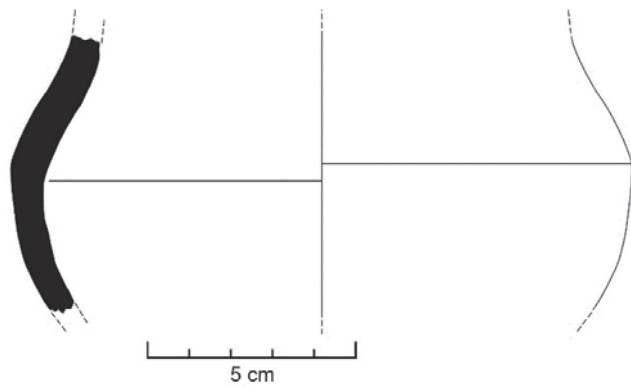


Panela – fragmento de bordo em S, evoluindo para corpo de perfil globular.

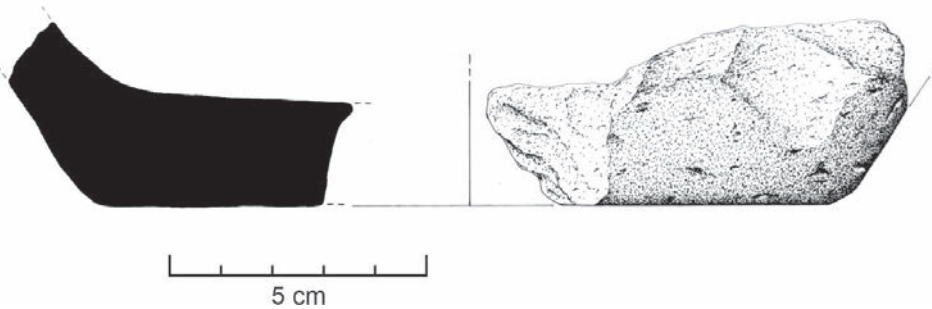
Diâmetro – 130mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Negra.
Superfícies – alisadas.

6 - MR/05.60-75.S.4

Panela - fragmento de perfil de panela sem forma definida.
Diâmetro máximo - 156mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo D. Cor negro.
Superfícies - rugosas devido ao tipo de pasta, grosseira.



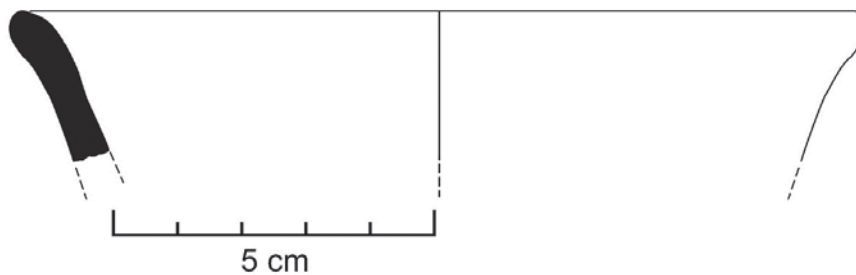
7 - MR/06.75-90.S.3



Pote - fragmento de base.
Diâmetro - 135mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - manual.
Pasta - tipo B.
Superfícies - rugosas.

3.2.2 - Período Medieval Islâmico (Fig. 15, n.º inv. 17, 21, 24, 27, 32, 36 e 37)

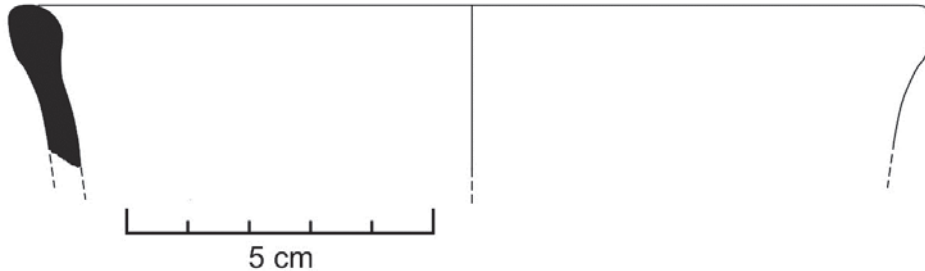
8 - MR/07.CR.S.4



Panela - fragmento de bordo e parede. Perfil exvasado e lábio arredondado.
Diâmetro - 130mm.

Cozedura – semi-redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B, bege e superfícies castanhas.
Superfícies – rugosas. Mau acabamento.

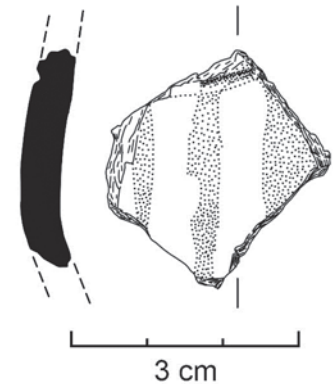
9 – MR/07.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede. Perfil exvasado e lábio arredondado, espessado.
Diâmetro – 150mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Bege nas superfícies e cinza no cerne.
Superfícies – alisadas.

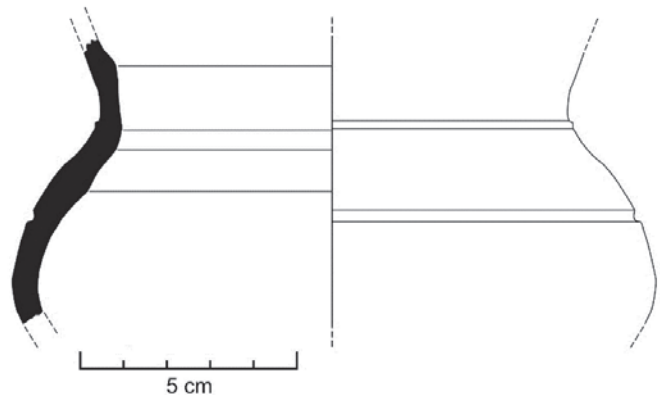
10 – MR/04.CR.S.2

Panela – Fragmento de bojo.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.
Decoração – pinceladas verticais a barbotina.

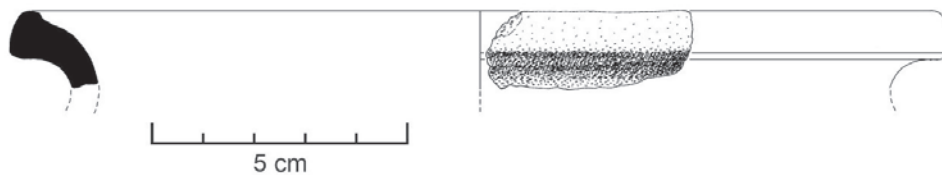


11 – MR/07.15-30.S.6

Panela – Fragmento de parede com perfil incompleto de corpo globular.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo D. Grosseira, negra.
Superfície – mau acabamento.



12 - MR/08.15-30.S.4



Panela - Fragmento de bordo de secção triangular e parede de perfil em "S".

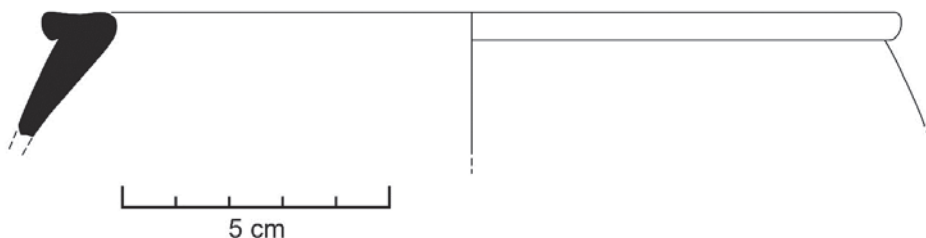
Diâmetro - 180mm.

Cozedura - redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Negra

13 - MR/04.45-60.S.3



Panela - Fragmento de bordo curto, com pequena aba. Lábio plano e corpo a evoluir para globular.

Ausência de colo.

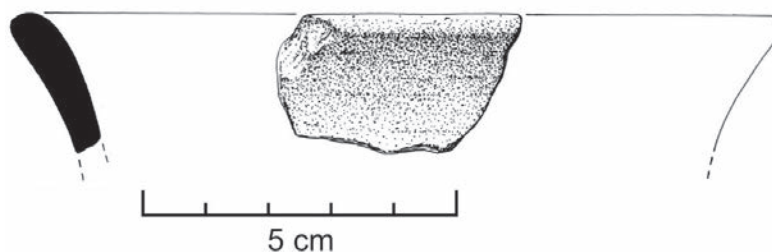
Diâmetro - 160mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

14 - MR/04.60-75.S.3



Panela - fragmento de bordo e colo.

Diâmetro - 121mm.

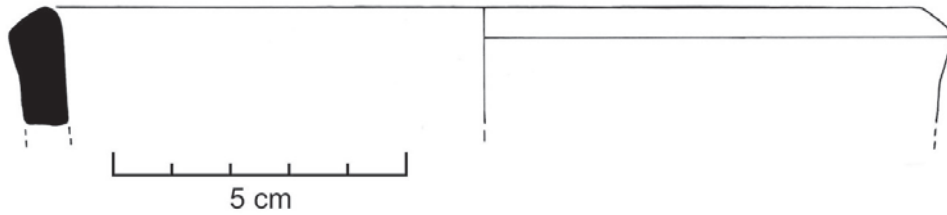
Cozedura - redutora.

Fabrico - roda lenta.

Pasta - tipo B.

Superfícies - alisadas.

15 - MR/04.CR.S.2



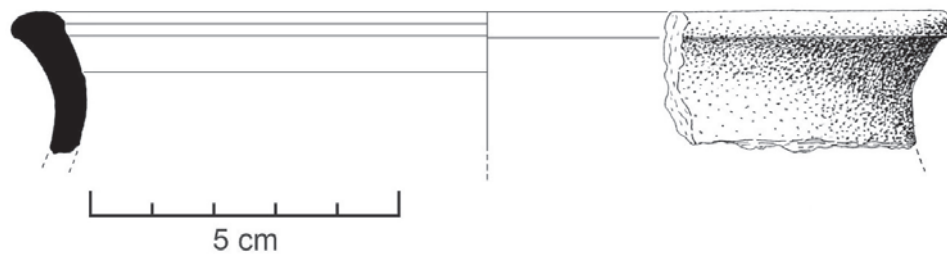
Panela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 132mm.

Cozedura – semi-redutora.

Fabrico – regional.

16 - MR/04. 60-75. S.3



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em S.

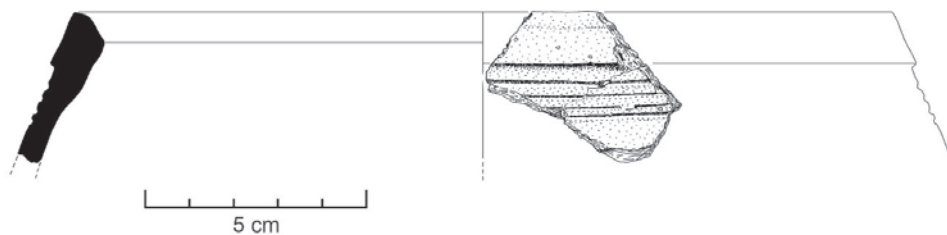
Diâmetro – 150mm.

Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B.

17 - MR/04.30-45.S.2



Panela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 200mm.

Cozedura – semi-oxidante.

Fabrico – roda rápida.

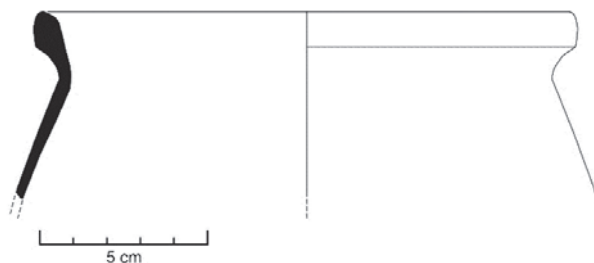
Pasta – tipo B.

Superfícies – rugosas.

Decoração – apresenta quatro linhas incisas sob o bordo.

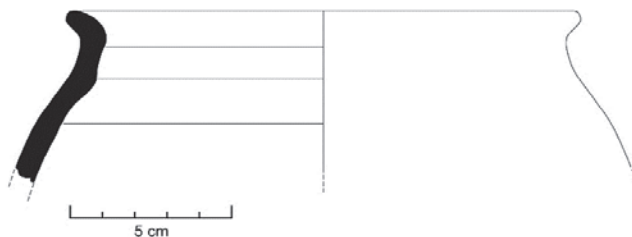
18 - MR/04.45-60.S.3

Panela - fragmento de bordo espessado de secção quadrangular, colo estrangulado.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Superfícies - bom acabamento.



19 - MR/06. 15-30.S.5

Panela - fragmento de bordo curto em "S", evoluindo para corpo globular.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - semi-redutora.
Pasta - tipo B. Vermelha acastanhada.
Superfícies - alisadas.



20 - MR/04.15-30.S3



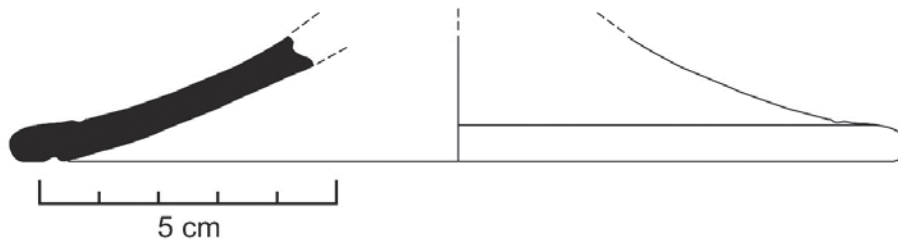
Panela - fragmento de fundo.
Diâmetro - base, 120mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelho escuro.
Superfície - alisamento. Evidências de exposição ao fogo.

21 - MR/06.30-45.S.5

Tampa - perfil plano com pega transversal no centro.
Cozedura - semi-redutora.
Fabrico - manual.
Pasta - tipo B.
Superfícies - mau acabamento.



22 - MR/06.30-45.S.5



Testo - fragmento de bordo.

Diâmetro - 150mm.

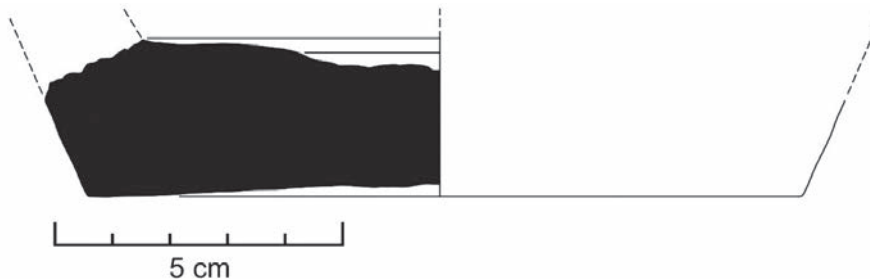
Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. cor alaranjada.

Superfícies - bem alisadas com evidências de exposição ao fogo.

23 - MR/06.90-105.S.4



Tampa - Fragmento de base de talha reutilizada como tampa.

Diâmetro - 122mm.

Cozedura - semi-redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. evidências de exposição ao fogo.

Cronologia - Período Medieval.

24 - MR/07. CR.S.4

Tigela (ataifor) - fragmento de tigela em calote.

Diâmetro - 280mm.

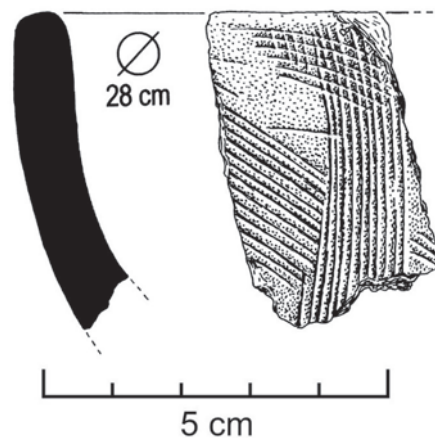
Cozedura - redutora.

Fabrico - manual.

Pasta - Tipo B.

Superfícies - alisamento.

Decoração - decoração em bandas incisas, entrecruzadas, aplicadas a pente.



25 - MR/04.30-45.S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo espessado, em aba e paredes em calote.

Diâmetro – 200mm.

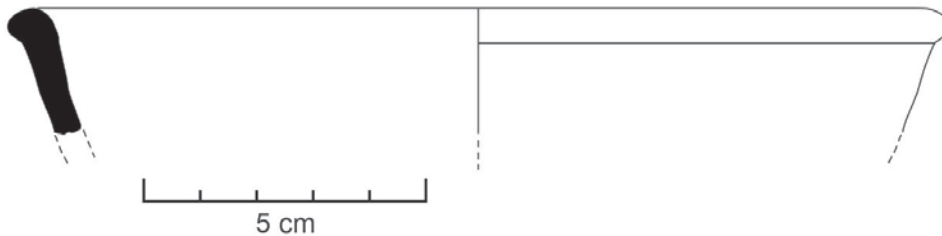
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Castanha.

Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

26 - MR/04.60-75. S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 167mm.

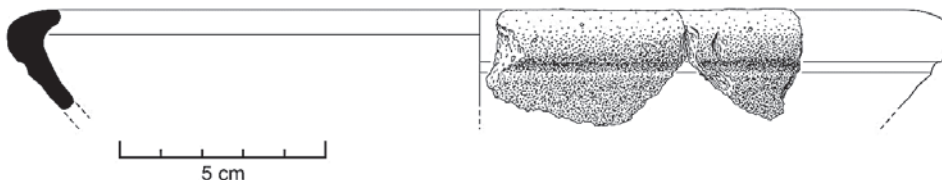
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfície – vidrado plumbífero melado, de tom esverdeado e pontos aleatórios em manganês.

27 - MR/07.60-75.S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo espessado, semi- circular, invertido internamente e parede recta de perfil em calote.

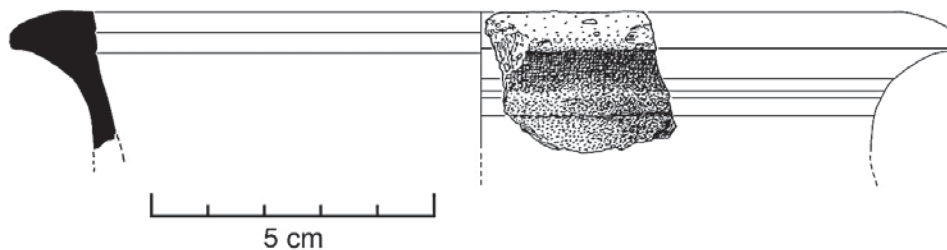
Diâmetro – 200mm.

Cozedura – redutora.

Fabrico – roda lenta.

Pasta – tipo B. Castanha.
Decoração – canelura sob o bordo.

28 – MR/04. 60-75. S.3

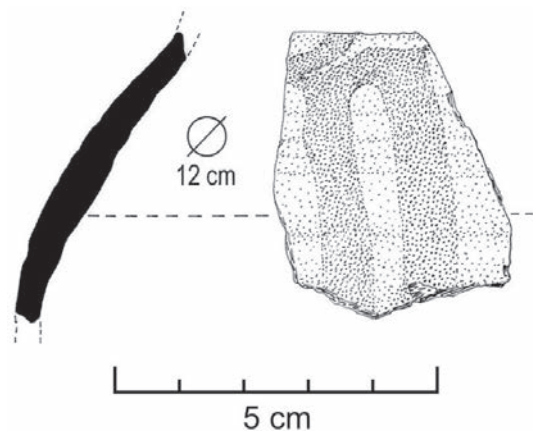


Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo espessado, em aba, com lábio plano e paredes ligeiramente oblíquas.

Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Acastanhada acinzentada.
Superfícies – erodidas.

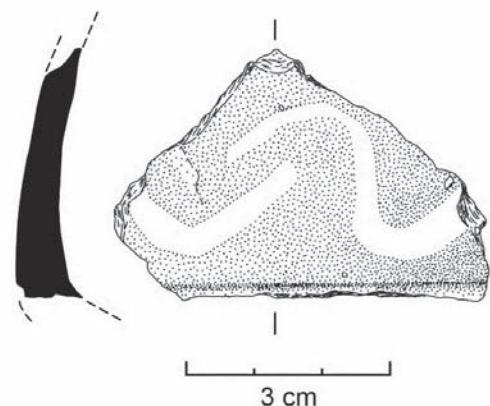
29 – MR/07.CR.S.4

Púcara – fragmento de bojo.
Diâmetro máximo – 120mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo A.
Decoração – pintado a almagre com pinceladas aplicadas na vertical.



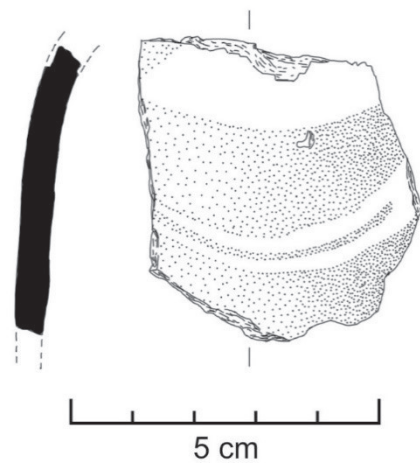
30 – MR/07.CR.S.4

Bilha – fragmento de bojo.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Rosa clara.
Superfícies – superfície externe brunida, com bom acabamento.
Decoração – apresenta pinceladas serpentiformes a barbotina.

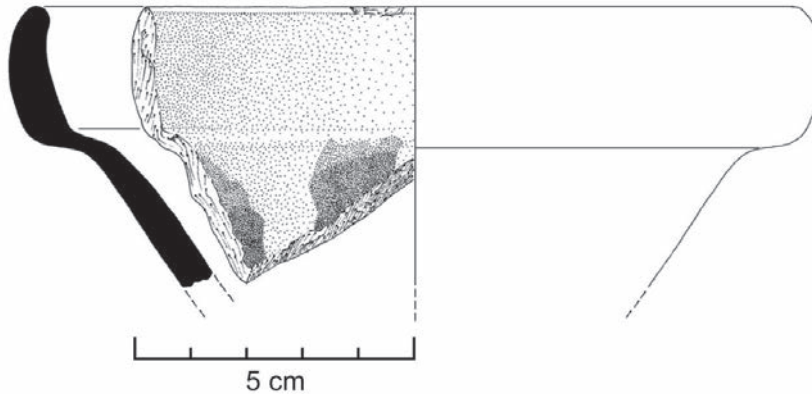


31 - MR/07.CR.S.4

Bilha? - Fragmento de bojo com perfil vertical.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Rosada.
Superfícies - bom acabamento. Brunida.
Decoração - pintura irregular com bandas em barbotina.



32 - MR/06.15-30.S.4

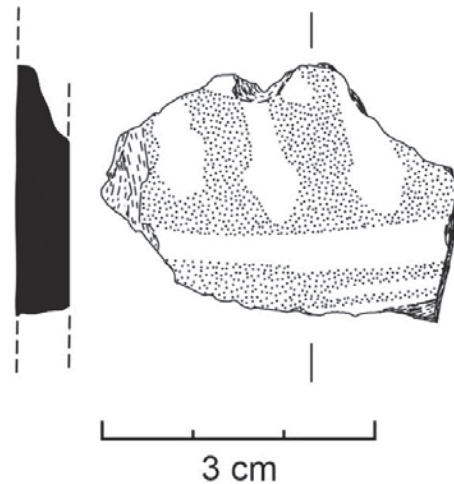


Cântaro - fragmento de bordo de perfil de secção semi- circular. Paredes oblíquas, acentuadamente estranguladas.

Diâmetro - 140mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - bege.
Superfícies - bom acabamento.
Decoração - escorridos de vidrado plumbífero verde no interior.

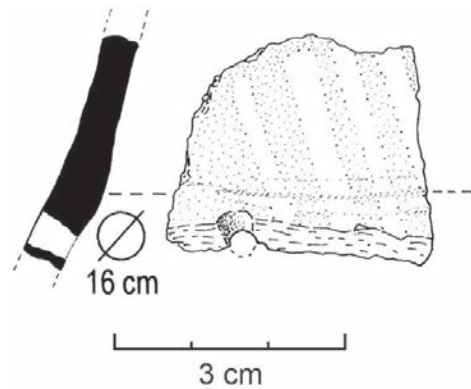
33 - MR/04.15-30.S3

Bilha - fragmento de parede. Forma indeterminada
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta tipo B. Vermelha.
Decoração - traços verticais, irregulares, pintados a barbotina.

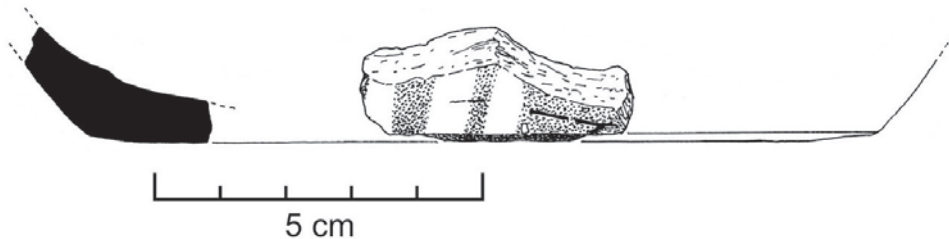


34 – MR/04.CR.S.3

Bilha? – Fragmento de possível contentor de líquidos.
Diâmetro máximo – 160mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.
Decoração – aplicação de quatro pinceladas irregulares, a barbotina, na vertical.



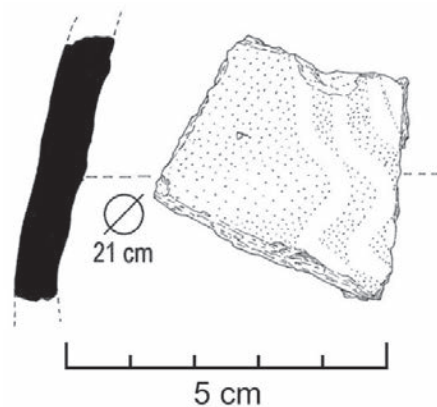
35 – MR/04.60-70.S.3



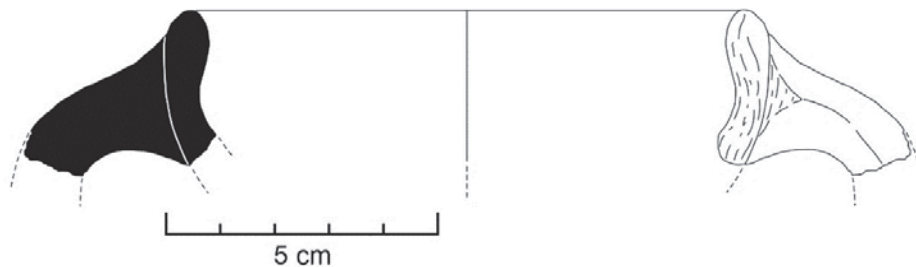
Bilha? – Fragmento de base de possível contentor de líquidos.
Diâmetro de base – 130mm.
Cozedura – semi- redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.
Decoração – apresenta três pinceladas a barbotina na vertical.

36 – MR/07.75-90.S.3

Bilha ?– fragmento de parede.
Cozedura semi-redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, mista. Cerne cinza, alaranjada internamente e acastanhada na superfície externa.
Superfícies – bom acabamento.
Decoração – três bandas a barbotina, onduladas, na vertical.



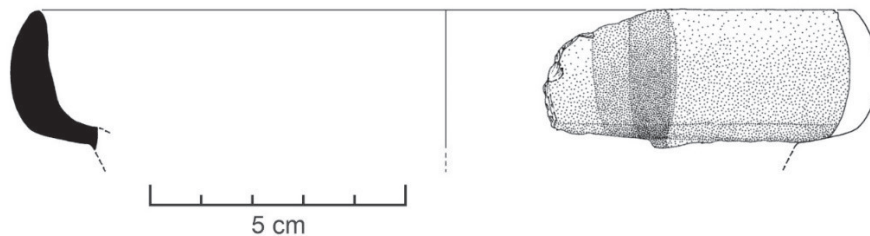
37 - MR/04.CR.S.3



Jarrinha – fragmento de bordo e paredes ligeiramente convexas, com porção de asa. Peça bem definida no reportório formal islâmico do século XII, com duas asas.

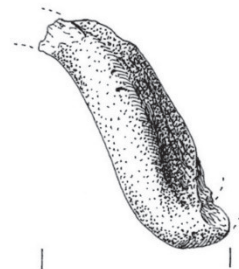
- Diâmetro – 111mm.
- Cozedura – semi-oxidante.
- Fabrico – roda rápida.
- Pasta tipo B.
- Superfícies – bom alisamento.

38 - MR/05. 45-60.S.4



Cântaro – fragmento de bordo espessado, secção semi-circular.

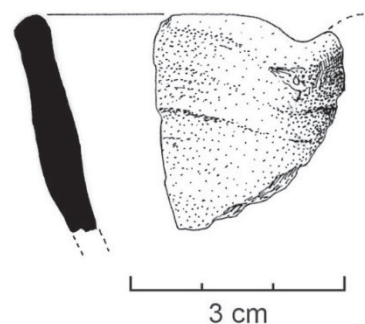
- Diâmetro – 160mm.
- Cozedura – oxidante.
- Fabrico – roda rápida.
- Pasta tipo C. Cor bege.
- Superfícies – revestido a vidro melado com escorrido verde, o mesmo no interior do bordo.



39 - MR/04.CR.S.3

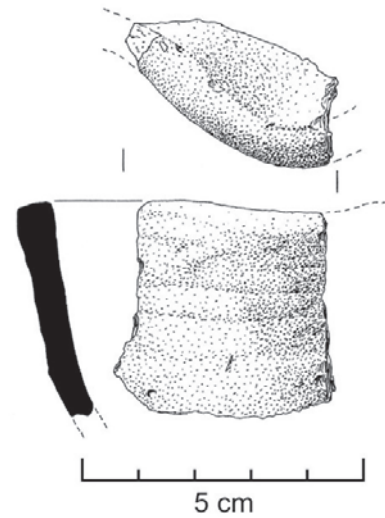
Jarro – fragmento de bordo trilobado e parede.

- Cozedura – semi-redutora.
- Fabrico – roda rápida.
- Superfícies – alisadas.



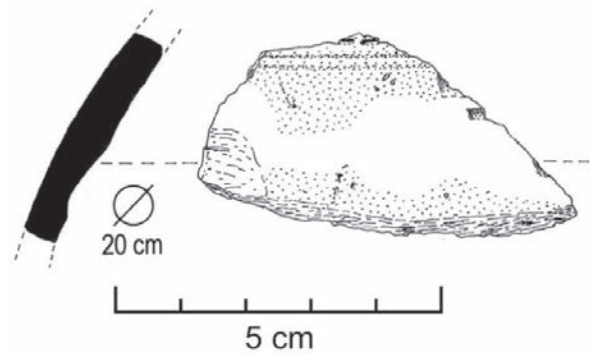
40 - MR/04.CR.S.3

Jarro – fragmento de bordo trilobado e colo.
Cozedura semi-redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Alaranjada.
Superfícies – mal alisadas.

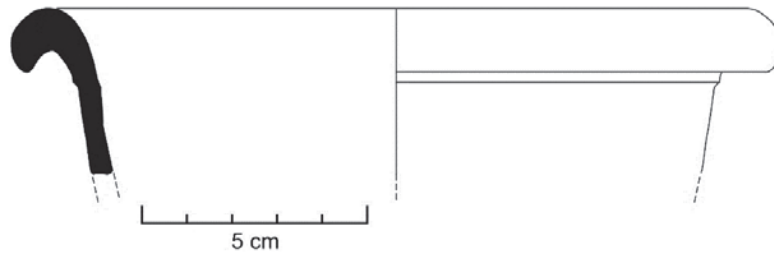


41 - MR/04.CR.S.3

Bilha? – fragmento de parede.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.
Decoração – pintura irregular a barbotina.

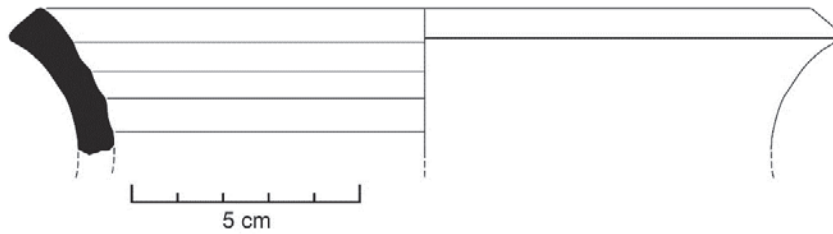


42 - MR/06.CR.S.4



Pote – fragmento de bordo em voluta e colo de perfil troncocónico.
Diâmetro – 170mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cinza.
Superfícies – alisadas.

43 - MR/04. 15-30.S.3



Pote - Fragmento de bordo de secção triangular. Paredes convergindo para perfil estrangulado.

Diâmetro - 170 mm

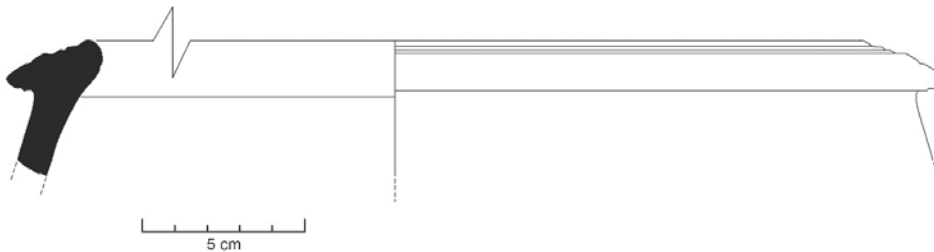
Tipo de cozedura - Redutora.

Tipo de fabrico - Roda rápida.

Pasta - Tipo B. Características cromáticas: negra.

Tratamento de superfície - Alisamento

44 - MR/07.15-30. S.6



Pote - fragmento de bordo de secção triangular, em aba. Ausência de colo. Corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro - 290mm.

Cozedura - semi-redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

Decoração - bordo com estrias.

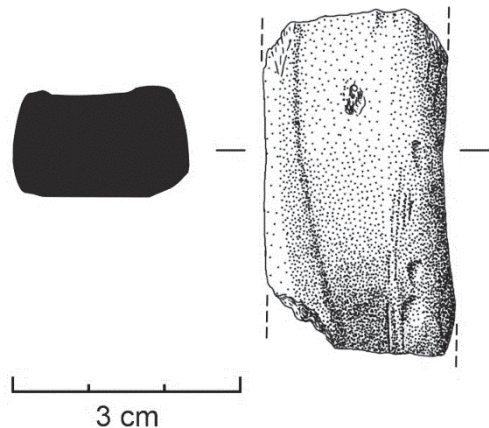
Superfície - Alisamento.

45 - MR/05.30-45.S.4

Asa - fragmento de asa de jarriño, apresentando secção quadrangular.

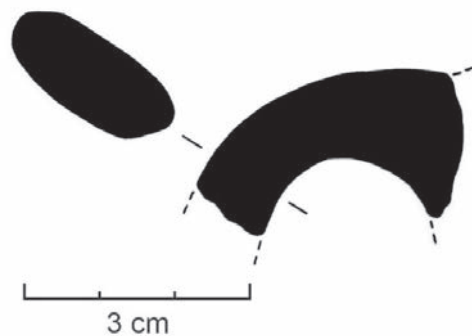
Cozedura - semi-redutora. Castanha.

Pasta - tipo D, grosseira. Superfícies mal alisadas.



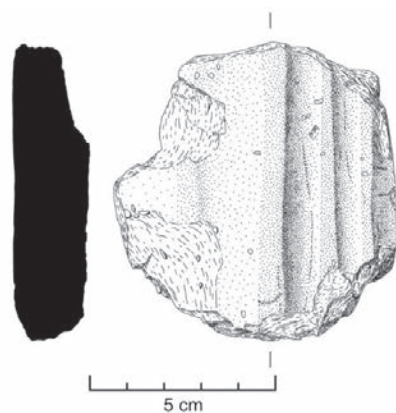
46 – MR/05.105-120.S.3

Asa – fragmento de asa.
Diâmetro – 24mm.
Fabrico – regional.



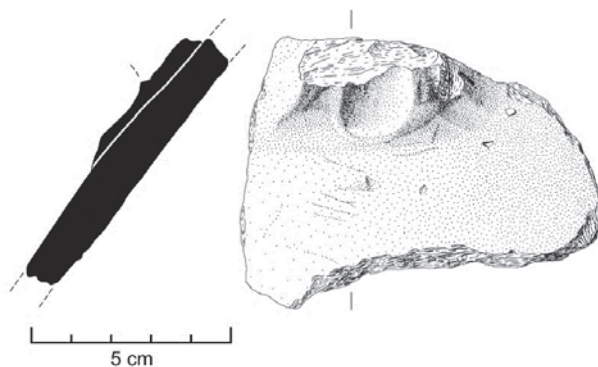
47 – MR/05.15-30.S.4

Malha de jogo – Fragmento obtido a partir de telha com decoração digitada.
Pasta – Tipo B, grosseira. Vermelha.



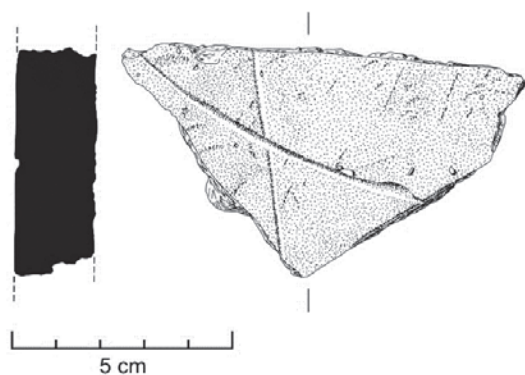
48 – MR/06.15-30.S.5

Talha – fragmento de parede com arranque de asa.
Cozedura – redutora.
Fabrico – manual.
Pasta – Tipo B. Cor negra.
Superfícies – mau acabamento.



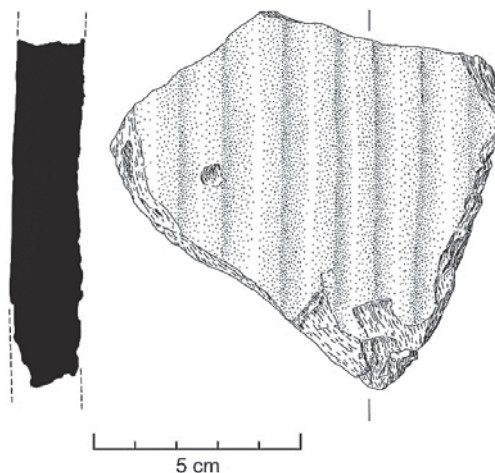
49 – MR/05.15-30.S.4

Telha – Fragmento de telha.
Cozedura – Oxidante.
Pasta – tipo B.
Decoração – linhas incisas, cruzadas.



50 - MR/04.30-45.S.2

Telha - fragmento de telha.
Cozedura semi-oxidante.
Pasta - tipo B, compacta, vermelha.
Decoração - superfície preenchida por sulcos digitados na vertical.

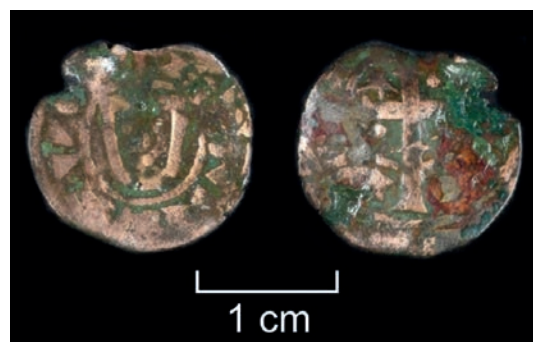


3.2.3 - Período Medieval Cristão (Fig. 16, n.º inv. 53, 57, 61, 63, 64, 67)

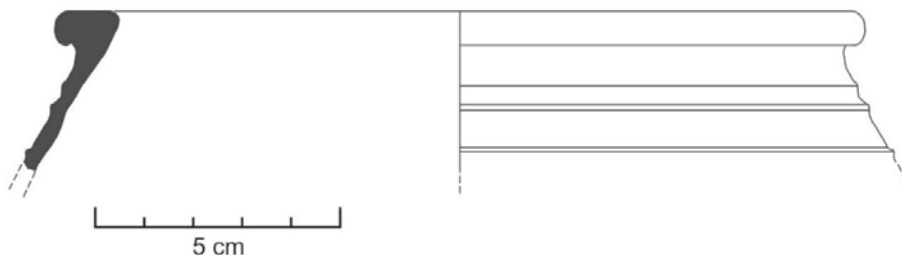
51 - MR/06.10. CR.S.4

Dinheiro de Sancho II (1223-1248)

liga de cobre
Anverso - escudo com cincoquinas. REX SANCIVS.
Reverso - cruz, ladeada por estrelas e besantes.
Diâmetro - 16 mm.
Peso - 0,619 gr.

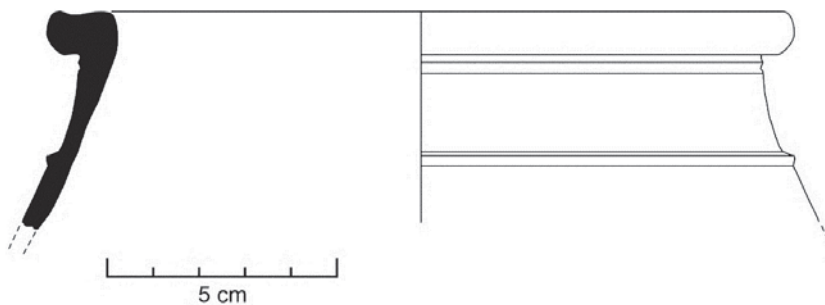


52 - MR/04. 30-45. S.3



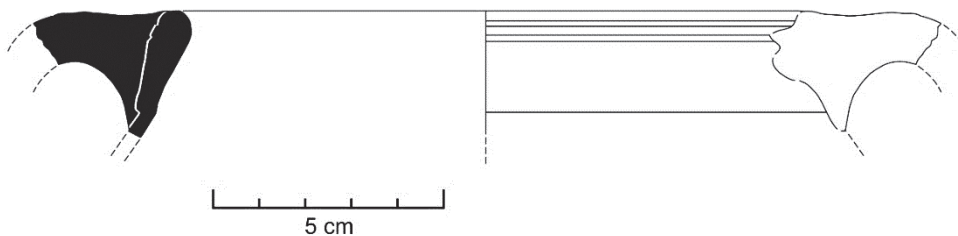
Panela - Fragmento de bordo e parede. Lábio de secção quadrangular. Bordo troncocónico.
Diâmetro - 160 mm
Tipo de cozedura - Redutora.
Tipo de Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B. Castanha clara.
Decoração - apresenta nervuras na zona proximal do bordo.

53 - MR/06.60-75.S.4



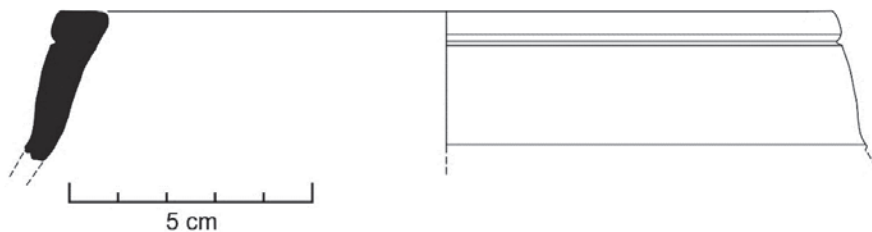
Panela – fragmento de bordo em aba, de secção quadrangular. Corpo evoluindo para perfil troncocónico.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.
Decoração – pequena nervura horizontal, provocando espaço de moldura entre esta e o bordo.

54 - MR/06.45-60.S.4



Panela – Fragmento de bordo e asa. Lábio arredondado. Forma fechada com inclinação para o interior.
Diâmetro – 140 mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – Bom acabamento de superfície.

55 - MR/06.45-60.S.4



Panela – Fragmento de bordo troncocónico com uma canelura a definir o lábio e ligação bem acentuada na evolução do colo para o ombro.

Diâmetro – 160 mm.

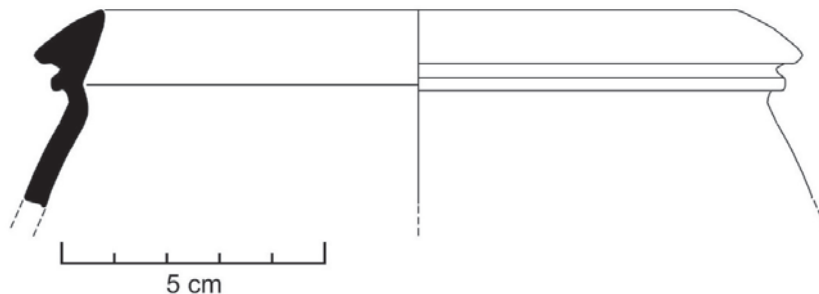
Cozedura – Oxidante.

Fabrico – Roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – Bom acabamento.

56 – MR/06.45-60. S.4



Panela – bordo de secção triangular com ressalto e nervura bem marcada. Ausência de colo, paredes evoluindo para corpo globular.

Diâmetro – 120mm.

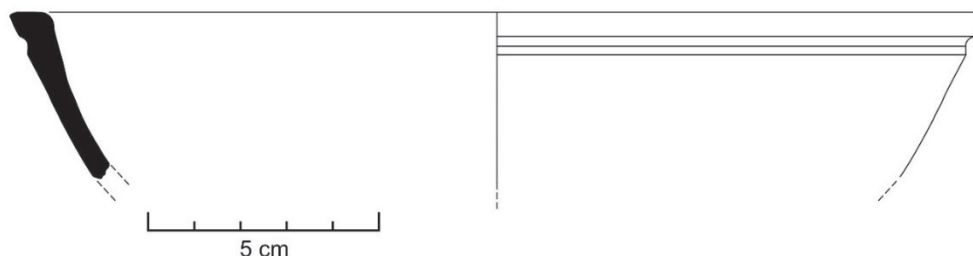
Cozedura – Redutora.

Fabrico – Roda rápida.

Pasta – Tipo B. Negra no exterior, rosada e cinza no cerne.

Superfícies – Bom acabamento na superfície externa; mau acabamento na superfície interna.

57 – MR/06.30-45.S.4



Taça – Fragmento de bordo com lábio plano e corpo em calote.

Diâmetro – 210 mm.

Cozedura – oxidante.

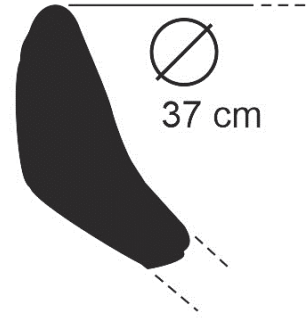
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelho escuro.

Bom acabamento de superfícies.

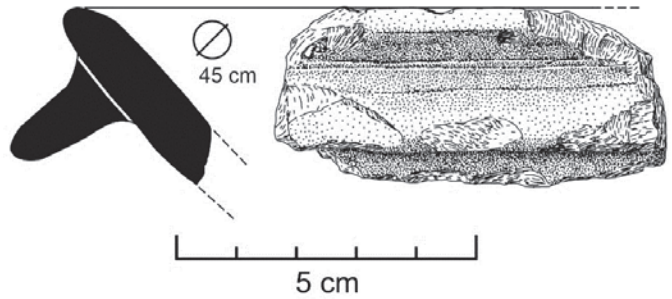
58 – MR/07.CV.S.4

Caçoila – fragmento de bodo de secção triangular, espessado.
Diâmetro – 370mm.
Cozedura – semi-oxidante.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – Tipo B.
Superfícies – rugosa.

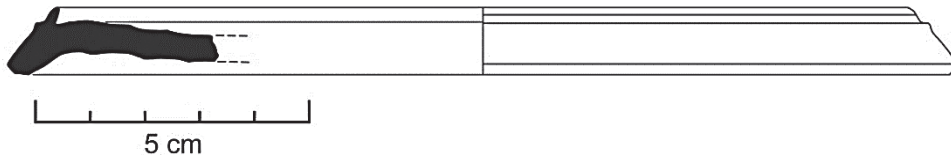


59 – MR/06.30-45.S.5

Caçoila/alguidar – Fragmento de bordo e paredes de perfil oblíquo e bordo em aba, fracturada.
Diâmetro – 450mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

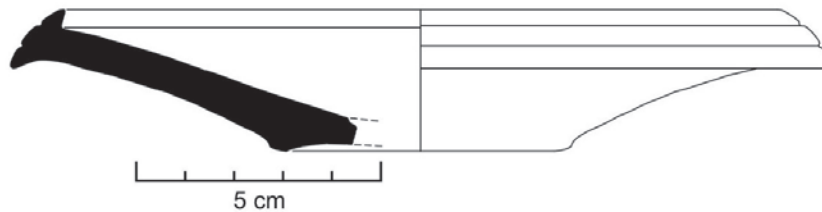


60 – MR/06.CR.S.4



Testo – fragmento de perfil em barbela incompleto.
Diâmetro – superior 155mm, diâmetro de base 170mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta tipo B.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

61 – MR/05. Sup-15.S.4



Testo – Fragmento de budo em barbela

Diâmetro – 150 mm.

Cozedura – semi- redutora.

Tipo de fabrico – manual.

Pasta – Tipo B, mista: cerne cinza, superfícies vermelhas escuras.

Tratamento de superfícies – alisadas

62 – MR/04.30-45. S.3



Testo – Fragmento de bordo boleado.

Diâmetro – 165 mm.

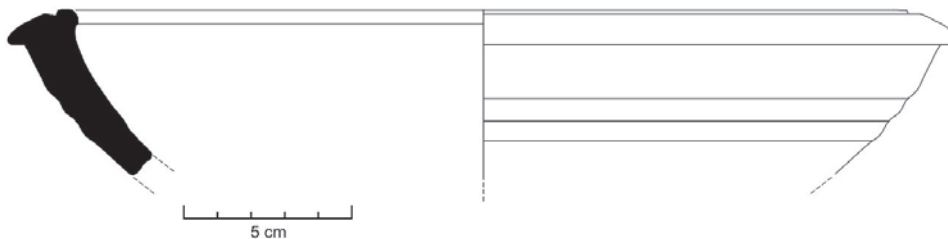
Cozedura – Redutora.

Tipo de fabrico – Roda rápida.

Pasta – Tipo C, homogénea e bem depurada. Negra.

Tratamento de superfícies – Bom tratamento, com evidências de exposição ao fogo.

63 – MR/06.60-75.S.4



Tigela – fragmento de tigela com bordo em “T” e parede com perfil em calote.

Diâmetro – 280mm.

Cozedura – semi-redutora.

Fabrico – roda lenta.

Pasta – tipo B. Mista, Cerne cinza e superfícies beges.

Superfícies – alisadas.

64 – MR/07.30-45.S.1

Caneca – fragmento de parede e fundo.

Diâmetro – 70mm.

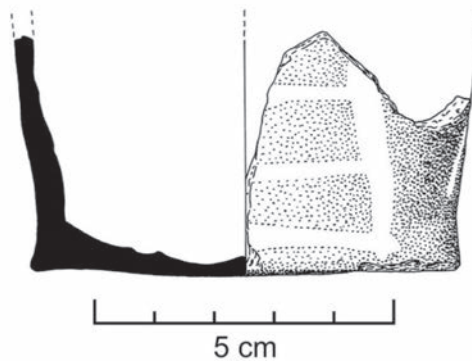
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

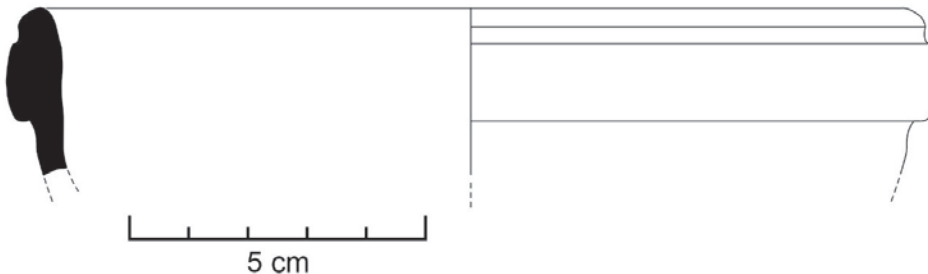
Pasta – tipo C. Bege.

Superfície – revestimento a engobe vermelho no exterior.

Decoração – composições geométricas aplicadas a barbotina.



65 – MR/04.30-45.S.3



Púcaro – fragmento de bordo com paredes espessadas e parte de parede.

Diâmetro – 150mm.

Cozedura – redutora.

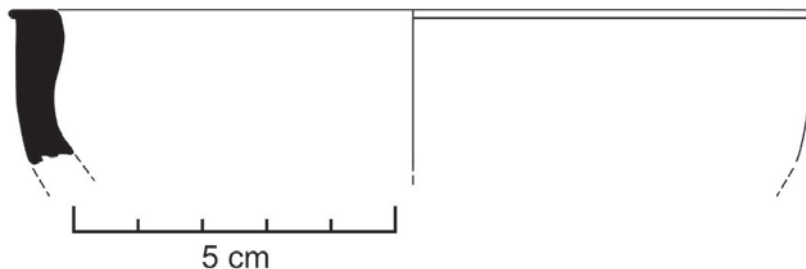
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Cinza no núcleo, superfícies alaranjadas.

Superfícies – bom acabamento.

Decoração – canelura junto ao lábio.

66 – MR/07.S.5



Bilha – Fragmento com lábio plano e paredes verticais.

Diâmetro – 125mm.

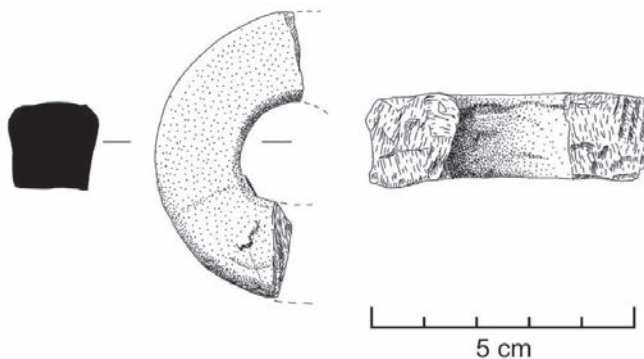
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cinza.
Superfície – bom acabamento.

67 – MR/06.CR.S.4

Argola de suspensão de frigideira

Diâmetro – 55mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – manual.
Pasta – tipo C. Negra.



3.2.5 – Época Moderna (Fig. 16, n.º inv. 76, 77, 86, 97 e 103; Fig. 17, n.º inv. 104, 105, 117, 126, 131, 133, 134, 140 e 141)

A Época Moderna, a par do período romano, é a que regista maior volume de peças do conjunto cerâmico que se insere na cultura material.

As escavações ofereceram, essencialmente, exemplares que nos remetem para ambientes de mesa e cozinha.

Da cerâmica de cozinha consta um número significativo de panelas, caçoilas, tigelas, tachos, algumas tampas e uma púcara.

Da cerâmica de mesa constam, em faiança: pratos e tigelas, e em cerâmica fosca, taças, bilhas. Ainda em faiança, um conjunto de vasos de noite.

Trata-se de um conjunto bem representado, que integra as produções de Lisboa. As pastas são beges, foliáceas e friáveis, com escassos elementos não plásticos. Predominam as decorações monocromas, azul-cobalto sobre branco estanífero: filetes, semi-círculos concêntricos, contas e elementos fitomórficos.

Dos contentores de fogo fazem parte alguns exemplares de fogareiros.

68 – MR/06.10. CR.S.4

Moeda – ceítis. Afonso V (1438-1481)

Anverso – muralha com portas.

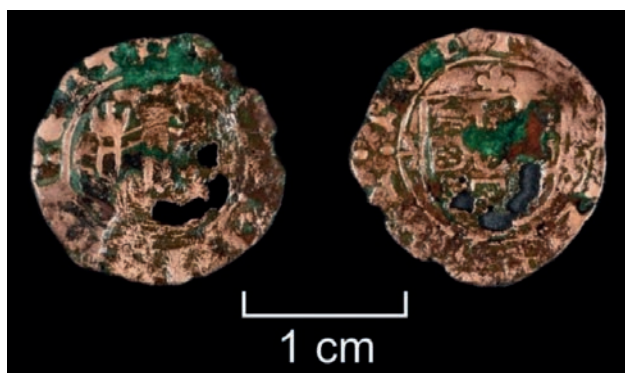
Reverso – escudo com torres e escudete com cinco quinas.

Diâmetro – 20 mm.

Peso – 1,223 gr.

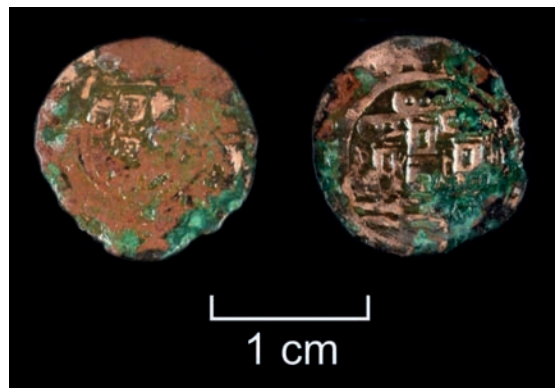
Bibliografia – MAGRO, F. A. C. (1986)

– Ceitis. Sintra: Instituto de Cintra, Sintra.

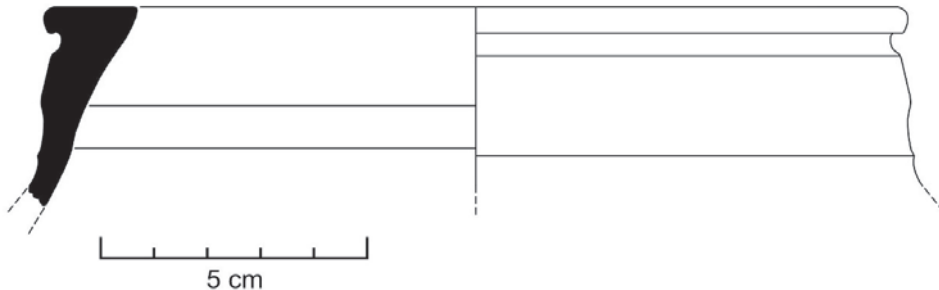


69 – MR/06.10. CR.S.4

Moeda – ceutil. Afonso V (1438-1461)
Anverso – Muralha com portas.
Reverso – escudo com torres, e escudete
com cinco quinas.
Diâmetro – 18,5 mm.
Peso – 1,375 gr.
Bibliografia – MAGRO, F. A. C. (1986)
– *Ceitis*. Sintra: Instituto de Cintra.

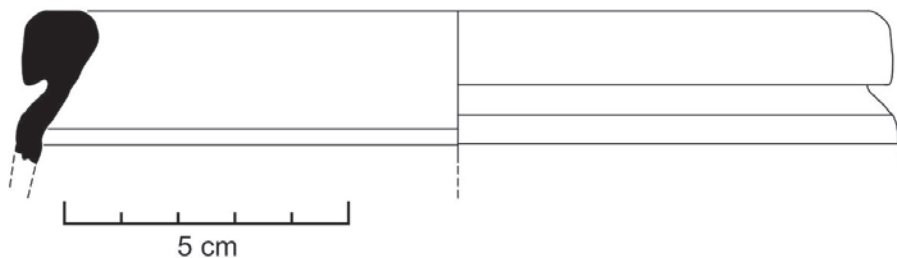


70 – MR/06.sup.15. S.5



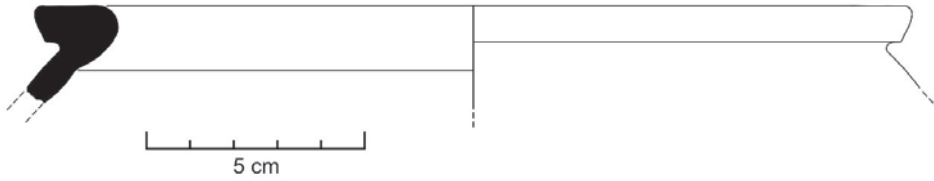
Panella – fragmento de bordo de secção quadrangular, lábio plano e paredes ligeiramente cónicas.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

71 – MR/04.Sup-S.3



Panella – fragmento de bordo de secção quadrangular e parede com ligeira inflexão sob o bordo.
Diâmetro – 150mm-
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

72 - MR/07.CR.S.4



Panela - fragmento de bordo de secção quadrangular, com lábio plano e corpo de perfil globular.

Diâmetro - 200mm.

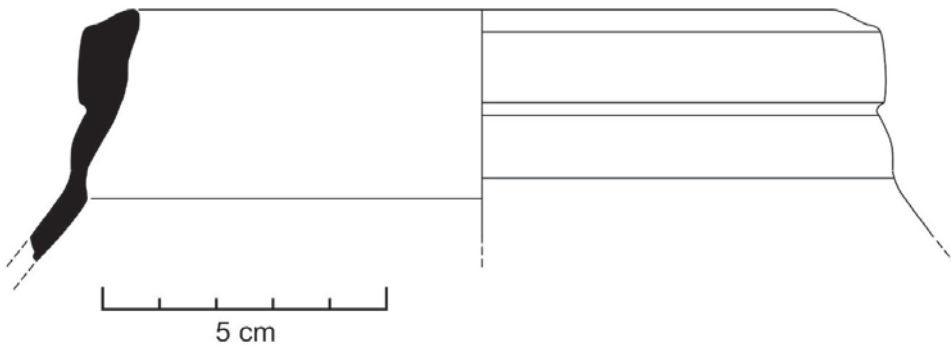
Cozedura - semi-oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo C.

Superfícies - bom acabamento.

73 - MR/06.sup-15.S.5



Panela - fragmento de bordo, de secção quadrangular, com lábio descaído. Colo curto, evoluindo para perfil globular.

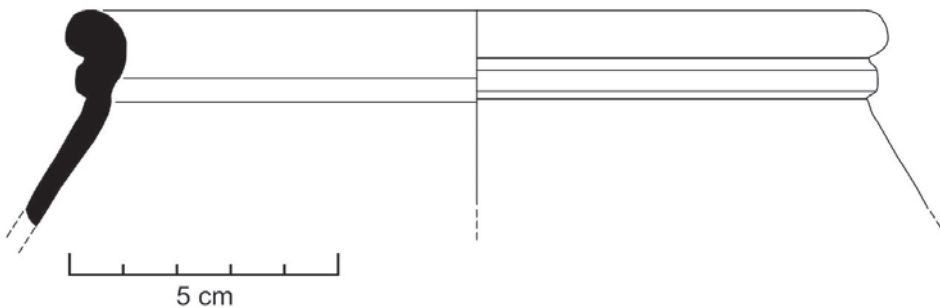
Diâmetro - 125mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida. Pasta - tipo B. Vermelha.

Superfícies - alisadas, com evidências de utilização.

74 - MR/05.sup-15.S.4



Paneta – fragmento de bordo espessado, de secção circular. Ausência de colo e corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro – 150mm.

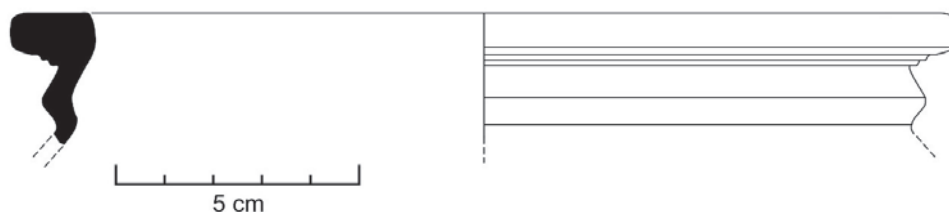
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

75 – MR/05.sup-15.S.4



Paneta – fragmento de bordo de secção quadrangular. Colo com inflexão.

Diâmetro – 194mm.

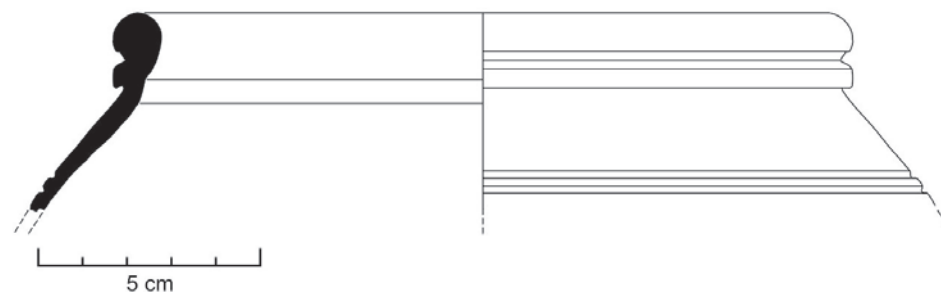
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

76 – MR/06.sup-15.S.5



Paneta – Fragmento de bordo e parede. Lábio de secção circular, seguido de canelura e ressalto. Registam-se duas caneluras no corpo da peça que evolui para perfil globular.

Diâmetro – 160mm.

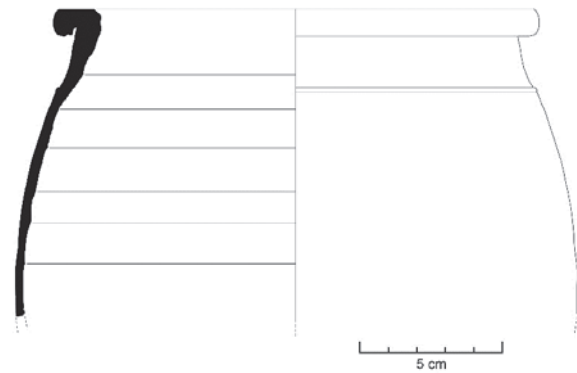
Cozedura – oxidante.

Fabrico – Roda rápida.

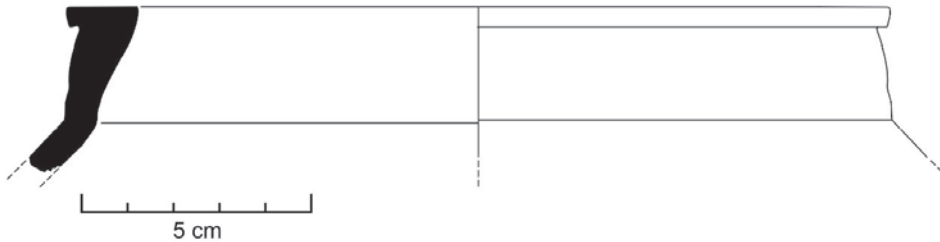
Superfície – Alisamento.

77 - MR/07.30-45.S.1

Panela - Fragmento de bordo em aba, secção quadrangular, lábio plano.
Paredes em perfil de forma de saco.
Diâmetro - 170mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelha escuro.
Superfícies - alisadas, com evidências de utilização ao fogo.
Decoração - pequena nervura formando moldura entre esta e o bordo.



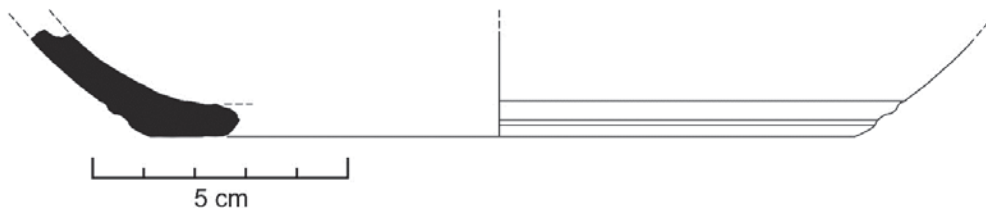
78 - MR/06.45-60. S.4



Panela - Fragmento de bordo de panela com lábio plano, e colo semi-vertical, corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro - 180 mm.
Cozedura oxidante
Fabrico - roda rápida
Pasta - Tipo B. Vermelha
Superfícies - Bom acabamento de superfície.

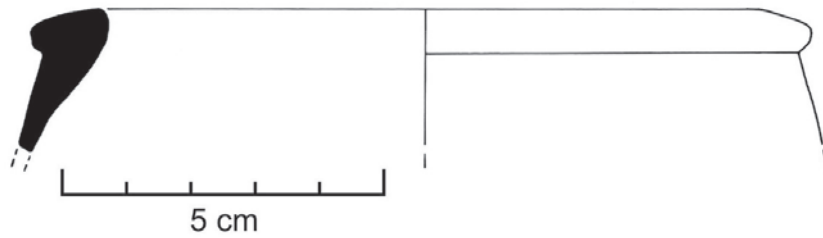
79 - MR/ 06.15-30. S.5



Panela - fragmento de base de panela.
Diâmetro - 140mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelha.

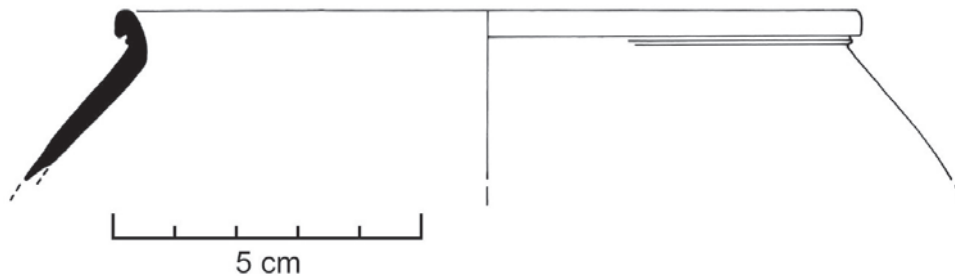
Superfícies – face externa alisada e a interna rugosa, com evidências de exposição ao fogo.
Decoração – nervura, seguida de canelura, junto à base.

80 – MR/06.45-60. S4



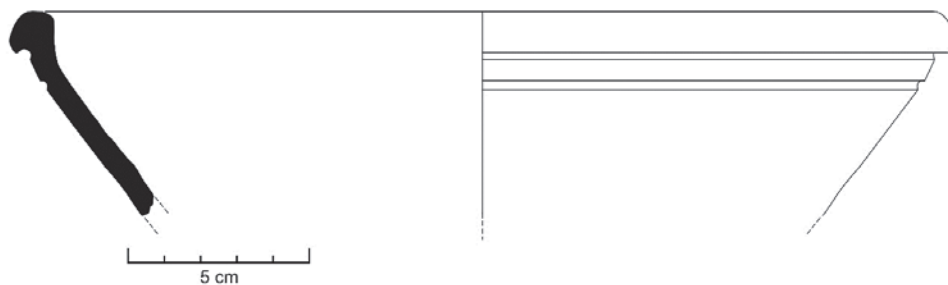
Panela – fragmento de bordo e colo.
Diâmetro -123 mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Rosa, siliciosa.
Superfície – alisamento

81 – MR/06.CR. S.4 (3 frag.)



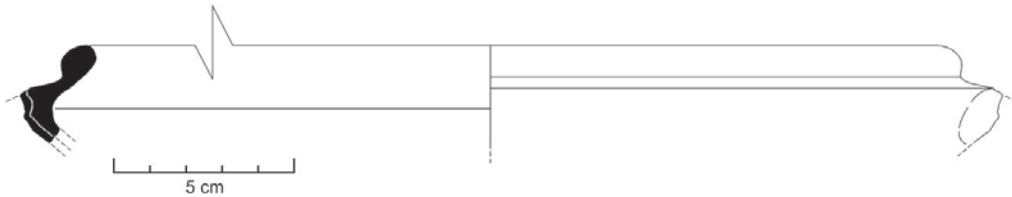
Púcara – fragmento de bordo e colo
Diâmetro – 122 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento.

82 – MR/04.15-20.S.3



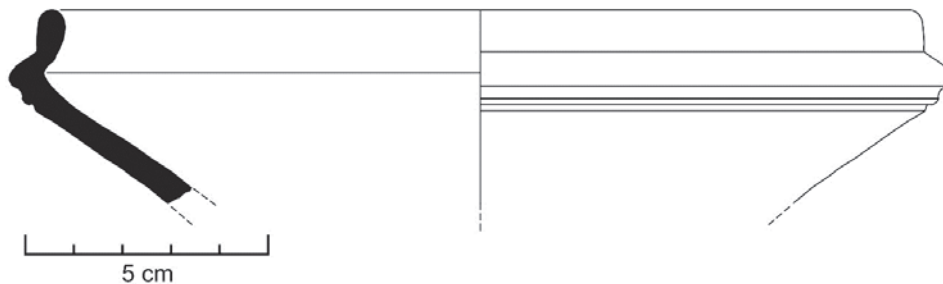
Tigela – Bordo de secção circular, formando pequena aba, evoluindo para corpo troncocónico.
Diâmetro – 260mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfície – alisamento. Evidências de exposição ao fogo

83 – MR/05. Sup-15.S.4



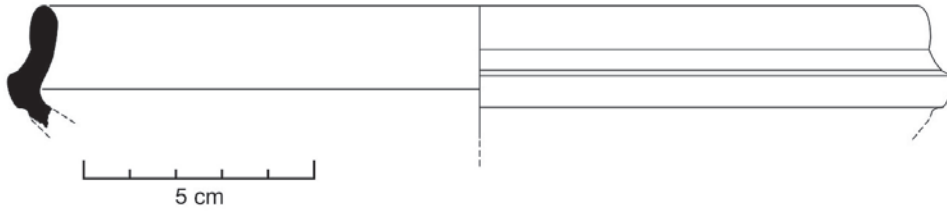
Caçoila – fragmento de bordo espessado, com inflexão interna e vestígios de arranque de asa.
Diâmetro – 340mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

84 – MR/06.30-45.S.5



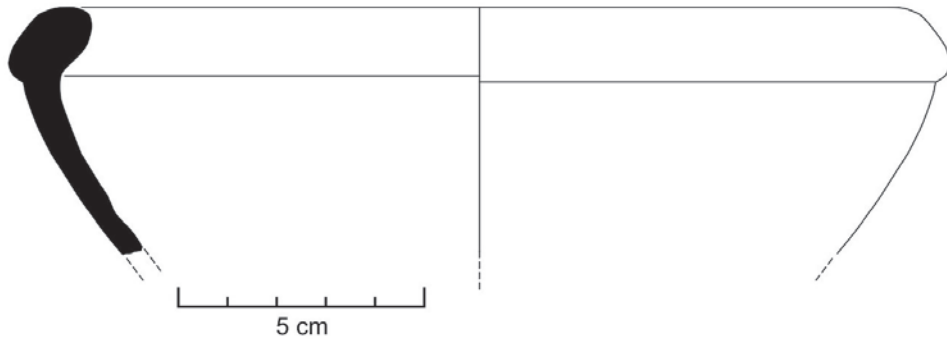
Caçoila – Fragmento de caçoila, com bordo curto, espessado e pendente interior. Corpo em calote.
Diâmetro – 180 mm.
Cozedura – Oxidante
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Bom acabamento de superfícies, com evidências de exposição ao fogo.

85 – MR/06.60-75.S.4



Caçoila – fragmento de bordo reentrante com inflexão interna para encaixe de tampa.
Diâmetro – 190mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfície – bom acabamento.

86 – MR/04.60-75. S.3



Caçoila – fragmento de bordo espessado com pendente interior. Parede de perfil curvo.
Diâmetro – 180mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – bom acabamento. Evidências de exposição ao fogo.

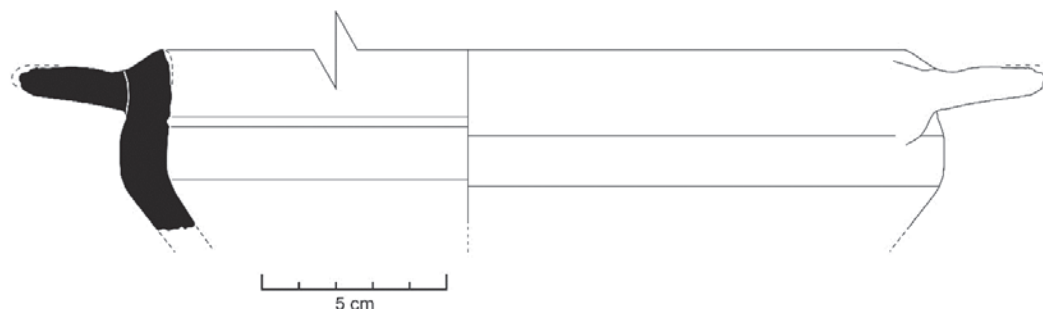
87 – MR/04.sup-15.S.3



Tacho – fragmento de bordo espessado com inflexão interna e duas pegas de perfil triangular.
Diâmetro – 210mm.

Cozedura oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cor vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

88 – MR/06.sup-15.S.5



Tacho – fragmento de bordo com lábio recto, ligeiramente descaído para o exterior; paredes verticais, espessadas, com carena média. Apresenta pegas de perfil circular.

Diâmetro – 232mm.

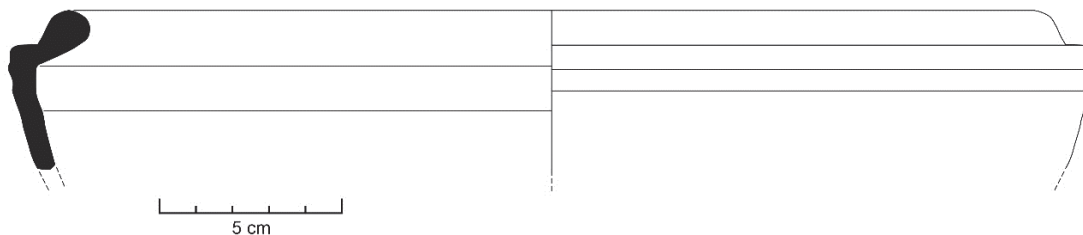
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B.

Superfícies – Mau acabamento.

89 – MR/06.CR.S.4



Tacho/caçoila – Bordo de secção circular, formando ressalto exterior horizontal. Corpo com paredes rectas e oblíquas.

Diâmetro – 270mm.

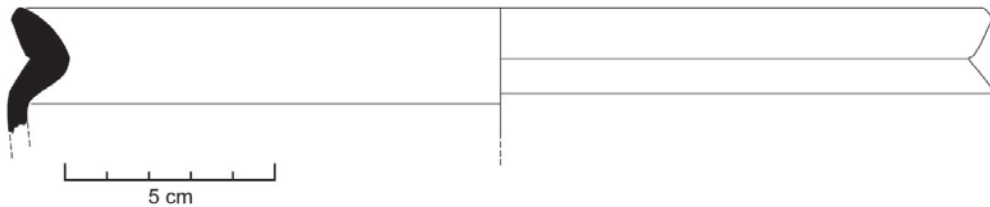
Cozedura – oxidante.

Fabrico – Roda rápida.

Pasta – Tipo B. Vermelha.

Superfície – alisamento. Evidências de exposição ao fogo.

90 – MR/05.120-135.S.3



Tacho – fragmento de bordo apontado e espessado, curto, com inflexão externa. Evolui para perfil indeterminado.

Diâmetro – 230mm.

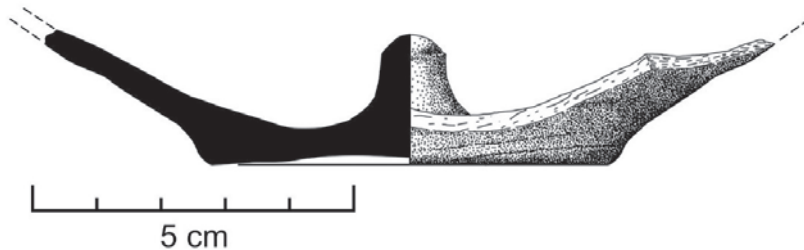
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – Tipo B. Rosada.

Superfícies – alisadas.

91 – MR/05.sup-15.S.4



Testo – Fragmento de testo com pitorra.

Diâmetro de base – 60 mm.

Cozedura – oxidante

Fabrico – Roda rápida

Pasta – Tipo C. Homogénea e bem depurada. Cor bege.

Superfícies – Bom tratamento, com evidências de exposição ao fogo.

92 – MR/04.60-75.S.3

Testo – fragmento de bordo espessado de secção quadrangular.

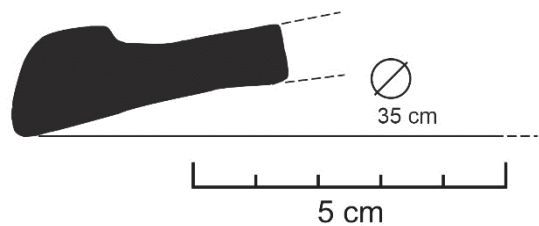
Diâmetro – 350mm.

Cozedura – redutora.

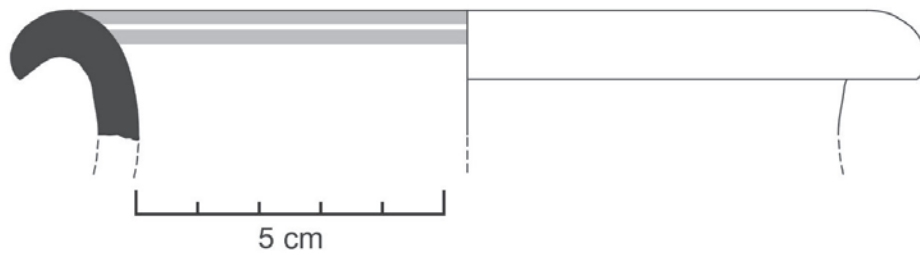
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Castanha.

Superfícies – bem alisadas.

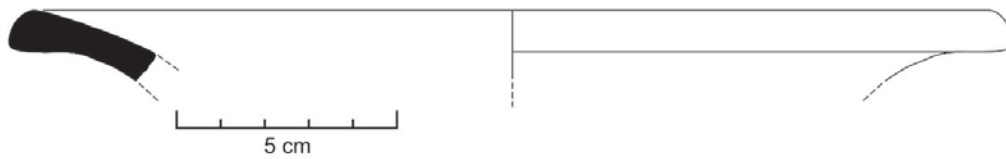


93 - MR/04.15.30.S.3



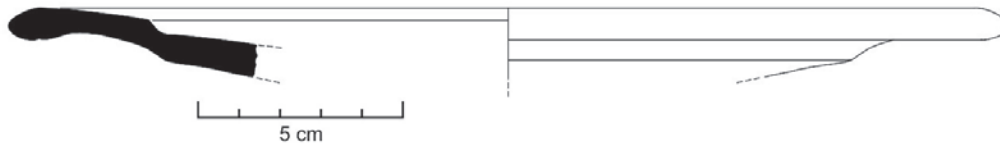
Pote/Jarra - Fragmento de bordo em voluta, em faiança portuguesa.
Diâmetro - 150mm.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A. Cor Bege.
Superfícies - revestidas a vidro estanífero.
Decoração - Dois filetes paralelos em azul cobalto no interior junto ao bordo.

94 - MR/05.Sup.15.S.4



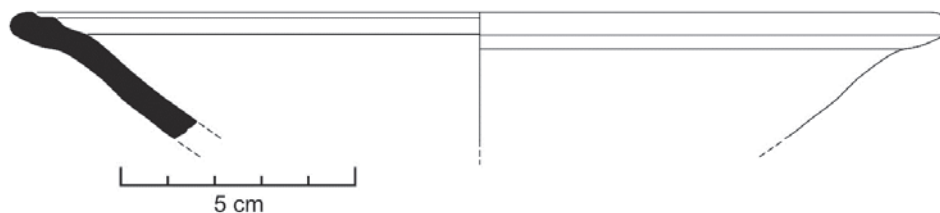
Prato - Bordo em aba, corpo evoluindo para perfil troncocónico.
Diâmetro - 220mm.
Cozedura - Oxidante.
Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B. Vermelha.
Superfícies - Bom acabamento.

95 - MR/05.Sup-15.S.4



Prato - Bordo em aba com ressalto interno e corpo com perfil troncocónico.
Diâmetro - 240mm.
Cozedura - Oxidante.
Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B. Rosada.
Superfícies - Bom acabamento. Brunido na superfície interna.

96 - MR/04.Sup.15. S...



Prato - fragmento de bordo e parede em cerâmica fosca.

Diâmetro - 200mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - Tipo B. Vermelha.

Superfícies - revestido a vidro plumbífero verde.

97 - MR/06.60-75.S.4

Prato - Fragmento de prato com perfil incompleto.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

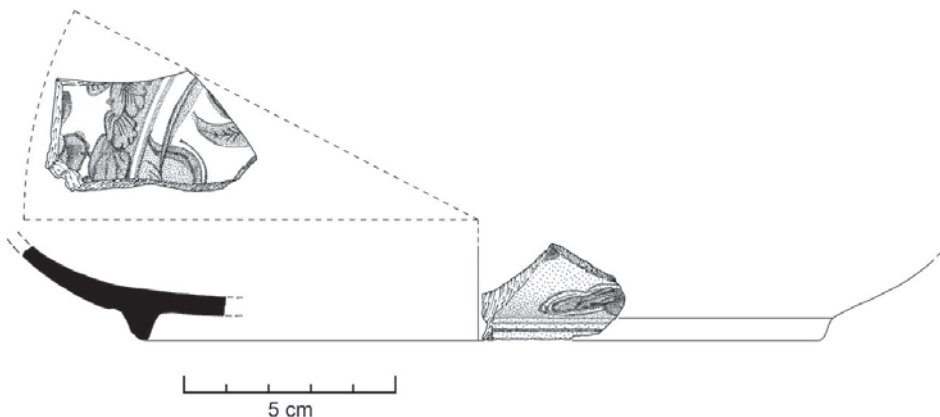
Pasta - tipo A. Branca.

Superfícies - revestidas a vidro melado.

Decoração - incisa. Possíveis motivos circulares.



98 - MR/04.sup-15.S.3



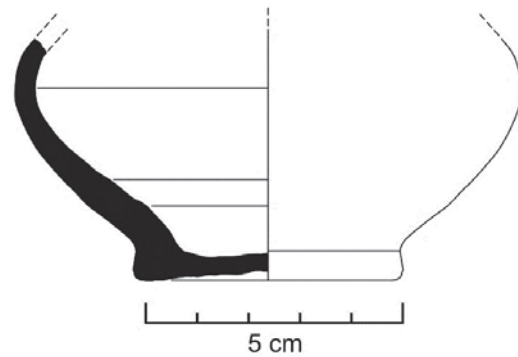
Prato - fragmento de prato em porcelana, de produção exógena.

Diâmetro de base - 160mm.

Decoração - motivos vegetalistas em azul nas duas superfícies.

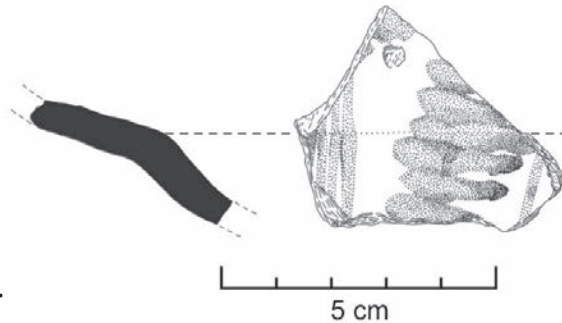
99 - MR/07.sup-15.S.6

Boião - fragmento de base e parede em faiança portuguesa.
Diâmetro de base - 52mm.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A.
Superfícies - revestido a vidro estanífero.

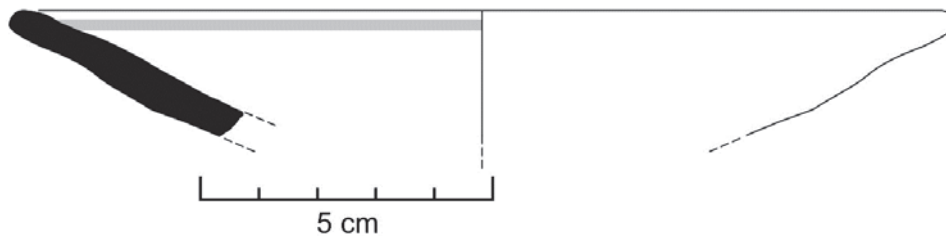


100 - MR/94.sup-15.S.3

Prato - fragmento de parede de prato em faiança portuguesa. Perfil incompleto.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A. Rosada.
Superfícies - revestido a vidro estanífero.
Decoração - pintura com motivos fitomórficos em azul.

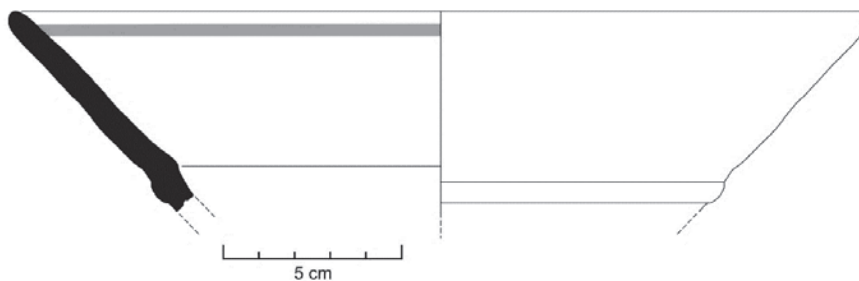


101 - MR/04.sup-15.S.3



Prato - Fragmento de pequeno prato em faiança portuguesa.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A. Rosada.
Superfície - esmaltada a vidro estanífero.
Decoração - filete azul no interior do bordo.

102 - MR/04.sup-15.S.3



Prato – fragmento de bordo de prato em faiança portuguesa. Paredes oblíquas e ausência de perfil completo.

Diâmetro – 240mm.

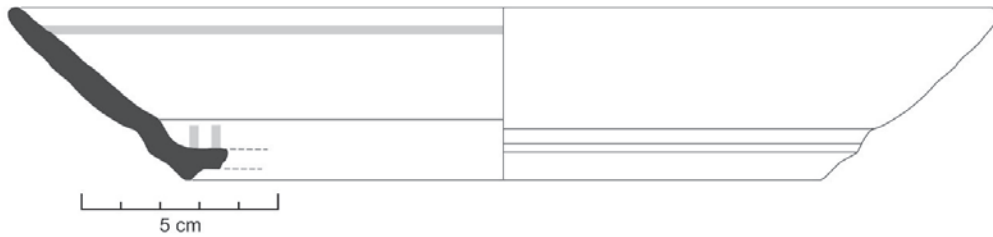
Cozedura – Oxidante.

Pasta – tipo A. Branca.

Superfície – vidrado estanífero.

Decoração – apresenta filete azul na superfície interna, junto ao bordo.

103 – MR/05.20-35.S.3



Prato – Fragmento em faiança portuguesa de perfil completo.

Diâmetro – 250mm do bordo, 160mm base.

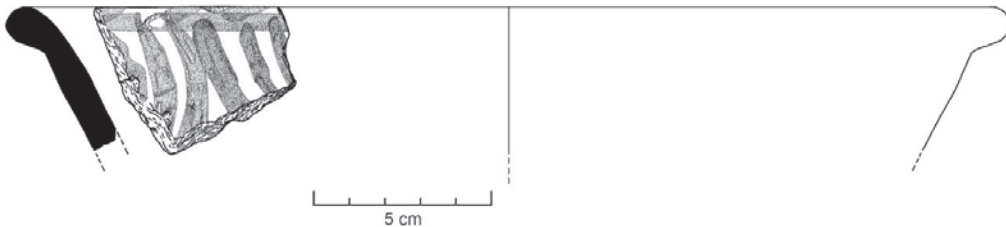
Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A. Bege.

Superfície – revestida a vidrado estanífero.

Decoração – filete azul junto ao bordo e dois filetes paralelos no fundo.

104 – MR/04.75-90.S.3



Prato – fragmento em faiança portuguesa. Bordo ligeiramente extrovertido, formando pequena aba, de secção circular. Paredes oblíquas.

Diâmetro – 280mm.

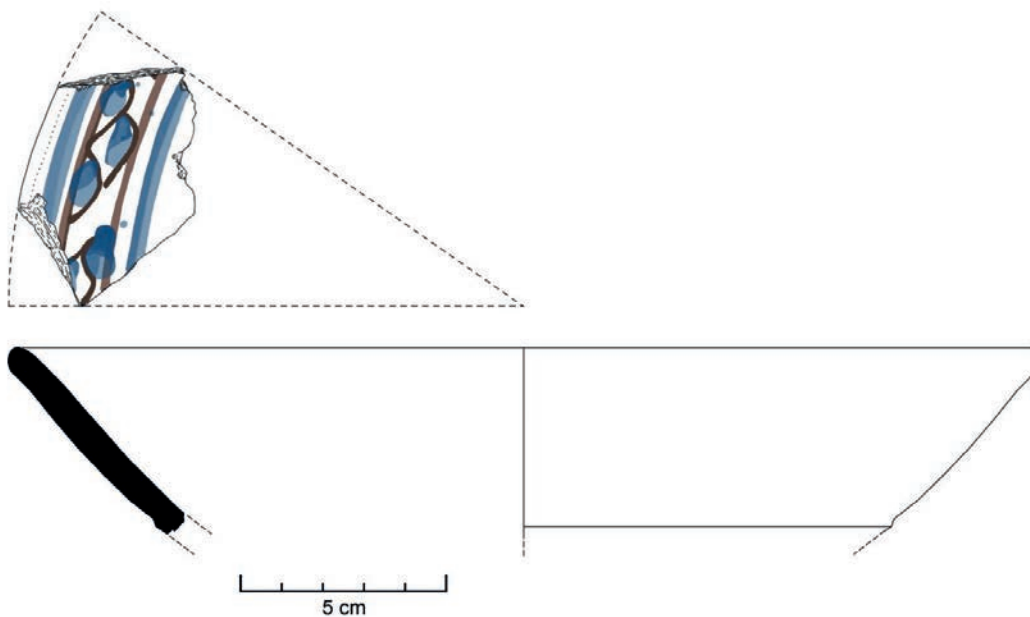
Cozedura oxidante.

Pasta – tipo A. Bege

Superfícies – vidrado plumbífero com imperfeições na chacota.

Decoração – contas oblíquas no bordo, filete e semi-círculos concêntricos em pinceladas azuis.

105 - MR/05.120-135.S.3



Prato - Fragmento de prato em faiança portuguesa.

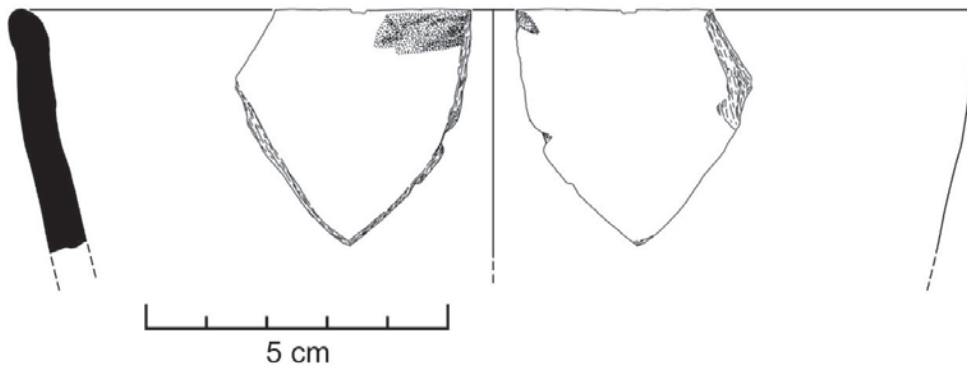
Diâmetro - 250mm.

Cozedura - oxidante.

Pasta - Tipo A. Friável, cor bege.

Decoração - moldura com motivo de contas entre filetes, junto ao bordo.

106 - MR/06.sup-15.S.5

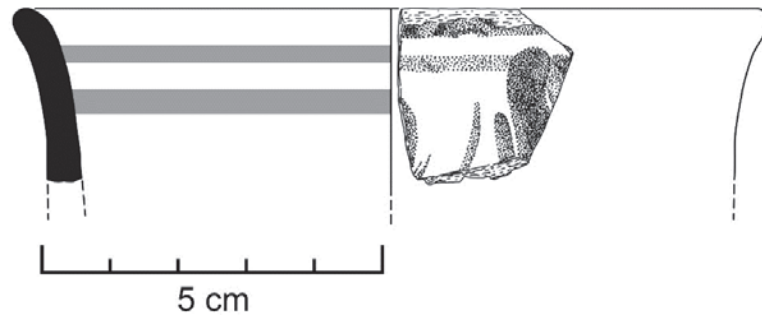


Taça - Fragmento de bordo e parede em faiança portuguesa, com pincelada azul junto ao bordo.

Diâmetro - 160mm

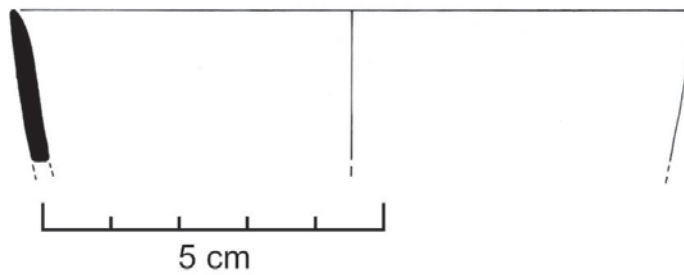
Pasta - Tipo A. Bege.

107 - MR/04.sup-15.S.3



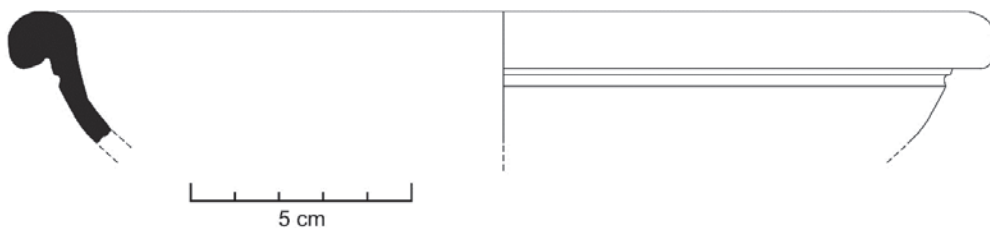
Taça - fragmento de bordo e parede de taça em faiança portuguesa.
Diâmetro - 111mm.
Pasta - tipo A. Cor bege.
Superfície - revestida a vidro estanífero.
Decoração - apresenta dois filetes em azul no interior junto ao bordo. A superfície externa apresenta decoração vegetalista.

108 - MR/04/CR. S2



Taça - fragmento de bordo e parede em faiança.
Diâmetro - 101 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento.

109 - MR/04.Sup.S.3



Tigela – Fragmento de bordo de secção circular e paredes de perfil em calote.

Diâmetro – 220mm.

Cozedura – semi-redutora.

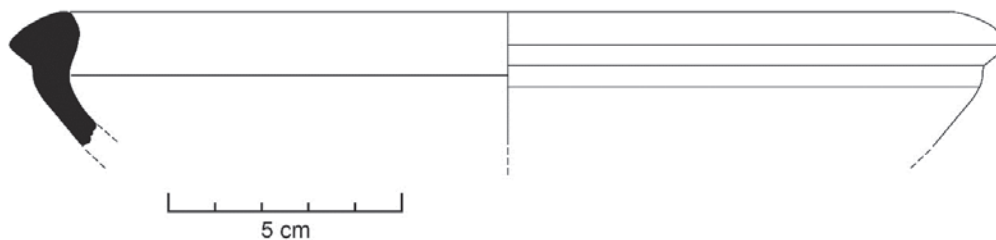
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, mista. Superfícies vermelhas e cerne cinza.

Superfícies – bom acabamento, com evidências de exposição ao fogo.

Decoração – apresenta canelura sob o bordo.

110 – MR/04.15-30.S.3



Tigela – fragmento de bordo espessado, lábio descaído e inflexão interna. Corpo em calote.

Diâmetro – 190mm.

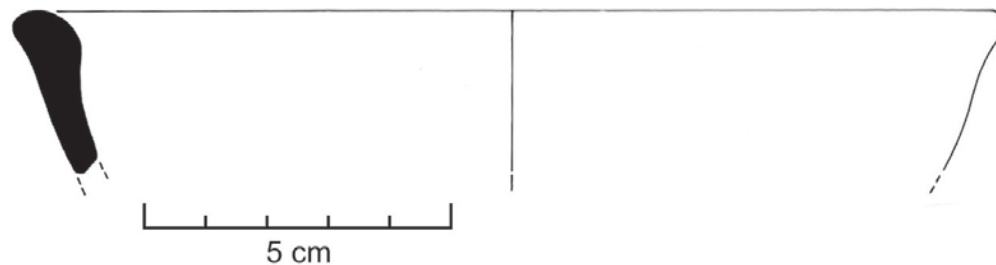
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

111 – MR/05.Sup-15. S4



Tigela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 133 mm.

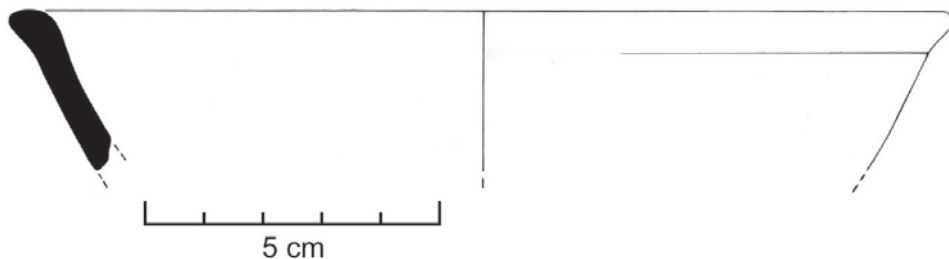
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

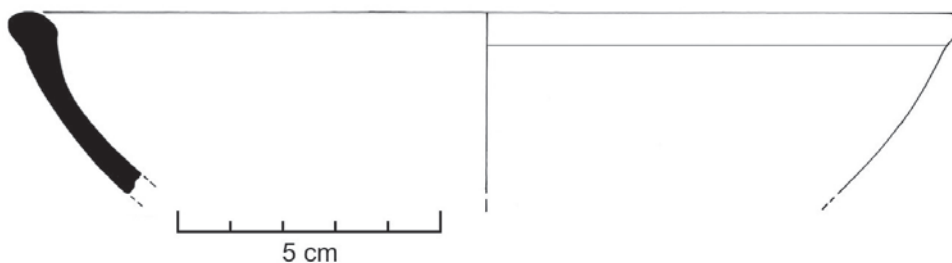
Superfície – alisamento

112 - MR/06.45-60. S.4



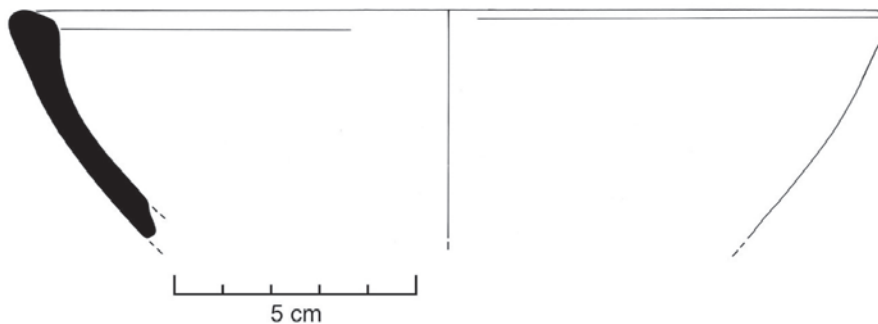
Tigela - fragmento de bordo e parede.
Diâmetro -161 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento. Engobe na superfície interna.

113 - MR/06.CR.S.4



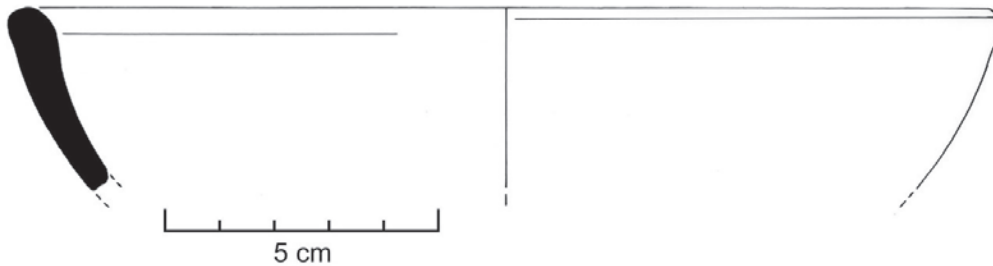
Tigela fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 181 mm.
Pasta - siliciosa.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, brunida internamente.
Superfície - alisamento

114 - MR/06.30-45. S.5



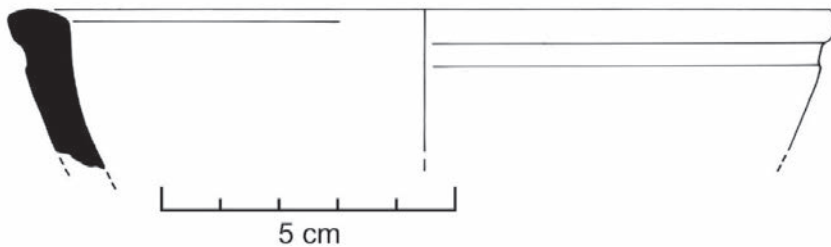
Tigela – fragmento de bordo e parede.
Diâmetro – 181 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície -alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

115 – MR/06.Sup-15.S.5



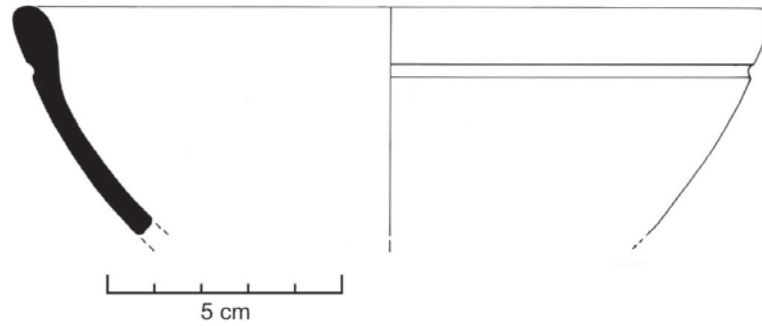
Tigela – fragmento de bordo e parede.
Diâmetro – 181 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

116 – MR/06.Sup-15. S.4



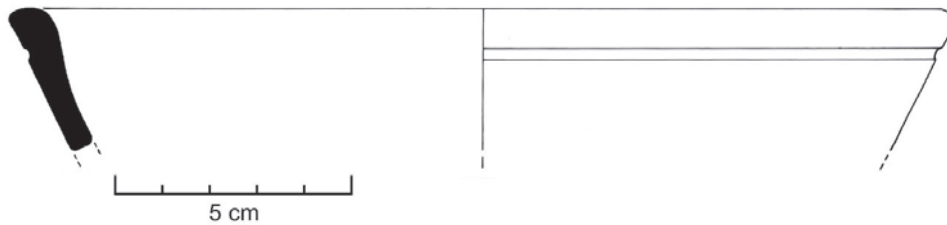
Tigela – bordo e parede.
Diâmetro – 142 mm.
Cozedura: oxidante
Fabrico: roda rápida.
Pasta: tipo B.
Decoração: canelura abaixo do bordo.
Superfície: Alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

117 - MR/05.Sup-15. S.4



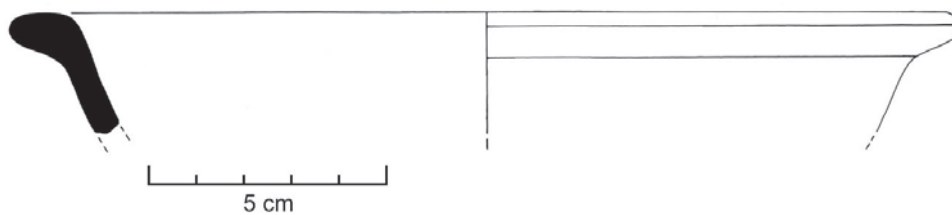
Tigela - bordo e parede.
Diâmetro - 163 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Decoração - canelura abaixo do bordo.
Superfície - alisamento

118 - MR/06.CR. S4



Tigela - fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 202 mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Decoração - canelura abaixo do bordo.
Superfície - alisamento

119 - MR/06.60-75.S.4



Tigela – fragmento de bordo com aba e parede.

Diâmetro – 202mm.

Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

120 – MR/04.CR. S2

Púcaro – fragmento de bordo e colo

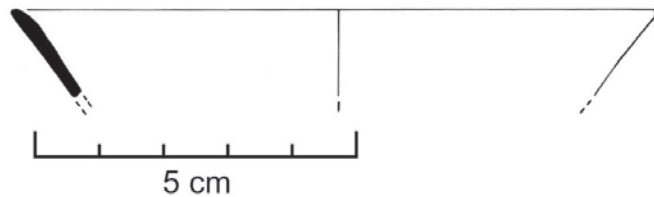
Diâmetro – 120 mm.

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

Superfície -alisamento



121 – MR/04.CR. S2

Púcaro – fragmento de bordo e colo.

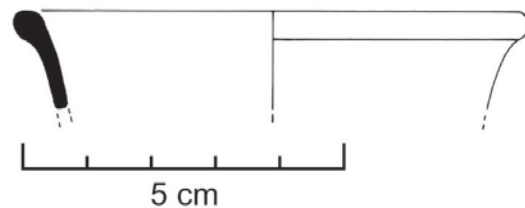
Diâmetro – 101 mm.

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

Superfície – alisamento



122 – MR/04.60-75. S3

Púcaro – fragmento de bordo e colo.

Diâmetro – 81 mm.

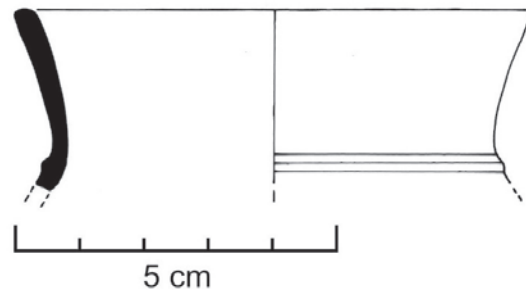
Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

Decoração – canelura entre o colo e o bojo.

Superfície – alisamento



123 – MR/06.45-75. S4

Púcaro – fragmento de bordo e colo.

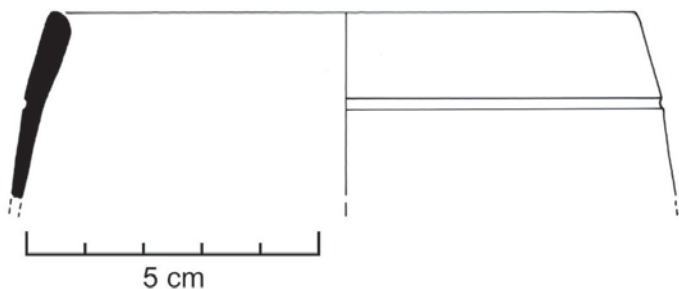
Diâmetro -104 mm.

Cozedura – oxidante

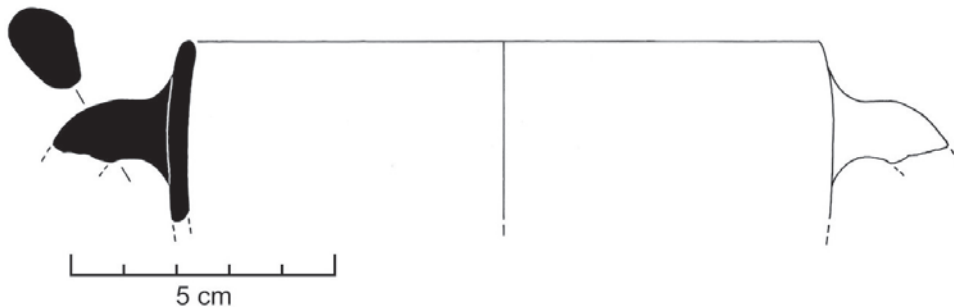
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada. Siliciosa.

Superfície – alisamento



124 – MR/06.60-75. S4



Púcaro – fragmento de bordo, colo e asa.

Diâmetro – 124 mm.

Pasta – siliciosa.

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha, siliciosa

Superfície – alisamento

125 – MR/07.S.6

Bilha – fragmento de bordo espessado, secção circular e colo com vestígios de arranque de asa.

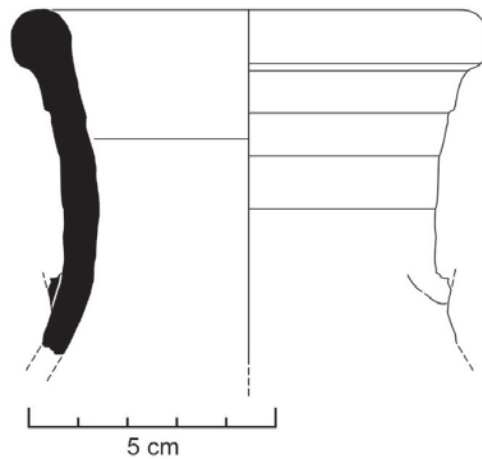
Diâmetro – 80mm.

Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelho

Superfícies – bom acabamento.



126 – MR/04.75-90.S.3

Garrafa – fragmento de bordo e gargalo de garrafa.

Paredes verticais.

Diâmetro – 40mm.

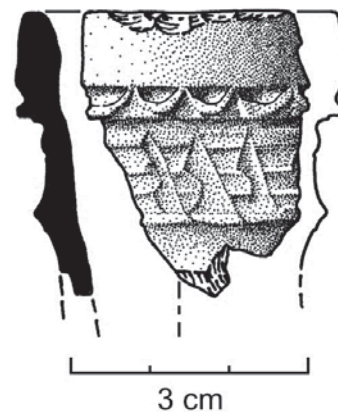
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – alisadas.

Decoração – espatulada.



127 - MR/04.60-75. S.2

Bilha - fragmento de bordo e parede.

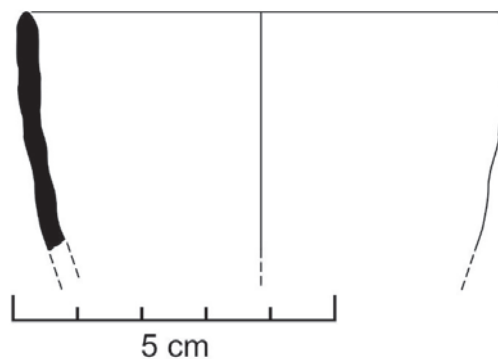
Diâmetro - 75mm.

Cozedura - oxidante.

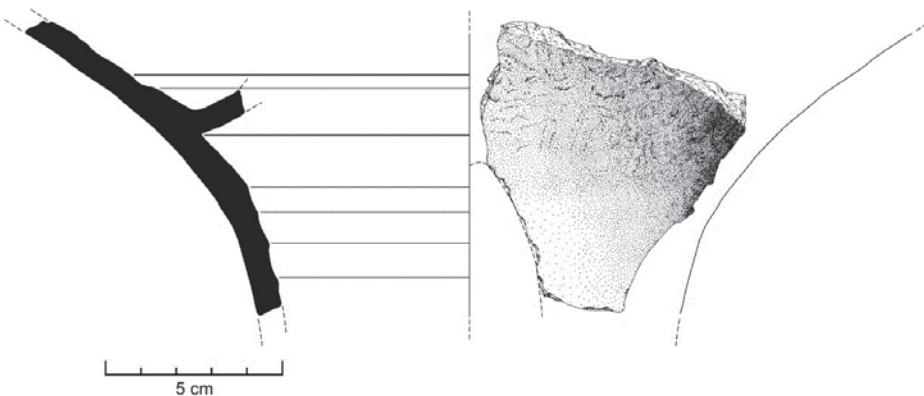
Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

Superfícies - bom acabamento.



128 - MR/06.30-45.S.4



Fogareiro - fragmento de parede e arranque de grelha.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta tipo B. Vermelha.

129 - MR/04.75-90.S.3

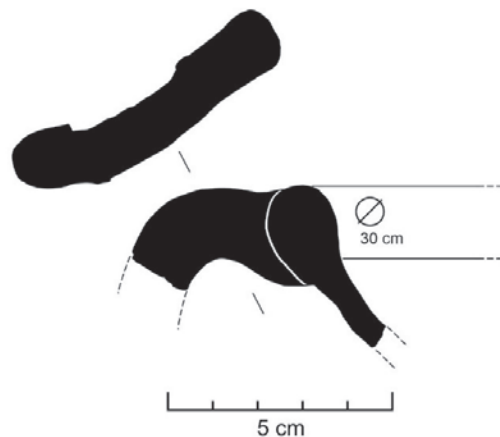
Fogareiro - fragmento de bordo oval, espessado e asa em fita. Corpo troncocónico.

Diâmetro - 300mm.

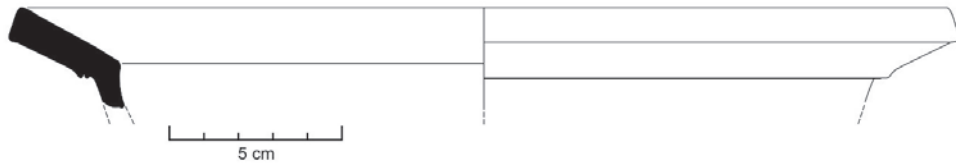
Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Castanha clara.



130 - MR/05.Sup - 15.S.4



Bispote - Fragmento de bordo em cerâmica fosca, com secção quadrangular, oblíquo.

Diâmetro - 270mm.

Cozedura - Oxidante.

Fabrico - Roda rápida.

Pasta - Tipo B. Vermelha.

Superfícies - Bom acabamento.

131 - MR/07.Sup.15.S.6

Bacio - Fragmento de bacio em faiança portuguesa, com bordo em aba e porção de asa.

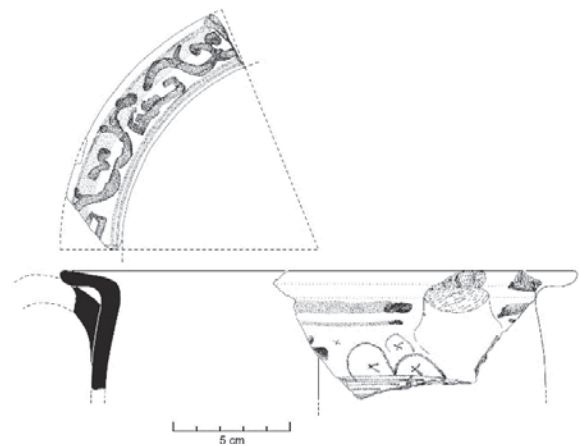
Diâmetro - 220mm.

Cozedura - oxidante.

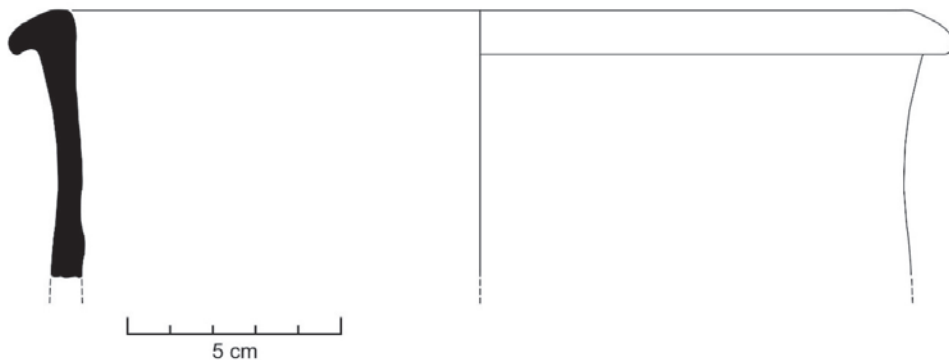
Pasta - tipo A. Cor bege.

Superfícies - revestido a vidro a estanífero.

Decoração - decorado no bordo e na superfície externa com motivos fitomórficos.



132 - MR/05.105-120.S.4



Bacio - fragmento de bordo e parede.

Diâmetro - 220mm.

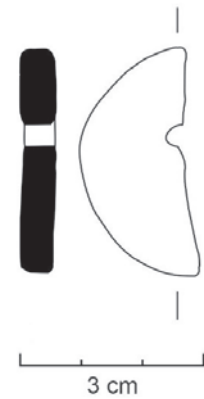
Cozedura - oxidante.

Pasta - Tipo B. Branca, compacta e homogénea.

Superfície - vidro plumbífero, verde com escorridos nas duas superfícies.

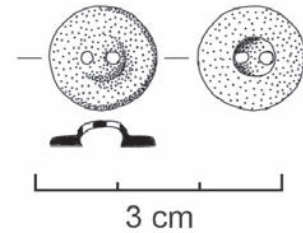
133 - MR/04.30.45.S.3

Botão – Fragmento de botão em cerâmica com orifício
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo A. Friável, bege.



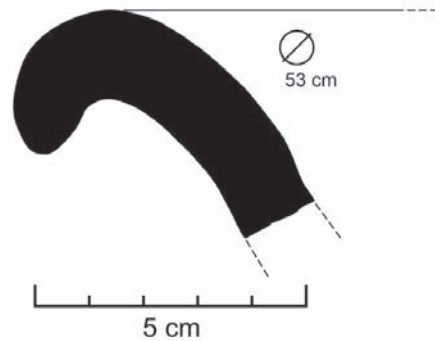
134 - MR/04.CR.S.2

Botão – botão em osso, apresentando dois orifícios localizados em cavidade circular, central.



135 - MR/05.Sup-15.S.4

Alguidar – Fragmento de bordo de perfil em voluta, espessado.
Diâmetro – 530mm.
Cozedura – Oxidante.
Fabrico – roda rápida
Pasta – tipo B. vermelha clara, cerne cinza.
Bom acabamento de superfícies. Brunido internamente.



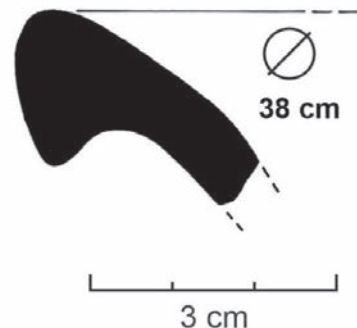
136 - MR/05.120-135.S.3



Alguidar – Bordo espessado, semi-circular, em aba. Paredes evoluindo para perfil troncocónico.
Diâmetro – 500mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfície – vidrado plumbífero melado na superfície interna.

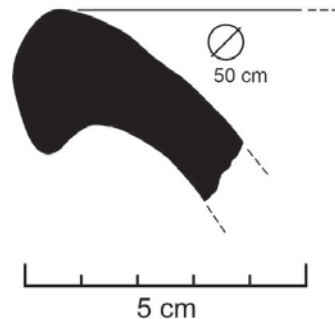
137 - MR/05.15-30.S.4

Alguidar - fragmento de bordo em voluta e parede.
Diâmetro - 380 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento



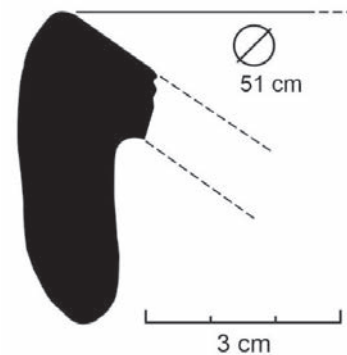
138 - MR/04.20-40.S.3

Alguidar - Fragmento de bordo, espessado, em voluta.
Diâmetro - 510mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelha.
Superfícies - brunidas.

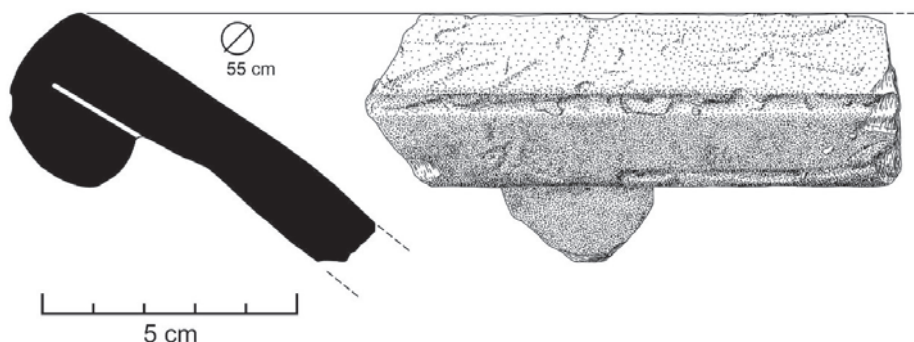


139 - MR/04.30-45.S.3

Alguidar - fragmento de bordo em aba “bico de pato” e parede de perfil troncocónico.
Diâmetro - 510mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - Roda rápida.
Pasta - tipo B. vermelha clara e cinza clara no cerne.
Superfície - bom acabamento. Brunida.

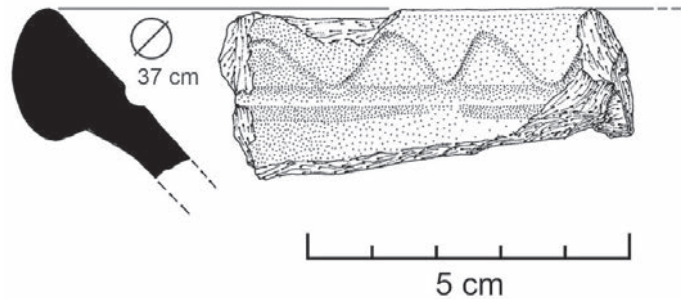


140 - MR/04.45-60.S.3



Alguidar – fragmento de bordo de secção circular, espessado. Corpo troncocónico.
 Diâmetro – 550mm.
 Cozedura – oxidante.
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – Tipo B. Vermelha
 Superfícies – Vidrado internamente. Peça rolada com superfícies erodidas.
 Decoração – singelo friso inciso na zona mezial do bordo.

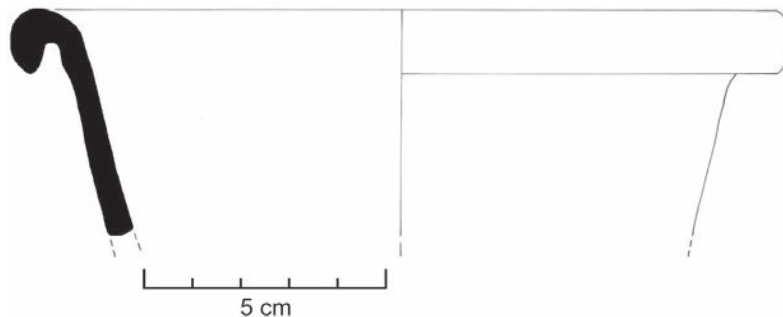
141 – MR/04.75-90.S.3



Alguidar – fragmento de bordo em aba, espessado, secção semi-circular. Paredes evoluindo para perfil troncocónico.

Diâmetro – 370mm.
 Cozedura – oxidante.
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – tipa B. Vermelha, compacta e homogénea.
 Superfícies – vidrada plumbífero castanho no interior e bom acabamento da superfície externa.
 Decoração – apresenta decoração incisa, ondulada, no interior do bordo e uma canelura.

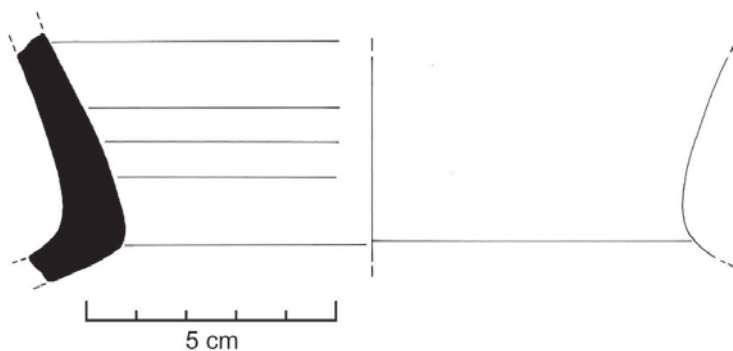
142 – MR/07.15-30. S



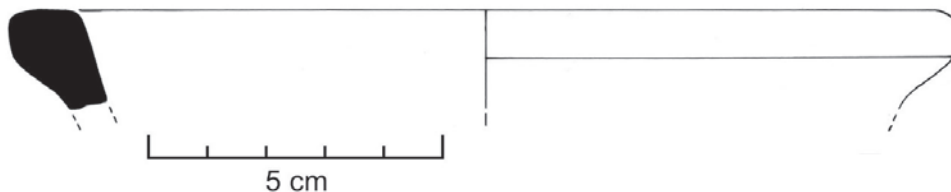
Pote – fragmento de bordo e colo
 Diâmetro -123 mm.
 Cozedura – oxidante
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – tipo B, siliciosa.
 Superfície – alisamento

143 - MR/06.75-90. S.40

Pote - fragmento de colo e ombro.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento

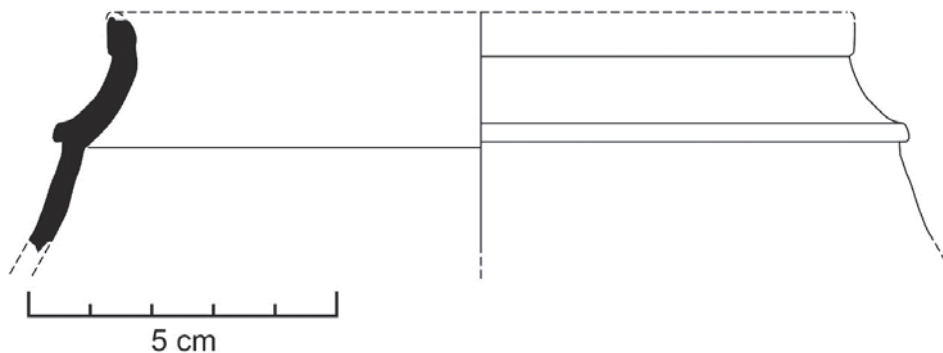


144 - MR/04.CR. S.2



Pote - fragmento de bordo de secção quadrangular.
Diâmetro -163 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento.

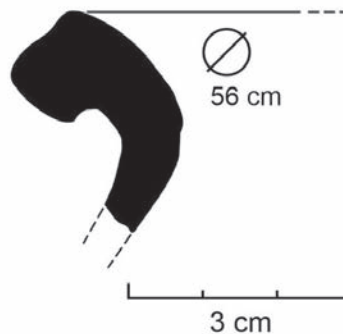
145 - MR/ 06.45-60.S.5



Pote - fragmento de bordo e parede. Corpo de perfil troncocónico com ressalto junto ao bordo.
Diâmetro - 120mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - Tipo B. Vermelha clara.
Superfícies - bom acabamento.

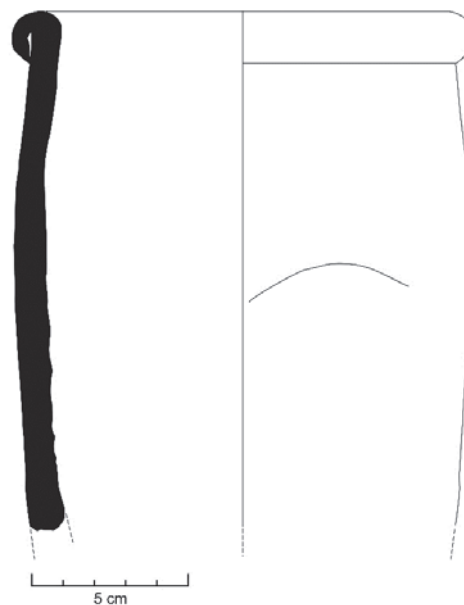
146 - MR/07.S.6

Pote/Talha – fragmento de grande contentor.
Apresenta bordo espessado em aba.
Diâmetro – 560mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.



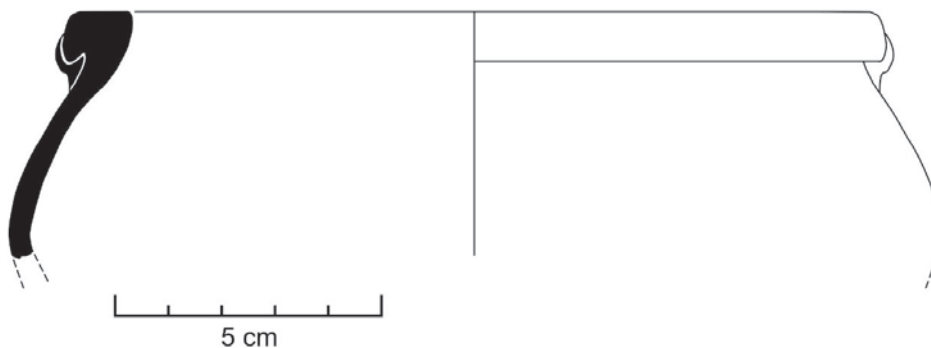
147 - MR/04. 15-30.S.2

Manilha – material hidráulico.
Bordo espessado de secção circular.
Peça de forma cilíndrica.
Diâmetro – 146mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo C. Vermelha.



3.2.6 – Época Contemporânea (Fig. 18, n.º inv. 153, 155, 157, 165, 166, 167, 168 e 169)

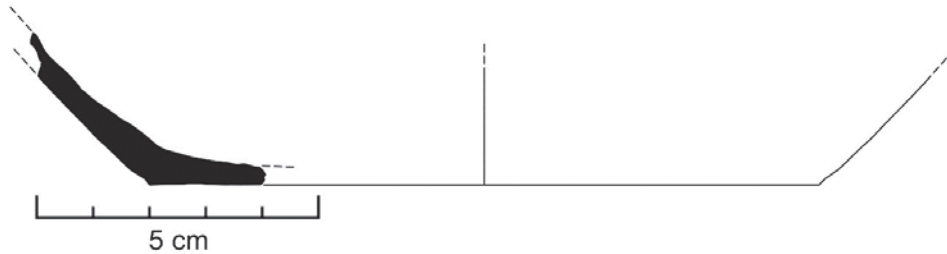
148 - MR/05.sup-15.S.4



Panela – fragmento com bordo de secção quadrangular e corpo globular. Vestígios de arranque de asa.
Diâmetro – 150mm.
Cozedura – semi-redutora.

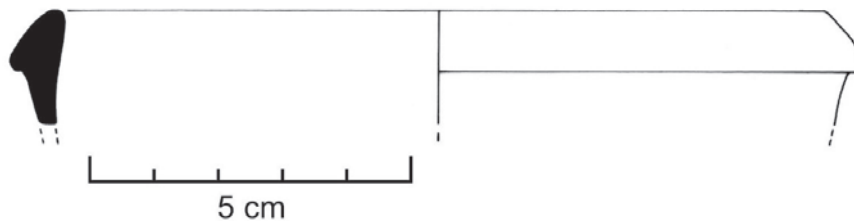
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha escura.
Superfície – bom acabamento.

149 – MR/05.60-75.S.4



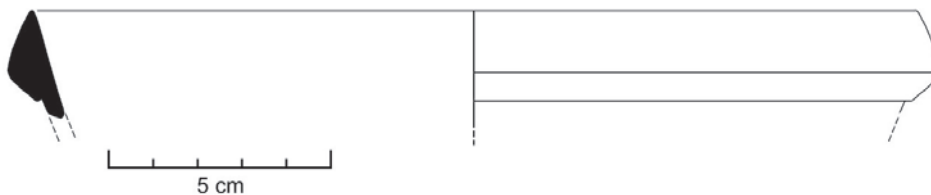
Panela – fragmento de base.
Diâmetro – 120mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Mista, negra e rosada.
Superfícies – bom acabamento, com evidências de exposição ao fogo.

150 – MR/05.105-120. S.3



Caçoila/Tacho – fragmento de bordo.
Diâmetro?
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento

151 – MR/04.15-30.S.3



Caçoila/frigideira – fragmento de bordo de secção triangular, espessado. Corpo com paredes rectas, oblíquas.

Diâmetro – 200 mm

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfícies – bom acabamento.

152 – MR/04.CR.S.3

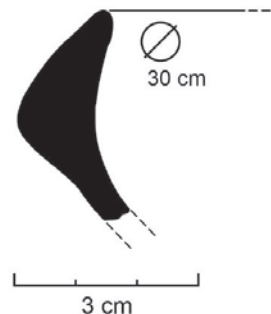
Caçoila – fragmento de bordo com inflexão interna.

Diâmetro – 300 mm.

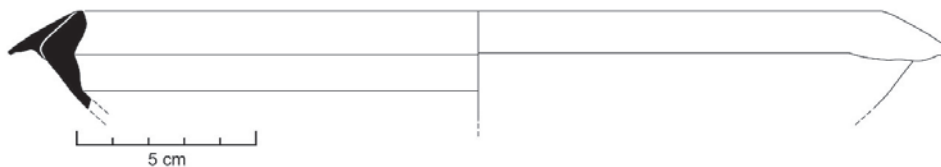
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Superfícies – bom acabamento.



153 – MR/04.CR.S.2



Caçoila – fragmento de bordo com inflexão interna e pega triangular.

Diâmetro – 220 mm

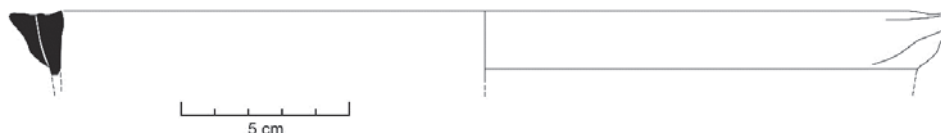
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, Mista. Clara nas superfícies e cinza no cerne.

Bom acabamento de superfícies.

154 – MR/05.120-135.S3



Caçoila – fragmento de parede de perfil vertical, recto. Pegas pequenas e triangulares.

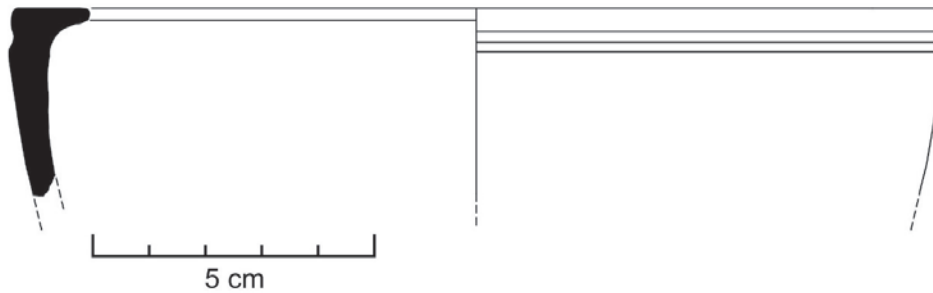
Diâmetro – 250mm.

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

155 - MR/-05.Sup.15.S.4



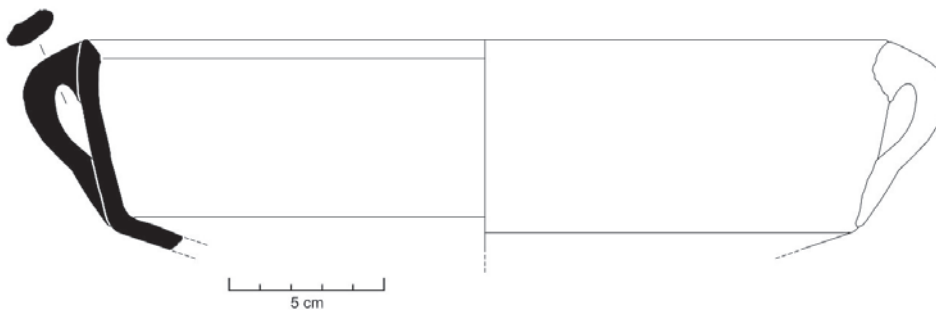
Tacho - fragmento de bordo com canelura e lábio plano, reentrante. Paredes ligeiramente oblíquas.
Diâmetro - 164mm
Cozedura - semi-redutora.
Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B.
Superfícies - Bom acabamento.

156 - MR/04.CR.S.4



Tacho - fragmento de bordo com inflexão interna, espessado e arredondado e porção de asa.
Diâmetro - 310mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Superfícies - bom acabamento.

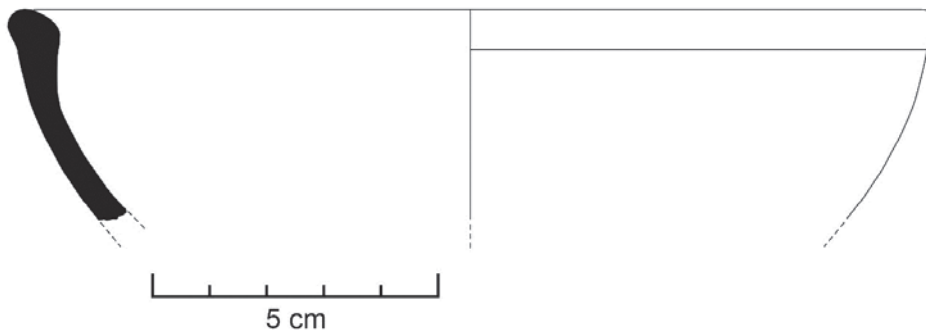
157 - MR/05.120-135.S3



Tacho - Fragmento de bordo e parede com asas verticais de secção oval.
Diâmetro - 260mm.

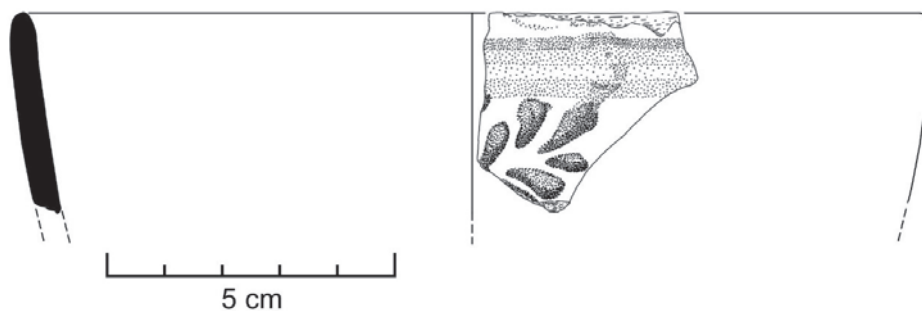
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – vidrado no interior.

158 – MR/05. 45-60. S.4



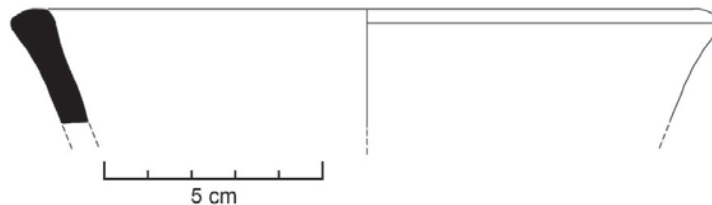
Tigela – fragmento de bordo espessado no interior e corpo em calote.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta tipo B. Negra.
Superfícies – bom acabamento. Brunida no interior. Evidências de exposição ao fogo.

159 – MR/06.CR.S.4



Tigela – fragmento em faiança portuguesa.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo A. Bege.
Superfícies – revestidas a vidrado estanífero.
Decoração – vegetalista. Azul sobre branco.

160 - MR/04.15-30.S.3



Taça – fragmento de budo arredondado e paredes rectas oblíquas.

Diâmetro – 160mm.

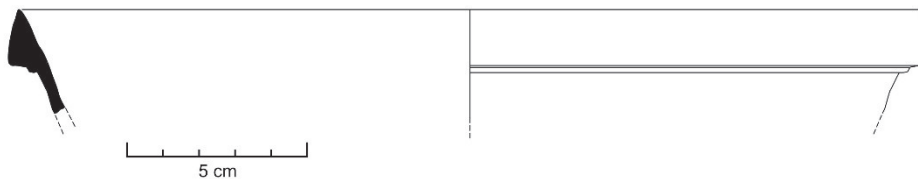
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfícies – vidrado plumbífero, vidrado melado.

161 - MR/04.CR.S.3



Saladeira – fragmento de bordo de secção triangular e corpo troncocónico.

Diâmetro – 250 mm.

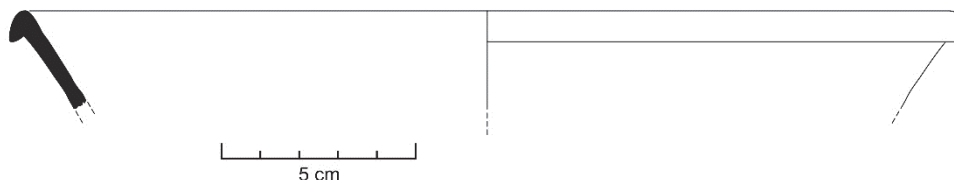
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipa B, compacta e ferrosa. Vermelha.

Bom acabamento de superfície.

162 - MR/05.120-135.S.3



Saladeira – fragmento de bordo com pequena aba de secção triangular e parede de perfil troncocónico.

Diâmetro – 240mm.

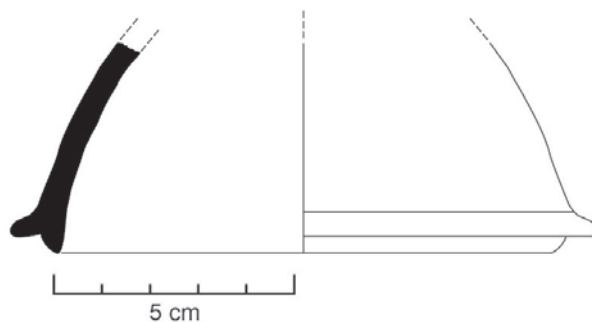
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – Tipo B. Vermelha.

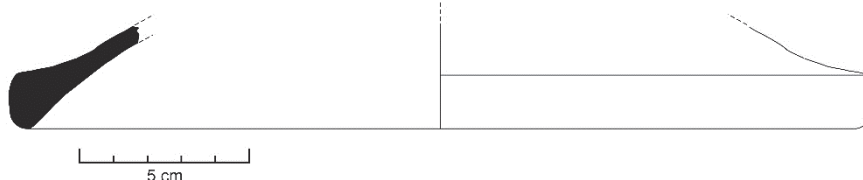
Superfícies – alisadas.

163 - MR/07.sup-15.S.6



Tampa - fragmento com ressalto horizontal exterior para colocação de tampa. Corpo de perfil hemisférico.
Diâmetro - 104mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Rosada escura e paredes vermelhas.
Superfícies - alisadas.

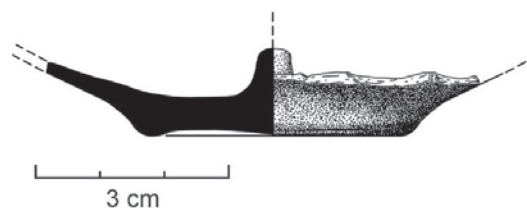
164 - MR/06.45-60.S.4



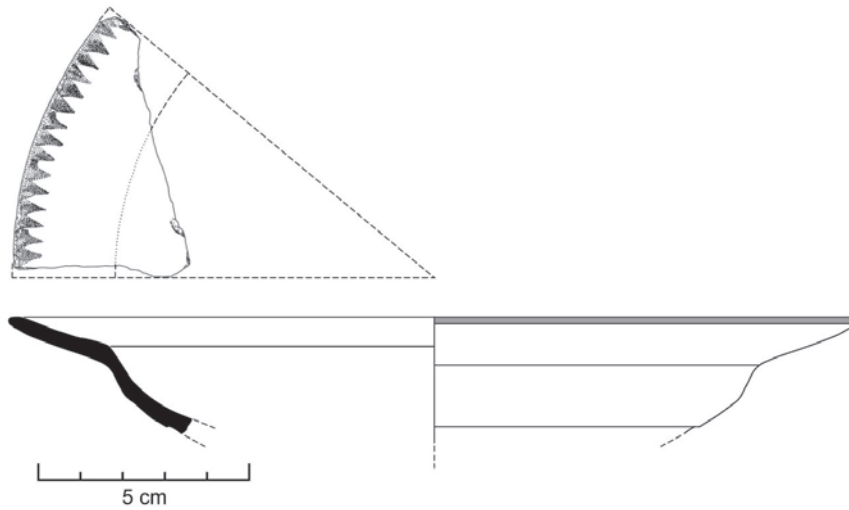
Testo - fragmento espessado de secção semi-circular.
Diâmetro - 250mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. vestígios de chamota.
Superfícies - bom acabamento.

165 - MR/04.60-75.S.3

Testo - Fragmento de testo com pitorra.
Perfil incompleto.
Diâmetro da base - 55mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. rosada.
Superfícies - bom acabamento.

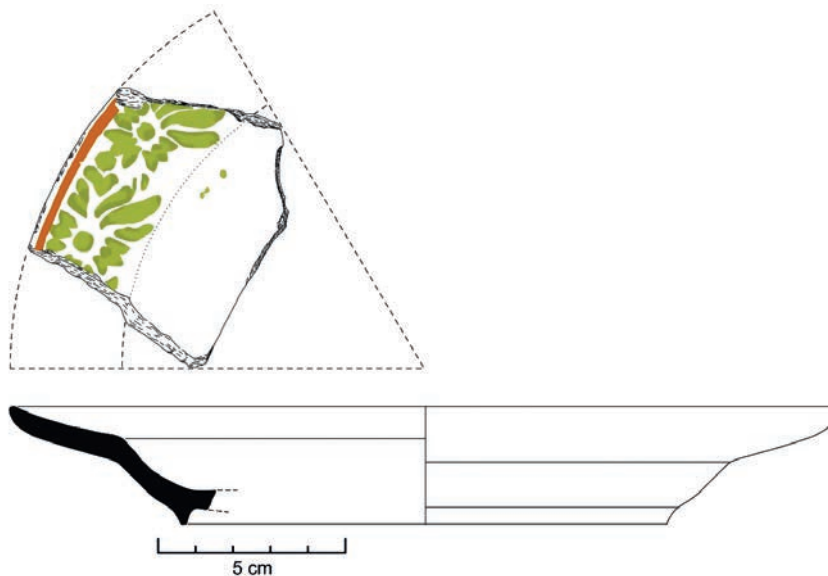


166 – MR/07.Sup-15.S.6



Prato – fragmento de prato em faiança portuguesa.
Diâmetro – 200mm.
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo B. Cor bege.
Superfícies – revestido a vidro estanífero.
Decoração – pintura azul no bordo. Imitação de produção inglesa.

167 – MR/07.sup-15.S.6



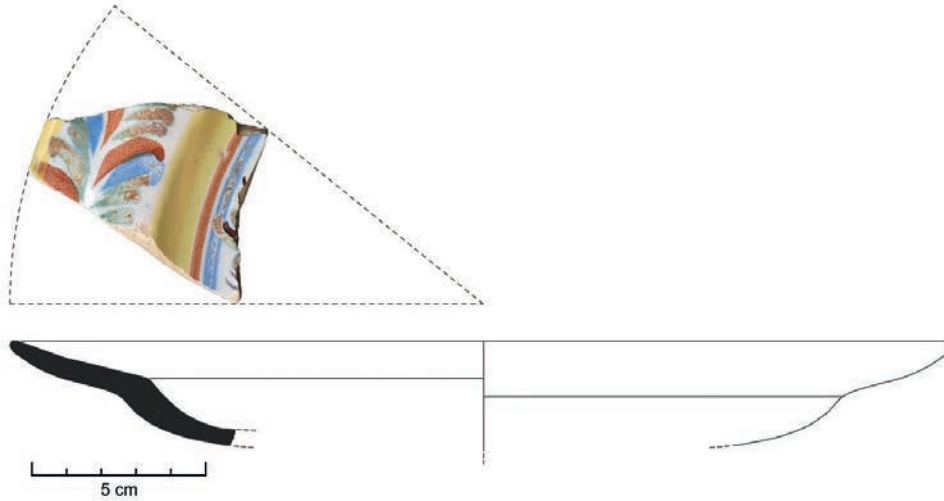
Prato – fragmento em faiança portuguesa.
Diâmetro – 220mm.
Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A.

Superfícies – revestidas a vidro verde.

Decoração – pintura policroma, vegetalista, a verde e filete laranja junto ao bordo.

168 – MR/07. S.6



Prato – fragmento de prato em faiança portuguesa.

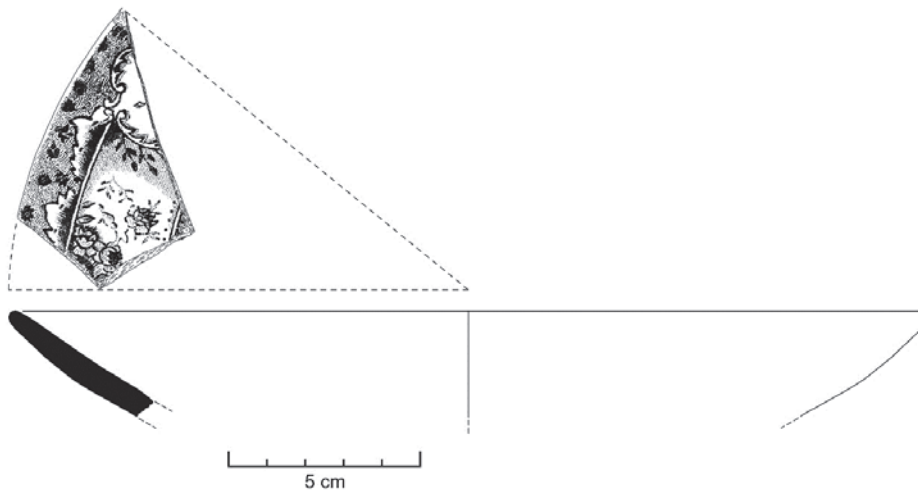
Diâmetro – 270mm

Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A. Bege.

Decoração – decoração vegetalista, policroma.

169 – MR/04. Sup-15.S.3



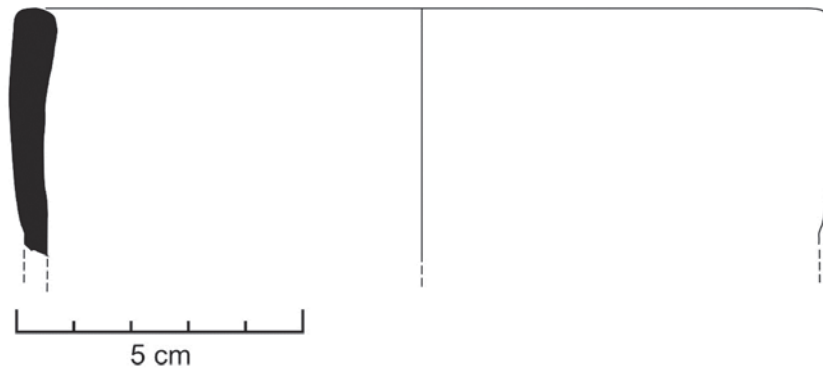
Prato – fragmento em faiança portuguesa. Paredes oblíquas, bordo amendoado.

Diâmetro – 210mm.

Cozedura – oxidante.

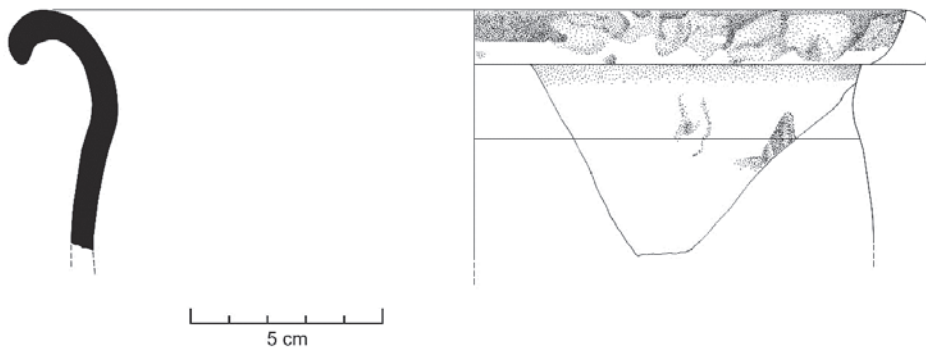
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo A. Branca.
Superfície – vidrada.
Decoração – estampilhada. Motivos vegetalistas.

170 – MR/04.15-30.S.3



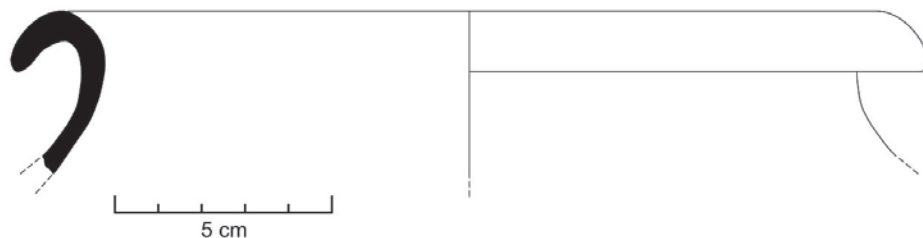
Bilha – fragmento de bordo e parede ligeiramente oblíqua.
Diâmetro – 140mm.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.

171 – MR/07-S.6



Bacio – fragmento de bordo de perfil em espiral, em faiança portuguesa. Paredes evoluindo para forma globular.

Diâmetro – 230mm.
Cozedura – oxidante
Pasta – tipo A. Cor bege.
Superfícies – revestidas a vidro estanífero.
Decoração – decoração esponjada em azul.



Bacio – Fragmento de bordo em faiança portuguesa, com perfil em voluta, evoluindo para corpo globular.
 Diâmetro – 210mm.
 Cozedura – oxidante.
 Pasta – tipo A. Bege.

4 - DISCUSSÃO

Considerando a globalidade dos espólios recolhidos, evidencia-se, de longe, a predominância dos materiais da Época Moderna, a que correspondem cerca de metade (49%) dos exemplares recolhidos (Fig. 19). O conjunto islâmico ocupa, surpreendentemente, o segundo lugar (27%), seguido pelo conjunto das produções de Época Contemporânea (16%). Enfim, os espólios respeitantes à Alta Idade Média (4%) e ao período medieval cristão (4%) respeitam a um número residual de exemplares.

Considerando a distribuição das produções por funcionalidades e tipologias, verifica-se que a cerâmica de cozinha, na globalidade do conjunto estudado, corresponde à percentagem mais significativa das peças analisadas, nomeadamente as panelas, fenómeno transversal às cronologias aqui documentadas. A sua função prende-se, naturalmente, com a confecção de sopas, podendo, eventualmente, serem também utilizadas para guisados, dada a sua versatilidade funcional. As tampas são elementos que complementam as peças de cozinha

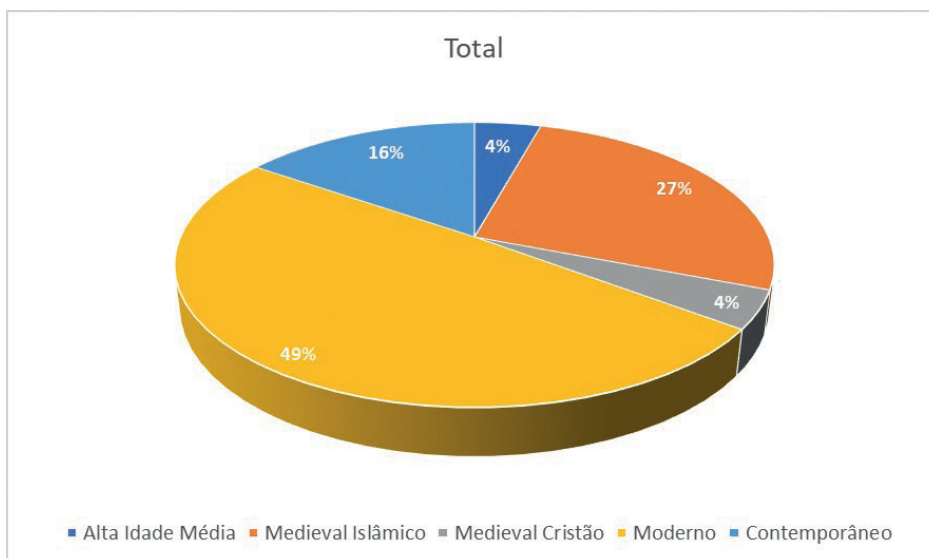


Fig. 19 – Distribuição por períodos cronológico-culturais dos materiais estudados.

e também elas vão sofrer evolução ao longo dos tempos; na sua ausência, outros materiais poderão assumir essa funcionalidade, como os fundos de potes reutilizados; por vezes, discos pétreos afeiçãoados são também adaptados a esta função, situação que, no entanto, não se identificou em Oeiras.

Dependendo da época, assim varia a componente formal dos diversos tipos cerâmicos, também estes dependentes das tendências ou inovações gastronómicas, tais como as que resultaram do contacto com “Novos Mundos”, por via do fenómeno da expansão verificado na Idade Moderna (CARDOSO *et al.*, 2021).

Ainda em contexto de preparação de alimentos, ocorrem as frigideiras, peça de cozinha cuja forma evoluiu, associada à sua importância na elaboração das frituras.

As taças/tigelas, consoante o contexto cozinha/mesa, assumem importante papel, dadas as suas características multifuncionais, e também como elemento identificativo da individualidade à mesa.

Aquela dualidade funcional encontra-se ainda no conjunto de contentores de líquidos. Por um lado, as canecas, as infusas, os canjirões, os púcaros e as bilhas, ocorrem no serviço de mesa, sendo que estas últimas tinham também lugar na cozinha, a par do cântaro, da talha ou do pote da água.

Da cerâmica multifuncional fazem parte os potes e os alguidares (CARDOSO *et al.*, 2021). Os primeiros, possuem dimensões e formas distintas, consoante a função a que se destinavam. Os segundos, apresentam características formais idênticas, sofrendo evolução principalmente ao nível do bordo ou no revestimento de superfície, podendo eventualmente apresentar algum tipo de decoração.

A componente lúdica encontra-se presente através de marcas de jogo, obtidas por reaproveitamento de fragmentos de cerâmica indeterminada, embora este contexto não tenha demonstrado número significativo de elementos, tal como o conjunto de materiais de cerâmica de construção, da qual fazem parte alguns fragmentos de telhas.

4.1 – Alta Idade Média

O espólio associado à cerâmica comum da Alta Idade Média corresponde essencialmente a um conjunto de **panelas** com perfil incompleto, cujos bordos apresentam a característica forma em “S”. As pastas são grosseiras, com elementos não plásticos de calibre variado; cozeduras redutoras e as peças, na sua maioria, levantadas manualmente, ou segundo a técnica de roda baixa.

Os paralelos encontrados inserem-se num contexto regional, nomeadamente, os que têm sido alvo do nosso estudo. É o caso da *villa* romana de Freiria (n.ºs 1, 4, 6, 7) e Espigão da Ruivas (n.ºs 2, 3, 5).

Este conjunto inclui uma base de pote, sem correspondência formal por ausência de perfil, evidenciando no entanto as formas e técnicas de fabrico que caracterizam este período (n.º 7).

4.2 – Período Medieval Islâmico

O estudo dos materiais dos períodos de transição, são, de todos os que se encontram associados a cronologias precisas, aqueles que oferecem mais estimulante desafio.

No caso do Período Medieval Islâmico, a questão apresenta-se menos complexa, dadas as características únicas da cultura material, que permite identificar com relativo à-vontade tais produções, tendo presentes os aspectos formais, decoração (plástica, incisa, estampilhada, pintura...), entre outros.

Nestas, verifica-se o reatar dos fabricos oxidantes, pastas por vezes claras, bem depuradas e a utilização da roda rápida.

Em meio rural tem-se observado uma lenta intrusão dos materiais de filiação islâmica. Por um lado, porque os contingentes que inicialmente chegam ao nosso território não possuem efectivos em número significativo que resulte numa disseminação imediata de ideias pelas populações locais. Verifica-se que os materiais exógenos nessa fase são raros. Relembramos o caso do Casal do Clérigo, em que, no conjunto de material islâmico analisado até ao momento, foi identificada uma bilha de pasta branca, de importação (CARDOSO & BATALHA, 2022). Por outro lado, há que ressaltar o facto de estas populações, cristianizadas, possuírem uma identidade cultural que resulta da herança romano/visigótica, à qual se mantêm fiéis. São moçárabes, determinados nas suas convicções religiosas, apesar de terem absorvido elementos da cultura islâmica, tais como a língua, o vestuário e, genericamente, a cultura material, sendo que esta influência é manifestamente mais significativa nas grandes urbes.

Os materiais cerâmicos exumados na antiga *villa* romana de Oeiras foram em parte já publicados (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009). No entanto, faz sentido referenciar-los novamente, na medida em que outros elementos foram agora estudados e integrados naquele conjunto.

As **panelas**, peças fundamentais na cozinha, surgem em número significativo, assumindo características distintas, principalmente ao nível do bordo.

Os exemplares com bordo em “S” mantêm-se, como no caso das peças n.º 11, 14, 16 e 19, também a peça n.º 12, embora com ressaltos no interior para colocação de tampa.

Alguns exemplares mantêm cozeduras redutoras, e levantados segundo a técnica da roda lenta (n.ºs 8 e 9), com cronologia do século XI.

Atribuível a uma panela, identificou-se fragmento de bojo, apresentando pinceladas verticais a barbotina (n.º 10).

O fragmento n.º 11, corresponde a uma panela de perfil incompleto; apesar da ausência de bordo, subentende-se um perfil em “S”. O bojo apresenta uma nervura ao nível do estrangulamento do colo e uma canelura na zona correspondente ao maior diâmetro. A pasta é grosseira e foi levantada segundo a técnica da roda lenta. O tratamento de superfície é pouco cuidado.

A peça n.º 13 apresenta uma forma distinta. Catalogada como panela tipo 2, foi identificada no silo 5 em Vila Verde dos Francos (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109). O bordo, de secção quadrangular, formando pequena aba, possui lábio plano e o corpo evolui, possivelmente, para perfil troncocónico, com ausência de colo.

Outra panela apresenta forma distinta (n.º 15). Trata-se de um bordo com parede vertical, recta e lábio descaído para o exterior. Este modelo encontra bons paralelos num exemplar identificado no Espigão das Ruivas, datado entre os séculos VIII-X (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 181).

O fragmento de bordo n.º 16 corresponde a uma panela, que em Vila Verde dos Francos inclui mais uma vez os exemplares do tipo 2. Neste caso, o paralelo mais próximo encontra-se na peça n.º 49 do silo 5, com cronologia atribuída entre os séculos XII-XIV (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109).

O bordo da peça n.º 17 corresponde a uma forma fechada de panela/pote, de perfil recto, oblíquo, com uma sequência de quatro nervuras, para o qual não foi possível encontrar paralelo. O lábio apresenta-se descaído para o interior (FERNANDES, 2009, p. 110).

Datado do século XII, temos um fragmento de panela com bordo de secção quadrangular e lábio ligeiramente descaído para o interior. Apresenta estrangulamento, a partir do qual as paredes evoluem para perfil troncocónico (n.º 18). O exemplar mais próximo encontra-se no silo 4 de Vila Verde dos Francos, com cronologia atribuível entre os séculos XII-XIV (CARDOSO e BATALHA, 2018, p. 107).

Tal como no caso anterior, a peça n.º 19 apresenta corpo evoluindo para forma globular, embora, neste caso, o bordo se apresente extrovertido e apontado. Situa-se cronologicamente entre os séculos VIII-IX.

O fundo n.º 20 corresponde a uma panela, dadas as evidências de exposição ao fogo. É difícil atribuir-lhe cronologia, dado não possuímos forma com perfil completo. Contudo, colocamos a possibilidade de filiação com os exemplares identificados no sítio do Espigão das Ruivas (CARDOSO & BATALHA, 2018).

O fragmento n.º 21 corresponde a uma tampa, cuja base, circular, apresenta uma pega transversal, aplicada no centro. O fabrico é manual e a cozedura redutora. O acabamento de superfície é pouco cuidado. Trata-se de uma tipologia com características formais atribuídas ao século IX, nos nossos contextos, assim como um outro exemplar recolhido em Miroiços da Malveira (CARDOSO & BATALHA, 2018b). No entanto, foi possível encontrar este modelo em contexto visigótico, no mundo rural da região de Lisboa, tal como se observou no exemplar exumado na vila romana de Caparide (RODRIGUES; 2005, no prelo).

Um outro fragmento de tampa com tipologia bem distinta e perfil troncocónico invertido, apresenta evidências de exposição ao fogo (n.º 22).

O exemplar n.º 23 foi reutilizado como tampa. Trata-se de um fundo de talha espessado, apresentando evidências de exposição ao fogo, tal como os exemplares anteriores.

Uma das tipologias mais representadas no conjunto de cerâmica islâmica é o *ataifor* (tigela). Os exemplares analisados apresentam perfis incompletos, diâmetros e formas distintas.

O fragmento n.º 24 ostenta decoração aplicada a pente, resultando numa composição em bandas entrecruzadas, com paralelos em Palmela (FERNANDES, 2009, p.112). A cronologia, atribuível ao período califal, segundo a autora, lembra produções abássidas.

No Castelo Velho de Alcoutim, foi exumado um alguidar apresentando decoração ao longo do bordo, que se traduz em meandros de linhas incisas, elaborados a pente. Tal como em Oeiras, a datação proposta pela autora integra cronologias do período emiral ou inícios do califal (CATARINO, 2008, p. 44).

Os exemplares n.ºs 25 e 27 apresentam idênticas características formais. Os *ataifores*, de perfil troncocónico, possuem bordos espessados, formando ângulo pronunciado com a parede interna. São peças cuja forma evoca produções de filiação romana, mas, neste caso, datadas dos séculos X-XI (FERNANDES, 2009, p. 110).

Do mesmo modo, a peça n.º 26 corresponde a um *ataifor* revestido a vidro melado, esverdeado no seu interior e a superfície externa coberta por fina camada de vidro melado.

Por último, a forma representada pelo exemplar n.º 28, apresenta um bordo de secção triangular, espessado, formando aba.

Os contentores de líquidos estão presentes através de fragmentos de *púcaro* (n.º 29), decorado com pintura a almagre, duas bandas verticais e parte de pequeno círculo (FERNANDES, 2009, p.112).

A peça n.º 30, possivelmente parte de um bojo de *bilha*, apresenta decoração em bandas sinusoidais horizontais, aplicadas a barbotina.

Um outro fragmento de parede de recipiente indeterminado, apresenta pintura horizontal, representada por uma pincelada branca, larga, irregular (n.º 31), (FERNANDES, 2009, p.111).

Os *cântaros* estão representados por dois bordos com idênticos atributos formais (n.ºs 32 e 38). Apresentam escorridos vidrados a verde sobre pastas beges, características desta época. Os bordos manifestam uma moldura bem destacada, vertical, a partir do qual o corpo evolui para perfil troncocónico.

O exemplar n.º 37 corresponde a um fragmento de bordo de *jarinha* com arranque de asa. Trata-se uma forma bem definida no reportório islâmico do século XII, em que as paredes rectas ou ligeiramente convexas convergem num ponto de estrangulamento, a partir do qual o corpo evolui para perfil globular com duas asas (CARDOSO & BATALHA, 2018).

Os contentores de líquidos contemplam ainda dois bordos (n.ºs 39-40). São pequenos fragmentos trilobados, fabricados segundo a técnica de roda rápida e submetidos a cozedura semi-redutora. Por outro lado,

a peça n.º 41, representa fragmento, possivelmente de **bilha**, de cronologia Islâmica, apresentando pintura a barbotina.

Este conjunto caracteriza-se por integrar três exemplares de **potes** n.ºs 42, 43, 44, cujos bordos, apesar da ausência de perfil completo, reflectem a versatilidade das funções que podiam desempenhar nos contextos domésticos.

No caso da peça n.º 42, o bordo de secção circular, em aba, apresenta paredes semi-verticais pouco espessadas. O exemplar n.º 43, caracteriza-se por forma aberta, lábio descaído para o exterior, formando secção triangular. Este exemplar encontra paralelo no Espigão das Ruivas, local cuja maior percentagem de painéis e potes integra esta forma (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 181).

O terceiro elemento corresponde a um grande contentor. Forma fechada, bordo em “T” com lábio descaído, apresentando três nervuras, evoluindo, possivelmente para perfil ovóide ou globular (n.º 44).

A este período correspondem duas asas com formas distintas. Referimo-nos ao fragmento n.º 45, asa de jarrinho de secção quadrangular, pasta grosseira, identificada em contextos do século IX; já o exemplar n.º 46 com secção em fita, corresponderá a cronologia mais tardia.

Uma **malha de jogo** integra este contexto (n.º 47), reutilizada a partir de um fragmento de telha com decoração digitada, seguindo o mesmo padrão de marcas de jogo obtidas a partir de elementos descartados. Caso singular neste conjunto cerâmico, dado que se trata de uma peça relevante na maioria das intervenções, em distintos períodos cronológicos.

A peça n.º 48 representa um fragmento de parede de talha com vestígios de arranque de asa, na base da qual se observa uma marca digitada, obtida durante o processo de colagem ao corpo da peça.

Os elementos pertencentes a **cerâmicas de construção** correspondem a dois fragmentos de telhas (n.ºs 49-50). O primeiro apresenta decoração esgrafitada, com linhas cruzadas; no segundo caso está presente decoração digitada. As pastas são compactas, com boa cozedura.

4.3 – Período Medieval Cristão

No século XII, apesar de todas as transformações ocorridas perante o fenómeno da “Reconquista”, verifica-se, ao nível da produção cerâmica, continuidade formal e decorativa. Será no último quartel da centúria que se regista diferenciação mais clara nos vários tipos cerâmicos, bem como nos processos de fabrico.

O conjunto de peças que representam este período é constituído por 16 elementos cerâmicos e um numisma. Observa-se com frequência um tipo de cozedura mista, mas, sempre utilizando a técnica de roda rápida. No final da centúria, verifica-se evolução formal quanto a algumas tipologias, como no caso das painéis, mas nalgumas peças, continuamos a observar elementos identificativos da cultura islâmica, que, em determinados contextos, vão sobreviver no decorrer do século XIV.

As painéis que ostentam maioritariamente perfis de secção triangular, evoluem para os de secção quadrangular, ou circular. O colo apresenta frequentemente moldura com nervura.

As jarrinhas asadas, os cântaros, as canecas ocupam o seu lugar nos contextos de mesa e cozinha e nestas formas é comum identificarem-se exemplares com filiação islâmica.

O **dinheiro** (n.º 51) recolhido na sala 4, foi atribuído, inicialmente, por Teixeira de Aragão, ao reinado de D. Sancho I (1185-1211), apresentando no anverso a legenda REX SANCIVS e escudo com quatro besantes em “T”. No reverso, PORTUGAL, e cruz floreada, cortando a legenda, cantonada por duas estrelas e dois pontos (ARAGÃO, 1874, p. 150, Est. II, n.º 3).

O mesmo autor lembra que a cruz floreada apareceu inicialmente nas moedas de Afonso IX de Leão (1188 a 1230), referindo ainda a dificuldade em saber qual o reinado da cunhagem deste tipo de moedas no nosso território: “Distinguir os *dinheiros* lavrados no reinado de D. Sancho I e de seu neto D. Sancho II é, actualmente, para nós uma tarefa invencível.” (idem, 1874, p. 152). Posteriores estudos, efectuados por numismatas portugueses, concluíram, que o escudo com besantes em “T” e a legenda REX SANCIVS / PO RT UG AL, com a cruz floreada no reverso, pertencia ao reinado de D. Sancho II (GOMES, 2007, 71, 03.01).

Os dinheiros e mealhas dos inícios da 1ª dinastia, tinham um baixo valor monetário, pelo que se encontram disseminadas por toda a península de Lisboa, sendo mais comum o seu aparecimento junto às igrejas, onde, primitivamente, se realizavam os mercados. Era frequente a queda de moedas durante as transacções de bens e o baixo valor monetário justificava o seu esquecimento sobre o chão térreo (GONÇALVES & CARVALHO, 2006, p. 73-75; CARDOSO, 2007, 11).

Dois exemplares de **panelas** apresentam secção quadrangular, formando aba (n.ºs 52-53). Surgem em contextos datados nos séculos XII-XIV e fazem parte dos exemplares que integram o “tipo 2” de Vila Verde dos Francos (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109). Foram igualmente identificados na Rua da Judiaria, em Almada, exumados no silo 12 (BATALHA *et al.*, 2008, p. 73).

O fragmento de panela n.º 54 apresenta lábio arredondado e parte de asa. O corpo da peça tende a evoluir para perfil globular. Como nos casos anteriores, esta forma é recorrente em contextos medievais, como o comprovam os exemplares recolhidos em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 81). Igualmente em contexto medieval, foi registado um exemplar em Almada, proveniente do silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p. 72).

Bem documentado em estratos da idade Média, o exemplar n.º 55, integra um conjunto de panelas que apresentam bordo troncocónico, canelura a definir o lábio e ligação bem acentuada na evolução do colo para o ombro. Esta forma surge em Cascais, em contextos bem datados entre os séculos XIV e XV (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 583). Nos trabalhos arqueológicos ocorridos no Palácio dos Condes da Guarda, a forma foi catalogada como pote, recolhido em contextos do século XVI, embora em cerâmica fosca (CABRAL *et al.*, 2009, p. 237). Esta cronologia estará de acordo com os exemplares normalmente revestidos a vidro plumbífero, utilizados como recipientes de armazenamento. Contudo, na rua do Poço Novo, o mesmo modelo surgiu em contextos do século XIII (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 581).

O exemplar n.º 56 apresenta cozedura redutora, contrariando os fabricos que temos observado para esta cronologia. Este é um modelo com bordo em aba, secção triangular, canelura seguida de rolo, a partir do qual as paredes evoluem para corpo globular, com bom acabamento de superfície.

Trata-se de uma forma datada do século XVI em Cascais, embora tenha sido registada em contextos do século XIII, na rua do Poço Novo (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 583). Contudo, este tipo de bordo foi aplicado simultaneamente em potes, como testemunham os exemplares exumados na Casa dos Azulejos de Cascais – Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 237).

A **çaçoila** n.º 47 possui bordo com lábio plano, marcado por uma canelura que o separa do corpo de perfil curvo, em calote (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 585), registando-se a sua presença em contextos dos séculos XV-XVI.

Opostamente, a çaçoila n.º 58, apresenta bordo de grande diâmetro, espessado, abaixo do qual se observa carena alta e corpo de perfil incompleto.

Com características formais distintas do exemplar anterior, a çaçoila n.º 59, igualmente com grande diâmetro, assume dupla funcionalidade, dado que em Vila Verde dos Francos, no silo 1, foi identificada como alguidar, embora, neste caso, com ausência de decoração e datação proposta entre os séculos XIV-XV.

Os exemplares de **tampas** n.ºs 60, 61 e 62, correspondem a forma comum em loiça de cozinha dada a sua versatilidade, quer utilizados durante o processo de confecção dos alimentos, quer para proteger os contentores de líquidos: cântaros, talhas e bilhas.

As suas formas variam entre os bordos de secção semi-circular e os que apresentam bordo em barbela, com pitorra ao centro, estes últimos em uso até ao século XV (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 582).

Na cerâmica de mesa regista-se um exemplar de tigela com bordo em pequena aba e paredes curvas com caneluras (n.º 63). Um paralelo muito próximo foi exumado no Casal do Clérigo, Cascais (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, estampa IX).

A chamada **tigela «de comer»**, segundo as Posturas da Câmara Municipal de Cascais de 27 de Junho de 1598 (título 210, fólhos 46-47) está presente em abundância no Convento de Nossa Senhora das Neves, Cadaval, Montejunto, embora em peças de faiança (CARDOSO, 2009, p. 69).

Os contentores de líquidos estão presentes através de uma **caneca**, n.º 64, com parede e fundo. Apresenta composição geométrica aplicada a barbotina. Trata-se possivelmente uma produção mudéjar, mas, segundo os autores, assume forma característica dos séculos XIII-XIV (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009, p. 112). No espólio recolhido do silo 12 da rua da Judiaria, em Almada, registaram-se vários fragmentos de canecas, apresentando superfícies decoradas, cujas formas denunciam paralelos formais com este exemplar (BATALHA *et al.*, 2008, p. 78-79).

A peça n.º 65, já publicada, representa um fragmento de bordo de **púcaro**, com canelura junto ao lábio. As paredes são espessadas e insere-se em cronologia do século XIII (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009, p. 110). Contudo, mais uma vez, na rua da Judiaria, em Almada, esta forma encontra-se relacionada com um modelo de panela, e integra a mesma cronologia (BATALHA *et al.*, 2008, p. 72). Tal significa, tão-somente, que o mesmo tipo de bordo é representativo deste período.

Um fragmento de bordo de **bilha**, com lábio plano e paredes verticais está representado no exemplar n.º 66. Apresenta insuficiente perfil que possibilite classificação, embora seja possível colocá-lo em contextos medievais.

Por último, foi recuperado um fragmento de argola atribuído a elemento de suspensão de cabo de **caçoila** ou **frigideira** (n.º 67). São vários os exemplares registados em contextos de escavação. Dentro da cronologia proposta, século XIV, foi recuperado um fragmento em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p. 75); e em Vila Verde dos Francos, onde a argola surgiu associada a parte do cabo (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 104). No entanto, esta funcionalidade irá perdurar até ao século XVIII, como ficou evidente nos cabos exumados no Convento de Montejunto, nos quais, apesar de ausentes, se observaram evidências da aplicação de argolas de suspensão (CARDOSO, 2009, p. 77).

4.4 – Época Moderna

Os três **ceitis** recuperados durante esta intervenção são provenientes da Sala 4, todos datados do reinado de D. Afonso V. Contudo, apenas dois serão aqui referenciados. Foi durante o período ocorrido entre a segunda metade do ano de 1448, ou no primeiro semestre do ano de 1449, que se procedeu à cunhagem dos primeiros ceitis, com valor equivalente ao real preto que circulava durante o reinado de D. Duarte. Estas moedas, de cobre, com baixo valor monetário, circularam até ao reinado de D. Sebastião. Foram cunhadas em grande número, sendo, “a par do cruzado as únicas moedas que a população portuguesa virtualmente dispunha” (MAGRO, 1986, p. 13), razão porque é tão comum em contextos arqueológicos da segunda metade do século XV, até ao terceiro quartel do XVI.

O primeiro exemplar, n.º 68, é do tipo Magro 5.5, o segundo e o terceiro numisma são do tipo Magro T. 6, de que publicamos um exemplar, n.º 69.

Em praticamente todas as cronologias, os estudos que contemplam a análise da cultura material, referem maioritariamente, no grupo da cerâmica fosca, a presença de **panelas**. Comumente ligadas à confecção de sopas, foram utilizadas seguramente noutras opções, relacionadas com a preparação de alimentos.

Ao longo dos tempos esta forma foi assumindo características que nos permitem identificar e relacionar com distintas épocas. Assim acontece com o período moderno, em que o conjunto em análise apresenta oito tipos de bordos distintos, o que também evidencia diversidade do ponto de vista estético.

Os exemplares n.º 70 e n.º 78 apresentam lábio plano, bordo de secção quadrangular e colo ligeiramente troncocónico, bem demarcado no ponto de evolução com o corpo. Encontram paralelos nos silos do Palácio de Santa Helena – Lisboa (BATALHA *et al.*, 2017, p. 1764); Rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2017, p. 97) e Cascais (GUILHERME & RODRIGUES, 1991, p. 581).

O fragmento de bordo n.º 71, com secção quadrangular, formando aba, encontra paralelo num exemplar exumado no Casal do Geraldo, Cascais. Esta forma surge no século XV, mas prolonga-se na centúria seguinte (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VII).

O exemplar n.º 72, apresenta igualmente um bordo de secção quadrangular, mas com paredes mais espessadas e aba pronunciada. O corpo insinua-se para uma forma acentuadamente globular com paralelo no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VII).

O fragmento n.º 73 representa um bordo de secção quadrangular e lábio descaído. O colo curto e ligeiramente inclinado evolui para perfil globular. Para além de um paralelo no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VI), identificou-se uma ocorrência em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p.72).

Característicos do século XVI, são os exemplares n.ºs 74 e 76. Apresentam bordo de secção circular de duplo rolo. Verifica-se ausência de colo e o corpo evolui de ponto bem demarcado para perfil globular. Estes bordos encontram-se presentes em Cascais, na rua do Poço Novo (GUILHERME & RODRIGUES, 1991, p. 583); e na ETAR de Alcântara, no poço seiscentista da Quinta de Vila Pouca (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 134).

O bordo de panela n.º 75 apresenta lábio plano, com aba destacada, de secção quadrangular. O colo possui inflexão externa bem pronunciada e o corpo evolui, presumivelmente, para perfil globular. Este exemplar regista presença em Montejunto, no Convento de Nossa Senhora das Neves (CARDOSO, 2009, p. 74); em Cascais, no Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 239) e no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VIII).

Neste conjunto de panelas, o exemplar n.º 77 é o que oferece perfil mais completo. Fragmento de bordo em aba, lábio plano, e paredes evoluindo para perfil em forma de saco. Foram encontrados paralelos no Palácio dos Condes da Guarda, Cascais (CABRAL *et al.*, 2009, p. 238); em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, p. 73); CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109) e em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 326).

O exemplar n.º 80 corresponde a um exemplar de lábio descaído, espessado, com pequena aba. O corpo evolui, possivelmente, para um perfil de pouca amplitude, como no caso do fragmento encontrado no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 76).

Identificou-se um único fragmento de **púcara** (n.º 81), correspondendo a forma afim das panelas. Trata-se de um bordo com pequena aba, secção quadrangular a partir do qual se subentende corpo de amplo perfil, ocorrendo um exemplar no Convento da Serra de Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 76).

Ainda no âmbito da loiça de cozinha, identificou-se uma **tigela** de tamanho médio, bordo de secção circular e corpo de perfil troncocónico com duas caneluras (n.º 82).

Este é um modelo que surge em ambientes do século XVI, como o comprovam os exemplares recolhidos em Lisboa na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96), bem como os recolhidos no Barreiro, nas entulheiras de Santo António da Charneca (BARROS, 2012, p.705).

Inserida na cronologia do século XVI, regista-se uma forma característica e com larga difusão na generalidade dos contextos. São as **caçoilas** com lábio de secção circular e inflexão externa muito acentuada e aplicação de pegas (n.ºs 83, 84, 85 e 89), associadas a tachos e bordos de fogareiros. Esta forma foi identificada em Lisboa, na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96); no poço-lixreira da rua dos Bacalhoeiros (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 369); em Cascais, Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VIII) e no Casal do Clérigo, com um exemplar de perfil completo (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 584) e em Lisboa, no poço seiscentista do Vale de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 136).

Um outro modelo recorrente neste período corresponde a **caçoilas com lábio espessado**, perolado, por vezes sucedendo-lhe pequeno ressalto e corpo de perfil em calote (n.º 86). Esta tipologia surge igualmente associada a tachos e taças de perfil troncocónico, ou em calote, como no caso deste exemplar.

Em Lisboa esta forma encontra-se bem representada na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96), no poço seiscentista da ETAR de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p.136) e em contexto de cariz religioso, como o exemplar exumado no Convento da Serra de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 72).

No caso dos **tachos**, no exemplar n.º 87, o bordo apresenta a mesma configuração do exemplar anterior, mas aqui de maior dimensão e representado com duas pegas. Encontramos referência para esta forma em Cascais, no Beco dos Inválidos, onde foi exumado um tacho, com as mesmas características (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 203). Na rua de Buenos Aires, esta forma encontra-se documentada, através de significativo número de exemplares (CARDOSO & BATALHA, 2019, p. 96).

O fragmento n.º 88 representa um tacho com perfil distinto, pouco habitual no reportório cerâmico em análise. O lábio é recto, descaído para o exterior, paredes verticais espessadas, formando suave inflexão para perfil troncocónico. Apresenta pegas de perfil circular.

Na peça n.º 90 pode antever-se as formas características dos tachos do século XVIII. Este exemplar apresenta bordo apontado, curto, espessado, marcado por inflexão externa. O perfil é indeterminado, mas possivelmente apresenta paredes troncocónicas. O paralelo mais próximo provém do Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 72).

As peças n.ºs 91 e 92 correspondem a **testos** (tampas) e encontram-se presentes em praticamente todos os contextos da época. O primeiro caso é um pequeno exemplar com perfil incompleto, pitorra ao centro, com paralelos no Cadaval, Convento de Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 78), bem como em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 2009, p. 199). No segundo caso, trata-se de uma tampa de grande dimensão (prato/tampa) e integra as formas igualmente exumadas no Cadaval (*idem*, p. 78).

O exemplar n.º 93 representa um fragmento de **pote/jarra** em faiança com bordo em voluta. Apresenta-se decorado com dois filetes em azul-cobalto na face interna, junto ao bordo. A ausência de perfil não permite estabelecer paralelos com exemplares de outros contextos.

As peças n.ºs 94, 95 e 96 correspondem a fragmentos de **pratos** em cerâmica fosca. No primeiro caso, com bordo espessado e corpo troncocónico, foi encontrado um paralelo em Cascais, Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 202). No segundo exemplar observa-se ressalto interno, bem marcado entre a cartela e o corpo. Apresenta brunimento na superfície interna, facto que permite datá-lo cronologicamente no século XVI. Na rua do Poço Novo, em Cascais foi exumado um prato com as mesmas características formais e acaba-

mento de superfície (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 582). O terceiro exemplar representa um prato com aba curta e paredes troncocónicas, inserido igualmente em cronologia do século XVI (CABRAL *et al.*, 2009, p. 240).

O fragmento de parede de prato n.º 97 apresenta vidrado plumbífero nas duas faces, deixando antever decoração com nervuras dispostas em círculos no seu interior. Trata-se de um exemplar com cronologia entre os séculos XV/XVI, de produção exógena, possivelmente Sevilhana.

Também de produção exógena é um fragmento de parede e fundo de **prato em porcelana chinesa de exportação** (n.º 98). Apresenta motivos vegetalistas, em azul, nas duas superfícies. Trata-se de um fabrico datado da dinastia Kangxi, séculos XVII-XVIII (1662-1722).

No grupo dos exemplares de **faiança**, identificaram-se diversas formas. Um fragmento de parede e base de possível **boião**, com aplicação de vidrado estanífero nas duas superfícies, cumpre a função de cerâmica de mesa (n.º 99), possivelmente utilizado na conservação de compotas ou mel.

O conjunto de peças de mesa conta com seis **pratos** (n.ºs 100, 101, 102, 103, 104 e 105). No caso do fragmento n.º 100, a gramática decorativa conduz-nos a aplicações cromáticas em azul-cobalto, de cariz fitomórfico que, a par da forma, se situa em cronologia do século XVII, nos silos do Palácio de Santa Helena, Lisboa (BATALHA *et al.*, 2017, p. 300). Os três pratos seguintes apresentam dois filetes em azul-cobalto na superfície interna, ao longo do bordo, e num dos casos, no fundo, junto ao ressalto que define a aba. Os restantes exemplares encontram correspondência formal nos exemplares exumados no poço seiscentista do Vale de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 129).

O exemplar n.º 103 representa um fragmento de bordo, com decoração composta por semi-círculos concêntricos em azul-cobalto. Esta decoração é recorrente no período que abrange os finais do século XVII e o século XVIII, tendo sido registada nos materiais recolhidos na rua Marquês de Pombal, em Oeiras (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 318-319) e no conjunto exumado no centro produtor de faiança da rua de Buenos Aires, Lisboa (BATALHA *et al.*, 2012, p. 958; BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 129; (BATALHA *et al.*, 2016, p. 33-34).

Por último, o prato n.º 104, reduzido a um fragmento de bordo, apresenta decoração com motivo de contas azul-cobalto, entre dois filetes manganês. Decoração aplicada em modelos do século XVIII, encontra-se presente em contextos já analisados em Oeiras, como ficou registado nas escavações arqueológicas da rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 317).

Foram exumados três fragmentos de **taças em faiança**. No caso dos exemplares n.ºs 106 e 107, apresentam paredes verticais e bordos ligeiramente extrovertidos, ambos com decoração. No primeiro caso a temática decorativa aplicada é pouco clara, na medida em que um fragmento tão exíguo não permite leitura. Do ponto de vista formal possui paralelo na rua de Buenos Aires (BATALHA *et al.*, 2012, p. 960). O segundo exemplar apresenta dois filetes em azul no interior junto ao bordo e a superfície externa ostenta decoração vegetalista. Em faiança, mas com ausência de decoração, em Cascais, proveniente do Beco dos Inválidos, foram recolhidos dois exemplares (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 210). Embora manifestem ausência de perfil completo, são atribuíveis ao século XVIII. O fragmento n.º 108 apresenta paredes finas e lábio apontado. Tal como nos casos anteriores, não se dispõe da totalidade do perfil, sendo possível estabelecer um paralelo provável com o exemplar recolhido no Convento de Nossa Senhora das Neves, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 68).

A par do conjunto de panelas, registou-se um número significativo de **tigelas** em cerâmica fosca.

Presente em todos os contextos do período Moderno, é um indicador do quanto se tornou importante e indispensável, o uso individual da tigela na baixela de mesa. Tal como na actualidade, seria utilizada no consumo de papas, sopas ou ensopados, mas, observando os tamanhos de alguns exemplares, devemos consi-

derar a sua utilização em contexto de cozinha. As dimensões são variáveis, embora no caso das peças recolhidas em Lisboa, na rua dos Bacalhoeiros, tenhamos verificado uniformidade no conjunto (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 368).

A peça n.º 109 apresenta bordo de secção circular, em aba, sob a qual se verifica a existência de uma canelura e o corpo evoluindo para forma hemisférica. Este exemplar, tendo em conta o seu diâmetro (220 mm), não engloba os modelos de uso individual, sendo provável possuir dupla funcionalidade, possivelmente como saladeira. Assim mesmo, encontramos paralelo nos modelos apresentados para a rua dos Bacalhoeiros (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 369); em Cascais, no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. IX) e, ainda em Cascais, no Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 203).

O fragmento n.º 110 apresenta bordo espessado, lábio descaído e inflexão interna, possivelmente evoluindo para corpo em calote. Paralelos aproximados foram observados em formas recuperadas no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 78) e em Lisboa, na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96).

Os exemplares n.ºs 111 a 115 integram um conjunto de idêntica tipologia e distintos diâmetros de bordo, em nenhum dos casos com perfil completo. Os perfis são suaves, ligeiramente espessados, com lábios descaídos internamente e o corpo com perfil em calote ou hemisférico. Encontramos esta forma em Santo António da Charneca, nos contextos do século XVI (BARROS *et al.*, 2012, p. 705).

Por último, o conjunto que contempla as tigelas n.ºs 116, 117 e 118, apresenta lábio de secção semi-circular, aplanado e ligeiramente espessado, com canelura a vincar a evolução do corpo para perfil em calote. Esta forma foi exumada em contexto do século XVI em Cascais, na rua do Poço Novo e em Castelo Novo, com idêntica cronologia (SILVÉRIO, 2005, p.124).

A tigela n.º 119 poderia ter sido utilizada como saladeira. Trata-se de um exemplar com bordo em aba, lábio plano e corpo evoluindo para paredes hemisféricas. Existem paralelos que obedecem a idêntica tipologia, mas foi no Museu Nacional Machado de Castro que foi encontrado um exemplar correspondente (SILVA, 2012, p. 887).

Os contentores de líquidos encontram-se presentes através de cinco **púcaros** (n.ºs 120 a 124), uma **bilha** (n.º 125) e uma **garrafa** (n.º 126), todos representativos de modelos com cronologia atribuível ao século XVI, se bem que, no caso do exemplar n.º 123, esta forma se encontre presente na centúria anterior, com filiação em bordos de púcaros e jarrinhas de época islâmica.

No caso do bordo n.º 120, este apresenta paredes rectas, oblíquas, não sendo possível identificar a forma, dado não existirem indícios da evolução do corpo; no entanto, considera-se a hipótese de existir uma correspondência com um exemplar recolhido nas entulheiras de Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 705). Contrariamente, o exemplar n.º 121, ostentando igualmente paredes oblíquas, possui bordo de secção circular, espessado, com paralelo em Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro (SILVA, 2012, p. 884), assim como no fragmento de bordo encontrado em Carnide, no Palácio de Sant'Anna (BATALHA *et al.*, no prelo).

O púcaro n.º 122, tal como os exemplares anteriores, apresenta bordo arredondado e paredes rectas, esvasadas, com canelura a marcar a zona do colo, de acordo com peça análoga encontrada durante os trabalhos arqueológicos que ocorreram no Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 235).

No caso do púcaro n.º 123, a forma diverge dos registados anteriormente. As paredes, com lábio arredondado, inflectem para o interior, fazendo desta peça um contentor de líquidos fechado, apresentando na zona proximal uma canelura como elemento decorativo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. V).

Por último, o fragmento de bordo n.º 124 apresenta paredes curvas e lábio arredondado; de acordo com os exemplares da época, ostentaria duas asas. Encontramos referência a um modelo idêntico, exumado durante a intervenção arqueológica em Castelo Novo, Fundão (SILVÉRIO & BARROS, 2005, p. 139).

O fragmento de **bilha** n.º 125, como nos exemplares anteriores, encontra-se datado do século XV. Apresenta bordo espessado de secção circular, formando aba. No colo, alto, ligeiramente estrangulado, são visíveis vestígios de arranque de asa. Na superfície externa, o oleiro, durante a rotação da peça, efectuou três incisões com “meia cana”.

São vários os paralelos para este exemplar, que também pode assumir a forma de pote, quando de maior dimensão, ou ainda infusa, assim classificada pelos autores, no caso dos vários contextos intervencionados na vila de Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 205). Esta forma foi recuperada no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2007, p. 70) e mais recentemente em Carnide, no Palácio de Sant’Anna (BATALHA *et al.*, no prelo).

Para o bordo de **garrafa**, representado pela peça n.º 126, não foram encontrados paralelos. Apresenta pequena moldura, sobre a qual se desenvolve um esquema decorativo, com pequenos arcos invertidos, seguidas de incisões encrespadas que lhe conferem um efeito visual bem conseguido. A mesma técnica decorativa ocorre aplicada em diversos contentores de líquidos com cronologia do século XVI, designadamente, o exemplar de jarra exumado no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VI); uma bilha, nas entulheiras dos fornos de Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 706); e numa fase mais tardia, uma almotolia, recuperada em Lisboa, nos silos do Palácio de Santa Helena (BATALHA *et al.*, 2017, p. 1765).

Por último, importa fazer referência ao exemplar n.º 127. Trata-se de um bordo de bilha, com lábio ligeiramente apontado, e paredes curvas com leve torneado, tendo sido catalogada como infusa nas entulheiras dos fornos em Santo António da Charneca (BARROS, 2012, p. 705).

Os contentores de fogo estão representados por **fogareiros** peças essenciais em ambiente doméstico, directamente ligados ao uso culinário e aquecimento de água para lavagens. O exemplar n.º 128 apresenta paredes e arranque da grelha, não permitindo estabelecer a tipologia correspondente em relação ao tipo de bordo. Assim mesmo, podemos estabelecer paralelo com os fragmentos encontrados no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2007, p. 79) e em Cascais, no Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 204).

O segundo exemplar, também com perfil incompleto, apresenta bordo de secção oval e fragmento de asa em fita.

Apesar da tipologia do bordo do fragmento de fogareiro n.º 129 se identificar com um modelo exumado no Convento de Montejunto, a asa em fita assume características distintas do exemplar ali encontrado. É possível estar-se em presença de uma forma datada do século XVIII (CARDOSO, 2007, p.79).

As produções cerâmicas de higiene ou escatológicas, constituindo peça fundamental, principalmente para uso nocturno, eram embelezadas com programas decorativos, em que predominavam os motivos vegetais, filetes, ou tão-somente o revestimento em vidrado estanífero. Em fase mais tardia, alguns exemplares possuíam tampa e o seu uso manteve-se até meados do século XX, sendo substituídos por exemplares em material plástico.

Neste conjunto, é de registar a presença de um bispote e dois bacios, todos com perfil incompleto. O bispote (n.º 130) apresenta lábio recto num bordo oblíquo, ligeiramente descaído internamente. Verificou-se ausência de vidrado a revestir a superfície interna. Os paralelos encontrados datam esta forma do século XVI, com ocorrências no Barreiro, Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 707); Cascais, Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 206); Lisboa, ETAR de Alcântara, (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 138); em Coimbra, Museu Machado de Castro (SILVA, 2012, p. 742); e em Palmela, rua do Castelo, n.º 4 (FERNANDES, 2016, p. 200). Neste caso, o exemplar de perfil completo regista cronologia do século XVIII, tal como o que foi exumado nos trabalhos que decorreram no Porto, na Casa do Infante (BARREIRA, *et al.*, 1998, p.173).

Os dois bacios (n.ºs 131 e 132) fazem parte das produções em faiança. O primeiro exemplar apresenta decoração fitomórfica no bordo, bem como na superfície externa. Observam-se distintos bordos em aba; no primeiro caso (n.º 131), o lábio é plano, sob o qual evolui parte de asa. Foram registados paralelos em Alcântara, no poço da ETAR (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 132) e em Carnide, no Palácio de Sant'Anna (BATALHA *et al*, no prelo). O bordo n.º 132 encontra correspondência com um exemplar recolhido no Poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras e que os autores datam do século XVIII (CARDOSO & LUNA, 2006, p. 110).

No conjunto dos objectos de uso pessoal, destacam-se os **botões**, como elementos que possuem forte relevância no vestuário; tal prática difunde-se no nosso território a partir do século XIII, associada principalmente a manifestações estéticas, e vai adquirindo protagonismo, principalmente na época da expansão. Inicialmente chegam até nós exemplares fabricados com matérias nobres e de grande impacto visual, mas o auge da utilização dos botões, quer os mais elaborados, quer os fabricados manualmente, em osso ou marfim, dá-se no século XVIII, em que a aplicação no vestuário, em grande quantidade, era um indício de prestígio para quem os ostentava. A industrialização permitiu a introdução de botões num mercado cada vez mais consumidor deste artigo e conseqüentemente dá-se a democratização do produto. Actualmente, encontramos o botão ligado a questões estéticas e práticas, mas conquistando igualmente espaço como elemento decorativo.

Nas escavações em causa foram encontrados dois botões. O exemplar n.º 133 foi elaborado em cerâmica e apresenta vestígios de um orifício, dado que se encontra fragmentado no sentido longitudinal. Embora recolhido em contexto do período moderno, existe exemplar idêntico em Lisboa, na Casa da Severa, em época medieval/moderna (MARQUES & BATALHA, 2021, no prelo).

No caso do botão n.º 134, de pequena dimensão, apresenta dois orifícios numa secção côncava, circundada por disco ligeiramente espessado; o seu fabrico, de osso, reflecte manufactura especializada. Estes exemplares são muito comuns nos séculos XVII/XVIII, existindo ocorrências idênticas no Poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras (CARDOSO & LUNA, 2012, p. 168), bem como no Convento de Santana, em Lisboa (GOMES *et al*, 2017, p. 90)

Um conjunto de **alguidares**, composto por sete bordos de distintas tipologias, testemunha a importância desta produção nos diferentes contextos domésticos.

Serão certamente as peças mais versáteis devido às suas características funcionais, em que a evolução mais significativa se verifica ao nível do bordo, desde época medieval, dado que o corpo apresenta habitualmente perfil troncocónico. Assim acontece com os exemplares em análise n.ºs 135 a 142.

O fragmento n.º 135 apresenta um bordo em voluta e encontra paralelo em Vila Verde dos Francos, datado do século XVI (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 107).

Os bordos correspondentes aos n.ºs 137 e 138, apresentam secção semi-circular, em voluta. O segundo exemplar oferece superfícies brunidas sendo ambos datados do século XVI. Encontram-se presentes em contextos relativamente próximos, como em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200) e no Casal do Geraldo, (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. XI).

O fragmento n.º 139, cujo bordo se define habitualmente como “bico de pato”, brunido internamente, surge em vários contextos do século XVI, como sugerem os exemplares encontrados em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200), e em Palmela (FERNANDES & CARVALHO, 1997, p. 232).

Quanto aos exemplares n.ºs 136, 140 e 141, registam bordo espessado, de secção semi-circular, formando aba. Os paralelos para esta forma provêm de Cascais, do Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200) e da rua Marquês de Pombal, em Oeiras (CARDOSO *et al*, 2018, p. 324).

Para além do vidrado plumbífero que reveste estes três alguidares, por vezes estas peças oferecem decoração. No caso do fragmento n.º 140, apresenta uma canelura na zona mesial da aba e decoração incisa, sendo esta ondulada, no bordo da peça n.º 141.

Os **potes** são, por definição, recipientes que podem conter líquidos, armazenar alimentos – tais como cereais e leguminosas – ou servirem como contentores de desperdícios na zona da cozinha, que alimentariam os animais de capoeira (pote da casa). Para além dos que se destinavam à preparação de alimentos, de referir ainda a sua utilização no processo de curtir azeitonas, conservação de mel (pote meleiro), compotas e frutos em calda (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 300-301).

Esta tipologia encontra-se aqui representada, assumindo várias formas, testemunho significativo da versatilidade destes recipientes.

O exemplar n.º 142 corresponde a pequeno pote. O bordo, em aba, evolui para colo de paredes rectas, de perfil ligeiramente troncocónico, não sendo possível determinar a forma do corpo. O paralelo mais próximo foi encontrado no Barreiro, em Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 706). Também no caso do fragmento n.º 143, com as paredes espessadas e colo estrangulado, não foi encontrada identificação formal com outros exemplares. O bordo do exemplar n.º 144 apresenta secção quadrangular e dada a sua dimensão também coloca dificuldades na classificação. Assim mesmo, podemos estabelecer provável paralelo com um fragmento exumado no Cadaval, Convento de Montejunto (CARDOSO, 2007, p. 76).

A forma apresentada pelo fragmento n.º 145 não encontra correspondência nos modelos catalogados para este período, mas, quanto à sua funcionalidade, admitimos que a mesma estaria relacionada com o armazenamento de mel.

No caso do exemplar n.º 146, o bordo, de grande dimensão, é espessado, em aba, e de secção quadrangular. Na ausência de perfil completo, é de admitir a hipótese que possa integrar um modelo encontrado em Lisboa, nas entulheiras da Rua de Buenos Aires, datado entre os séculos XVII-XVIII (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 97).

Integrando o material de construção, é de referir, por último, um exemplar fragmentado de manilha, com bordo de secção circular e paredes rectas, espessadas, datada do período moderno (n.º 147).

4.5 – Época Contemporânea

Contrariando o fenómeno observável nos períodos anteriores, em que a presença de panelas surgia em quantidade significativa, o conjunto analisado para o final da centúria de oitocentos e ao longo de novecentos, demonstrou ser pouco relevante.

Identificaram-se dois únicos fragmentos de **panelas**, o representado com o n.º 148, que corresponde a um bordo de secção quadrangular, a partir do qual evoluem as paredes com perfil esférico e a base de uma panela com evidências de exposição ao fogo, encontrando-se representada pela peça n.º 149. São exemplares datados do século XIX, análogos ao conjunto de panelas exumado no Cadaval, Convento de Montejunto, para o mesmo período (CARDOSO, 2009, p.75).

Assinala-se número considerável de loiça de uso culinário, principalmente os exemplares utilizados em frituras, como é o caso das **caçoilas** ou **frigideiras**.

Um bordo de secção triangular, formando pequena aba, apresenta parte de parede, possivelmente de corpo semi-hemisférico (n.º 150). Estes bordos encontram filiação em recipientes dos séculos XVII-XVIII, sendo que, a evolução se verifica no tamanho reduzido das pegas, como se poderá observar no conjunto de caçoilas n.ºs 151-154. No primeiro caso foram encontrados exemplares no Convento de Montejunto (CARDOSO, 2007, p.72); em S. Miguel, Açores (ARAÚJO & OLIVEIRA, 2020, p. 130) e em Almada, na Quinta do Almaraz (CAPOTE

et al., p.133). Quanto aos restantes fragmentos existe referência para o exemplar n.º 153, em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 327). No Cadaval, Serra de Montejunto, principalmente no que se refere ao fragmento de tacho n.º 154, observa-se semelhança ao nível do bordo, embora aquele contexto se refira como de uma bacia vidrada (CARDOSO, 2007, p. 71-72e 73).

Os três exemplares de **tachos**, apresentam características bem diferenciadas. O fragmento n.º 155 apresenta a particularidade de possuir bordo plano com inflexão interna, sendo que as paredes se apresentam rectas, verticais ou oblíquas, ou mesmo curvas, como é o caso do exemplar exumado na lixeira da Quinta do Almaraz (CAPOTE *et al.*, 2020, p. 133).

A forma do exemplar n.º 156 poderá ainda corresponder a modelos dos séculos XVII-XVIII, próximo do modelo recuperado numa aldeia de pescadores, sítio da Malha da Costa – Tróia (CASIMIRO *et al.*, 2020, p. 56). A parede, com bordo de secção circular, inflecte internamente, provocando uma carena alta, de perfil arredondado, onde foram aplicadas as pegas triangulares, horizontais, a partir das quais se desenha o corpo de perfil troncocónico. O terceiro exemplar (n.º 157) apresenta-se como um novo modelo do ponto de vista formal, em que as paredes quase rectas apresentam lábio descaído internamente, podendo ostentar asas verticais, Lisboa, rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 166), ou simplesmente pequenos apontamentos de pegas triangulares, como no caso do exemplar encontrado em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 325). Este modelo perdurou no trem de cozinha das produções das nossas olarias, sendo possível, ainda na actualidade, associá-lo a receitas tradicionais que não dispensam este material, por conferir aos alimentos sabor característico.

Três exemplares correspondem a distintos bordos de taças (n.ºs 158, 159 e 160) com ausência de perfil completo. No primeiro caso, o fragmento apresenta paredes curvas, o bordo com lábio espessado e descaído internamente. No segundo exemplar, em faiança portuguesa, com lábio ligeiramente apontado existe uniformidade na espessura das paredes. Apresenta decoração vegetalista, azul sobre branco na superfície externa. Trata-se de modelo recorrente no século XIX, com paralelos na Açores, Ponta Delgada (ARAÚJO & OLIVEIRA, 2020, p. 91) e num exemplar de importação (inglês), recolhido em Setúbal (SOARES *et al.*, 2018, p. 62).

O terceiro fragmento apresenta paredes esvasadas, com bordo e lábio ligeiramente espessado, ambos descaídos. As superfícies são revestidas a vidro plumbífero, melado. O exemplar mais próximo foi encontrado no conjunto exumado em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 325).

Na cerâmica de cozinha figuram ainda duas **saladeiras**. O exemplar n.º 161 ostenta lábio de perfil triangular, formando aba, evoluindo para paredes troncocónicas pouco espessadas. Esta peça encontra paralelo no conjunto de mesa exumado em Lisboa, em contexto dos inícios do século XX (REIS *et al.*, 2020, p. 150) e no material recolhido na rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 156), tal como o fragmento n.º 162 que apresenta bordo de secção triangular, formando pequena aba e paredes troncocónicas (*idem*, p.147).

As **tampas** são elementos indispensáveis na loiça de uso culinário. Pretende-se, desta forma, proteger os alimentos, quer durante o processo de confecção, quer para garantir as comidas quentes durante mais tempo. Variam, na forma, consoante as tipologias e sua função, facto que fica demonstrado nos três exemplares deste conjunto.

No caso do fragmento n.º 163, considera-se que se trata de um modelo utilizado possivelmente numa cafeteira, atendendo à forma e dimensão. O corpo, de paredes curvas, apresenta pequena aba com ressalto, que apresenta similitude com o exemplar recuperado em Lisboa, na rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 189). O fragmento n.º 164 representa um modelo de grande dimensão, associado a formas como: panelas, tachos, caçoilas ou frigideiras. Em relação ao exemplar n.º 165, com base plana e pitorra ao centro, trata-se de um pequeno **testo**, utilizado para proteger contentores de líquidos (*idem*, p. 190).

O registo de **pratos** em faiança traduz-se numa única forma, com temáticas decorativas distintas, imbuídas de influências externas, representada pelo fragmento n.º 166, produção de Lisboa, possivelmente da segunda metade do século XIX, cujo bordo, com decoração a azul tipo *shell edge ware*, se tornou recorrente nas nossas mesas. A presença destes exemplares ficou documentada em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 322); em Carnide, no Palácio de Sant’Anna (BATALHA *et al.*, 2021, no prelo); em Lisboa (REIS *et al.*, 2020, p. 151) e rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 205). Em relação ao exemplar n.º 167, trata-se de um prato em faiança, com decoração vegetalista, policroma, onde predomina o verde envolto por filete laranja. No conjunto de materiais exumados em Lisboa, na rua do Vale, foi analisado um pequeno fragmento, cuja decoração se apresenta muito próxima deste exemplar (LEÃO, 2021, p. 246).

A peça n.º 168 apresenta aba e ressalto de parede com parte do fundo, preenchido com decoração vegetalista, policroma, em que predominam os tons azul, amarelo e laranja.

O último prato (n.º 169) corresponde a um fragmento em faiança, de fabrico português, imitação das produções inglesas, *transferware*, no qual predomina a cor negra. Esta decoração conheceu larga difusão espacial e temporal na baixela de mesa, em praticamente toda a Europa, ostentando diferentes registos cromáticos.

A completar este universo de elementos cerâmicos, importa referir fragmento de bordo de **bilha**. Apresenta paredes ligeiramente curvas e lábio arredondado (n.º 170). Este exemplar encontra correspondência com o modelo de perfil completo, exumado no Poço dos Paços do Concelho, em Torres Vedras (CARDOSO & LUNA, 2006, p. 106).

Os fragmentos de **bacios**, com bordo em voluta, muito pronunciada (n.ºs 171 e 172) figuram entre os exemplares exumados numa lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz e que os autores datam entre 1890 e 1910 (CAPOTE *et al.*, 2020, p.135). Um bacio com o mesmo tipo de bordo foi exumado na Rua do Vale, e datado dos finais do século XIX / inícios do século XX (LEÃO, 2021, p. 198).

5 – CONCLUSÕES

O resultado da análise dos espólios recuperados nas intervenções realizadas entre 2000 e 2007, no local onde outrora se implantou a *villa* romana veio comprovar a longa diacronia de ocupação daquele espaço, não obstante a sua exiguidade no tocante à área ocupada, actualmente situada no centro histórico de Oeiras.

O estudo incidiu principalmente sobre produções cerâmicas, cujas cronologias se encontram balizadas entre a Alta Idade Média e a Época Contemporânea, reservando-se a publicação dos materiais romanos e pré-romanos para outra oportunidade.

Os trabalhos arqueológicos agora publicados vieram completar os resultados da intervenção realizada em 2017 e 2018, na rua Marquês de Pombal situada a cerca de 200 m de distância. Dada a proximidade entre os dois locais pode considerar-se a hipótese de que alguma relação tenha existido entre ambos, visto ser inegável que participaram e integraram a mesma dinâmica de povoamento da actual vila de Oeiras. Com efeito, da análise dos materiais então publicados, tal qual aqueles que são dados agora a conhecer, foi possível retirar significativas ilações no que concerne à evolução da ocupação do espaço urbano presentemente existente e do qual devem ser considerados como pré-existências, doravante claramente comprovadas pela Arqueologia.

A Alta Idade Média encontra-se representada por reduzido número de peças, onde as painéis ocupam um espaço de referência. É possível que na fase de abandono da *villa* o eixo ocupacional se tenha transferido e com ele parte significativa dos seus habitantes. Contudo, a partir do século VIII, o local conhece uma “reocupação”, que irá manter até à actualidade.

O conjunto cerâmico exumado em contexto relacionado com a presença islâmica mostrou-se homogéneo correspondente a cronologia entre os séculos VIII-XII, abarcando quase completamente aquele domínio no que respeita território português, desde época pouco ulterior à invasão, até ao período da reconquista cristã. Embora significativo do ponto de vista cultural esta presença é, no entanto, residual, se se considerar o número de panelas, *ataifores*, contentores de líquidos e potes/talhas recolhidos, tendo presente a amplitude cronológica em apreço. Curiosamente, os contextos que ofereceram maior número de materiais encontram-se datados do século IX e posteriormente no século XII. Figuram alguns exemplares decorados através de técnica de incisão, de influência exógena, mas também a aplicação de pintura em bandas, a barbotina.

Facto relevante prende-se com a componente lúdica, representado pois o único exemplar exumado durante os trabalhos arqueológicos, obtido a partir de telha decorada, insere-se nesta cronologia.

O período medieval cristão conta com materiais diversificados, entre os quais um numisma de D. Sancho II (1223-1248). Neste conjunto predominam as caçoilas, alguidares e panelas, em que figuram os exemplares característicos, compreendidos entre os Séculos XIII e XV, diminuindo o número de contentores de líquidos. As pastas são mistas, resultando numa componente cromática entre os vermelhos escuros e os cinzentos. Observa-se, no entanto, que alguns destes materiais mantêm filiação nos modelos de cronologia islâmica, a exemplo de outros contextos da mesma época.

Tal como o anteriormente referido para os objectos exumados na Rua Marquês de Pombal, este período caracteriza-se pela alteração no paradigma alimentar, em directa relação, com a introdução de produtos, oriundos do “Novo Mundo” e que, deste modo, vêm enriquecer a nossa culinária, conferindo uma nova forma de estar e comer à mesa, também expressa através da componente estética, ligada às produções de faiança e materiais exógenos, tais como as porcelanas.

Os dois numismas exumados correspondem a ceitis e datam do século XV, comprovando a continuidade de ocupação do mesmo espaço. Reportam-se ao reinado de D. Afonso V, época em que ocorrem alguns exemplares de cerâmica fosca, constituído por panelas, caçoilas e alguns pratos, cuja frequência aumenta no século XVI. Fica no entanto por esclarecer a ausência das malgas carenadas, tão características deste período.

Da Época Moderna, é também um conjunto de taças em cerâmica fosca, assim como os alguidares datados maioritariamente do século XVI, vidrados no interior, apresentando bordos diversificados.

No que se refere ao conjunto constituído por exemplares em faiança, verifica-se a existência significativa de pratos e taças, datados dos séculos XVII-XVIII, tal como os bacios de quarto, cujas pastas são compatíveis com as características produções de Lisboa. No plano decorativo não se verifica grande diversidade. Para além dos fragmentos decorados com motivos vegetalistas, registam-se os semi-círculos concêntricos e um motivo de contas.

Observa-se uma percentagem reduzida de elementos característicos desta época, tais como as panelas do século XVIII, ou a cerâmica modelada, tão difundida em contextos arqueológicos desde o século XVI, mas que, constituindo ínfimos fragmentos, não tornou possível o seu registo gráfico.

A sequência material em apreço culmina com alguns exemplares dos séculos XIX-XX. O número de panelas é residual, por oposição ao número de caçoilas, tachos e tigelas, estas na sua maioria em faiança, decoradas com motivos vegetalistas ou fitomórficos.

Dois pratos apresentam decoração vegetalista policroma e outros dois exemplares, de produção industrial, reflectem, do ponto de vista decorativo, influências exógenas, com filiação em modelos ingleses.

Outro factor relevante prende-se com a ausência significativa de produções exógenas. Registaram-se apenas dois fragmentos de pratos, um com origem em produções sevilhanas dos séculos XV-XVI e um outro em porcelana chinesa de exportação dos séculos XVII-XVIII. Esta quase absoluta ausência não poderá ser

justificada com questões de índole económica, dado que o século XVIII se encontra bem documentado em Oeiras, através das estruturas palacianas e religiosas, consequência da vitalidade e prestígio, conferido ao local por acção do Marquês de Pombal. Deste modo, a falta de homogeneidade de alguns conjuntos fica por explicar, bem como a sua relação com os contextos em que foram exumados, dado que na quase totalidade dos casos se trata de materiais que foram sendo sucessivamente depositados nos diferentes espaços objecto de trabalhos arqueológicos. Na verdade, a dispersão estratigráfica vertical dos materiais observada em todas as áreas escavadas e a sua fragmentação, têm explicação nas sucessivas intervenções antrópicas ocorridas no local ao longo dos tempos, a par do transporte para ali realizado de entulhos oriundos de outros locais, por ora indeterminados, do espaço urbano da Oeiras alto-medieval, baixo-medieval e moderna, cuja existência, a par dos resultados das escavações anteriormente realizadas na Rua Marquês de Pombal, fica agora claramente confirmada através da Arqueologia.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1874) – *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Imprensa Nacional, Vol. I. Lisboa.
- ARAÚJO, J. & OLIVEIRA, N. (2020) – Uma (pequena) janela, aberta pela Arqueologia, sobre o quotidiano urbano micaelense de final de oitocentos (São Miguel, Açores). In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 91-122.
- BARREIRA, P.; DÓRDIO, P. & TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do XVIII. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Câmara Municipal de Tondela*, p. 145-184.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G. & GONZALEZ, A. (2012) – A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca – A louça Doméstica. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 699-710.
- BATALHA, L.; PEREIRA, S. & BARROS, L. (2008) – Espólio dos Séculos XIV – XV: Silo 12 da rua da Judiaria – Almada. *Anais de Almada*. Câmara Municipal de Almada, n.ºs 9-10, p. 35-93.
- BATALHA, L. & CARDOSO, G. (2013) – Um Poço Seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *EMERITA* – Estudos de Arqueologia e Património Cultural, 1, Lisboa: p. 113-140.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2016) – Portuguese Faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisboa (17th-18th centuries). *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th – 19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, p. 27-38.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII. Dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 951-962.
- BATALHA, L.; NETO, N.; PEÇA, P.; BRITO, S. & CARDOSO, G. (2017) – Os Silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In ARNAUD, J. M. & MARTINS A. (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1751-1766.

- BATALHA, L.; MONTEIRO, M. & CARDOSO, G. (no prelo) – O Palácio de Sant’anna em Carnide: Estruturas e cultura material entre o período moderno e contemporâneo. Comunicação: Teatro Aberto, 19 de Novembro, 2021, *III Congresso de Arqueologia de Lisboa*. Centro de Arqueologia de Lisboa.
- CABRAL, J. P., CARDOSO, G.; & ENCARNAÇÃO, J. d’(2009) – Sondagem Arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda. In *A Casa dos Azulejos de Cascais. De palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*. Câmara Municipal de Cascais, p. 202-241.
- CAPOTE, M.; SEQUEIRA, J. L.; BARROS, L. & CASIMIRO, T. M. (2020) – Uma lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz em Almada e a importância da gestão dos lixos urbanos (1890-1910). In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p.123-141.
- CARDOSO, G. (2007) – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval, trabalhos arqueológicos realizados em 2003. *Arqueologia do Cadaval*. Cadaval, 3.
- CARDOSO, G. (2009) – Sondagens Arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º Encontro de cultura e Património do Cadaval*. Câmara Municipal do Cadaval, p. 43-82.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO J. d’ (1990) – Uma sondagem de emergência no casal do Clérigo (Estoril – Cascais). Arquivo de Cascais – *Boletim Cultural do Município, Câmara Municipal de Cascais*, n.º 9, p. 45-62.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018a) – As Cerâmicas Alto Medievais das *villae* do *ager* Ocidental de *Olisipo* – Lusitânia. In Iñaki Martín Viso, Patricia Fuentes Melgar, José Carlos Sastre Blanco y Raúl Catalán Ramos (coord.) *Cerâmicas Altomedievales en Hispania y su entorno* (s. V-VIII D.C.), Zamora Protohistórica, p. 159-188.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018b) – Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 146-181.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018c) – Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer. In SOARES, J. (Coord.), *MUSA – Arqueologia Urbana e História Local*, 5, Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 101-114.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2022) – “O Casal do Clérigo entre o século V e o X”. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 22.
- CARDOSO, G. & LUNA, I. (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval, p. 99-124.
- CARDOSO, G. & LUNA, I. (2012) – Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII: Um olhar através dos objectos do Poço dos Paços do Concelho. In TEIXEIRA, A. & BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-mar da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 163-172.
- CARDOSO, G. & RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI, encontrados em Cascais. *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 575-585.
- CARDOSO, G. & RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVIII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*, n.º 6, p. 193-212.
- CARDOSO, G.; NETO, N.; BATALHA, L.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2019) – Vestígios da Produção cerâmica no Lado Ocidental de Lisboa durante os Séculos XVII e XVIII – Dados de uma Intervenção Arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In *Arqueologia e História*. 69, p. 87-97.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras, 6. p. 361-365.

- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras, do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2017/2018) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A Presença Romana, Visigótica, Islâmica e Portuguesa no Centro Histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 28. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 277-336.
- CASIMIRO, T. M.; BISCAIA, F.; MARTINS, A. M. & MONTEIRO, A. (2020) – Comunidade e identidade marítima. Uma aldeia de pescadores na Península de Tróia nos finais do século XIX. In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 49-64.
- CATARINO, H. (2008) – Cerâmicas islâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha. In DIOGO, J. M. (ed.) 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Tondela, p. 33-48.
- FERNANDES, I. M. (2016) – A cerâmica e seu uso em Portugal, a partir de posturas, Taxas e regimentos de Oleiros (séc. XII a XVIII): a análise de algumas peças. *Actas do X Congresso Internacional, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves, p. 200.
- FERNANDES, I. C. F. & CARVALHO, A. R. (1997) – Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval* 5. Edições Afrontamento, p. 221-241.
- FERNANDES, I. C. F.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas Muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, Oeiras, p. 97-115.
- GOMES, A. (2007) – Moedas Portuguesas e do território que hoje é Portugal. Edição da Associação Numismática de Portugal, 5^a edição. Lisboa.
- GOMES, M.; GOMES, R. & GONÇALVES, J. (2017) – Objectos produzidos em materiais duros de origem animal, do Convento de Santana, de Lisboa. In ARNAUD, J. M. & MARTINS A. (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2017–Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 85-105.
- GONÇALVES, J. L. M. & CARVALHO, E. (2006) – O Convento dos Dominicanos da Serra de Montejunto (Cadaval). *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste, Cadaval 26, 27 e 28 de Novembro de 2004, Auditório dos Bombeiros Voluntários do Cadaval*. Cadaval, p. 67-78.
- LEÃO, G. A. (2021) – *Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboaeta: a Rua do Vale, entre o final do século XIX e o início do século XX* (C. 1880-1920). Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Fevereiro 2021. Universidade Nova de Lisboa. (Disponível em Mail Drop até 10/03/2022).
- MAGRO, F. A. C. (1986) – *Ceitis*. Sintra: Instituto de Sintra.
- MARQUES, A. & BATALHA, L. (no prelo) – Casa da Severa (Mouraria, Lisbon): Christians and muslines, ruptures and continuities in material culture. In *Actas del III Congreso Internacional sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo*. Granada (2021).
- PINHEIRO, H.; SANTOS, R. & BATALHA, L. (2021) – A cerâmica do século XVII recolhida no Poço – lixeira da Rua dos Bacalhoeiros em Lisboa. In *Actas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa, p.352-381.
- PINHO, A. N. (2014) – Os testemunhos materiais da cripta e silo da Igreja de São Pedro: considerações várias. In *Coruche, o Céu, a Terra e os Homens*. Museu Municipal de Coruche, p. 105-128.
- REIS, A.; ROQUE, J.; FILIPE, V.; CASIMIRO, T. (2020) – A voz dos esquecidos. Evidências materiais de pobreza na cidade de Lisboa nos inícios do século XX. In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 143-156.

- RODRIGUES, S. (no prelo) – A Presença Medieval na villa Romana de Caparide – Vivências e Continuidades. Projecto de dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, R. C. (2012) – Primeira abordagem a um depósito Moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional Machado de Castro). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 877-890
- SILVÉRIO, S. & BARROS, L. (2005) – *Arqueologia no Castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002-2004)*. Resultados preliminares. Câmara Municipal do Fundão.
- SOARES, J.; PEREIRA, T. R.; DUARTE & Mouro, C. (2018) – Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do Núcleo Defensivo da Ribeira ou “Castelo”. In SOARES, J. (coord.), *MUSA – Arqueologia Urbana e História Local*. Setúbal. 5, p. 51-78.

Fontes da Web:

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/7123484> [Consultado: 10/02/2022]